

**UNIVERSIDADE DO PORTO – U. PORTO  
FACULDADE DE LETRAS – FLUP  
PROGRAMA PÓS-DOCTORAMENTO**

Relatório final de Atividades de Pós-Doutoramento



**Título:** Leitura do Café na Dimensão Virtual

**Autor:** Silvia Maria do Espírito Santo

**Supervisor:** Prof. Dr. Armando Malheiro da Silva

**DEPARTAMENTO:** Ciências da Comunicação e da Informação

**PROGRAMA DE PÓS-DOCTORAMENTO:** Informação e Comunicação em Plataformas Digitais

**GRUPO DE PESQUISA:** Grupo de Estudos e Pesquisa Pítia (CNPQ)

**LOCAL E PERÍODO:** PORTO – 01 de outubro de 2014 - 01 de julho de 2015 (Bolsa Fapesp-Brasil) – 01 de dezembro de 2015 (finalização)

## Sumário

Agradecimentos	1
Resumo	2
Apresentação	3
Introdução	5
“A busca eterna com tudo que tem relação com o café”	5
Quadro 1 – Etapas do processo de produção da Pesquisa de pós-doutoramento	17
Quadro 2 – Construção do objeto segundo o Método Quadripolar	31
Capítulo 2	36
Ler as informações do Café	36
Quadro 3 – Origem etimológica da palavra CAFÉ e sua tradução ao redor do mundo	41
Quadro 4 – Taxonomia do Café	48
Figura 1 – Modelagem de Rota: Etiópia – Arábia – Indonésia / Portugal – Indonésia/ Portugal – América Central – Brasil – África.	54
Figura 2 – Mapa dos corredores cristão e muçulmano de comércio do café. Espaço terrestre: 1. Etiópia; 2. Iêmen; 3. Turquia; 4. Espaço Intermediário; 5. Mar Negro/Egito;	79
Quadro 5 – Espaço Intermediário - Marítimo e Terrestre - durante o Império Otomano (1299-1922).	80
Capítulo 3	82
Memória classificada do Café	82
Fonte: Elaborado pela autora, 2017	92
Quadro 9 – <i>Polo Técnico</i> . Exemplo de resultado de extração inicial de termos técnicos relativos ao Café	110
Quadro 10 – <i>Espaço – Território – Região</i> . Levantamento parcial de termos extraídos de fontes documentais.	110
Figura 3 – Relações entre os traços e termos que emergem polissemicamente associados ao Café	112
Quadro 11 – <i>Conjuntos de conceitos e termos</i> permitidos por corredores vicinais da economia e espelhados nas culturas regionais na construção de corredores virtuais.	117
Quadro 12 – <i>Roteiro de elementos</i> para ladrilhar os corredores da representação produtiva	119
Quadro 13. <i>Quadro ilustrativo da ordenação da informação</i>	119

<b>Capítulo 4</b>	<b>120</b>
<b>O cotidiano das cidades do Café e a “repetição sem memória”</b>	<b>120</b>
<b>Capítulo 5</b>	<b>150</b>
<b>Infografia e dimensões virtuais das identidades, das simbologias e do trabalho</b>	<b>150</b>
<b>Quadro 14 – Estudo para exposição concebida enquanto um dos produtos finais deste empreendimento</b>	<b>167</b>
<b>Quadro 15 – Infografia - <i>Termo Agente</i> em língua portuguesa e em língua turca</b>	<b>182</b>
<b>Capítulo 6</b>	<b>189</b>
<b>Para ladrilhar as dimensões virtuais do Café</b>	<b>189</b>
<b>Quadro 16 – Infografia - <i>Indicação de conceitos e termos</i></b>	<b>192</b>
<b>Referências</b>	<b>196</b>

#### Lista de Figuras

Capa – Mapa Mundi do Café. Fonte: Criação Amarildo Diniz, 2016

Figura 1 - Modelagem de Rota: Etiópia – Arábia – Indonésia / Portugal – Indonésia/ Portugal – América Central – Brasil – África.....54

Figura 2 – Mapa dos corredores cristão e muçulmano de comércio do café. Fonte: Elaborado pela autora, 2017.....79

Figura 3 – Relações entre os traços e termos que emergem polissemicamente associados ao Café..... 112



### **Agradecimentos**

Desde sempre agradeço aos meus irmãos Marta e Iran pelo amor, fidelidade e amizade. Aos primos que me acolheram na cidade do Porto, Cezira e Rodrigo; às professoras Dra. Graça Simões, (in memoria) e Profa. Dra. Maria Manuel Borges da Universidade de Coimbra; à Profa. Dra. Fernanda Ribeiro, da Universidade do Porto; ao pesquisador Rafael Medeiros Coelho da Universidade de Istanbul e Universidade Boğaziçi; aos novos amigos no mundo tão velho que pude encontrar, no Porto e em Istanbul, durante a permanência em Portugal e na Turquia. Mas, nos ângulos dos quadrantes dos encontros, o meu agradecimento especial ao professor Armando Malheiro de Silva que, além de orientador, destinou a mim a sua atenção com total apoio acadêmico, em meio às conversas fermentadas pelas boas idéias durante os dias ainda alegres na cidade do Porto. Agradeço à FAPESP, em destaque a Juliano Oliveira Marquetti, e aos colegas (docentes e funcionários) do Departamento de Educação, Informação e Comunicação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, a eficiência administrativa e a confiança no cumprimento deste trabalho de pesquisa.

## Resumo

Trata-se de um estudo do fenômeno da Informação, estruturado a partir dos polos do Método Quadripolar, no âmbito social e na escolha do Café como um tema. Objetivou-se análise da representação sógnica social do Café, destinada aos produtos na dimensão virtual, em referência aos documentos coletados em diversos arquivos públicos no Brasil, Portugal, Itália e Turquia, e das possíveis e amplas interpretações a partir do polo epistemológico. Com objetivos científicos voltados para instrumentalizar a leitura do Café, a partir do fenômeno da informação, a classificação conceitual da Memória é indispensável na informação estruturada nas bases teóricas das Ciências Sociais. A metodologia baseada na coleta de dados de pesquisa empírica, apriorísticas das operações mentais, do polo técnico, aproximou traços culturais dos elementos da palavra Café. Os resultados, instrumentalizados pela coleta e análise informacional, definiram quatro dimensões da organização e interpretação da informação do café, desde o desenvolvimento sistêmico, tecnológico e simbólico, das operações criadas a partir da leitura na direção à infografia na dimensão virtual.

**Palavras-Chave:** Fenômeno da Informação-Café- Método Quadripolar-Memória-Dimensão Virtual

## Abstract

It is a study of the phenomenon of Informative, structured from the poles of the Quadripolar Method, in the social sphere and the choice of Coffee as a theme. The objective was to analyze the social sign representation of Café, aimed at products in the virtual dimension, in reference to documents collected in various public archives in Brazil, Portugal, Italy and Turkey, and the possible and broad interpretations of the epistemological pole. With scientific objectives aimed at instrumentalizing the reading of Café, based on the phenomenon of information, the conceptual classification of Memory is essential in structured information on the theoretical bases of Social Sciences. The methodology based on the collection of empirical research data, a priori of mental operations, from the technical pole, brought together traices of the elements of the word Café. The results, instrumentalized by informational collection and analysis, defined four dimensions for the organization and interpretation of coffee information, from systemic, technological and symbolic development, to operations created from reading towards infographics in the virtual dimension.

**Keywords:** Phenomenon of Information-Coffee- Quadripolar Method-Memory- Virtual Dimension

## **Apresentação**

A pedido da Autora deste Relatório final de Pós-Doutoramento e na qualidade de tutor do projeto, é com imensa satisfação que acrescento algo a um produto intelectual e científico que tive a honra de acompanhar em todas as fases de elaboração e remate.

A Doutora Silvia do Espírito Santo propôs-se fazer um pós-doutoramento na Faculdade de Letras da Universidade do Porto no âmbito das Ciências da Comunicação e da Informação com uma temática que não era nova para ela, fazia parte de uma trajetória de etapas académicas anteriores. E eu apesar de não ter trabalhado a temática especificamente tomei a proposta como desafio e sugeri que os objetivos fixados para este período pós-doutoral deviam ir além de uma mera pesquisa que prolongasse o doutoramento.

Aliás, vem a propósito lavar, aqui, uma conceção que venho consolidando a respeito do teor do pós-doutoramento no campo das Ciências da Comunicação e da Informação da FLUP. Considero útil considerar duas possibilidades: (a) pesquisa de cariz mais teórica ou pura na linha do que é usual fazer-se nos programas doutorais; ou b) pesquisa teórica associada à implementação de algo que beneficie a instituição a que o pós-doutorando pertence ou que tenha impacto na comunidade académica, região ou país de origem do referido Autor/a. Ambas as modalidades são válidas, mas não escondo a preferência pela segunda sobretudo tenho em conta a avaliação muito positiva que os projetos que nela se inseriram acabaram por proporcionar.

O projeto de pós-doutoramento aqui condensado inscreve-se na segunda alínea e tem já revelado efeitos marcantes da vertente “prática”, baseada na conceção de meios

infocomunicacionais projetados para um alinhamento temporal longo e em devir. Destaque para um website e para exposições e, entretanto, a riqueza da temática em pauta presta-se ao aparecimento dinâmico de iniciativas outras, inicialmente não previstas, mas que a interação do projeto com o(s) público(s) tornam inevitáveis.

Desde a sua origem euro-asiática até se tornar emblemático em territórios como o brasileiro, o café tem história e desdobra-se em “estórias” e leituras múltiplas e encadeáveis, sendo o trabalho que aqui se apresenta um fundamental catalisador de um processo investigativo e interpretativo assaz promissor.

Armando Malheiro da Silva

## Introdução

### “A busca eterna com tudo que tem relação com o café”

*Minha homenagem aos povos que saíram de tantas partes e vieram para cá.*

Esta é a frase fixada para anúncio comercial em letras pretas, fonte no modelo “Lucida Calligraphy”, em um painel metálico no aeroporto de Guarulhos, São Paulo, Brasil. Com apelo poético, a construção da frase é comunicativa de sentido para quem está de passagem e, agora, serve para intitular a introdução do presente trabalho. Como o efeito dos saís de prata utilizados para fixar a imagem no suporte papel no antigo processo de revelação fotográfica, o painel incita à leitura. Exige-se, contudo, certo esforço do leitor para lê-lo, ao evitar o reflexo da luz do teto incidente na placa de cor cinza da propaganda do local.

A placa, majestosa, é impeditiva do fluxo de pessoas por estar disposta em área de passagem do aeroporto paulista. Lendo-a é preciso estar na posição frontal desde o balcão e solicitar algo à balconista do estabelecimento comercial onde se vende lanche, água e café. Tomar um café ou tentar uma comunicação via internet, tal qual o usuário sentado em bancos de madeira no Bar-Café, envolve a sensação terrível dos ambientes das despedidas, das inseguras e incertas partidas, da ansiedade do voo imaculado pela segurança tecnológica do inventor financiado pela produção do café daquele cafeicultor Henrique Dumont, pai do engenheiro brasileiro Santos Dumont.

A frase estampada tem apelo exagerado e ameaçador ao aplicar a palavra “eterna”. Seria, pois, um voo para a eternidade? No entanto, há uma declaração afetiva, uma aclamação romântica, balzaquiana, proibitiva e em sentinela no espaço “quase aéreo” do aeroporto. Afinal, como manter contemporânea a mensagem romântica, como romancear

tal qual Antonio Vivaldi (1678-1741) nas *Quatro Estações* se não há mais estações a serem cultuadas e sentidas?

O café é potencial elemento do romantismo explorado em mitos, lendas remotas e prelúdio para encontros. Tais palavras, em frase apelativa e propagandística, indicam sensivelmente os argumentos cognitivos que podem orientar a pesquisa sobre o café ou, no tom do exagerado “eterno”, nelas flutuam as muitas vidas envolvidas com um produto da agricultura há séculos em circulação mundial. Além disso, a busca “com tudo”, evocada na frase, remete a um amplo universo que inclui também o gosto, o sabor e o aroma que envolve os encontros das xícaras nos ambientes urbanos nas mãos do trabalhador, do negociante, do mercador ou do agente.

Tal conjunção “com” denota a relação e a justa dinamicidade entre os elementos do universo do café, pois se trata da busca que ao mesmo tempo encontra e envolve os elementos com que se depara no movimento mesmo desse *eterno*, reiterando a contemporaneidade do objeto Café suscetível às transformações do mundo, a depender da perspectiva com que é observado. O uso do “com” explicita a licença poética da publicidade reforçando o sentido das palavras *eterno* e *tudo* no contexto em que as transformações são próprias de sua natureza – principalmente se pensarmos em movimentos hoje tão comuns de gourmetização do café, por exemplo, que têm redescoberto e reinventado suas características para atualizá-lo socialmente.

“A busca eterna com tudo que tem relação com o café” – percebida com o teor da apropriação das informações e significações românticas – torna-se frase dotada de efeito ilustrativo para o momento propício ao início de uma viagem de pós-doutoramento em Portugal. Ambígua enquanto declaração poética de cunho propagandístico, o que nesta frase pode soar como pieguice, e que parece significar à primeira vista incabível aos tempos cruelmente ásperos, tempos onde se impõem relações sociais baseadas em

insegurança individual e percepções desumanizadas das realidades culturais, foi percebido como constituinte do sentido do principal elemento da frase exposta naquele Bar-Café do aeroporto.

O fim dos pensamentos relâmpagos diante de tal placa estava, assim, demarcado pelo último gole do café na xícara que ainda se bebe quente e apressadamente, por ansiedade ou conclusão da escolha de um ato de realizar pós-doutoramento na Universidade do Porto. O café encoraja, então, um novo processo de viagem e de conhecimento. Em vista disso, o sentido da frase no painel começa a evidenciar-se cada vez mais.

Apesar do que parece ser uma escolha vocabular exagerada na mensagem, a palavra “eterno” contribui para manter implícito um dos sentidos da frase que cumpre o papel de informar ao leitor a vinculação profunda da cultura brasileira com o solo de produção agrícola no passado e no presente. Assim depreende-se o impacto significativo desse sentido na ampliação do alcance da propaganda, que se dirige a quem saberá decodificar/codificar as intenções, ações e os desejos dos agentes nos espaços de entrada e saída das localidades, das relações sociais, da sociabilidade e dos subprodutos resultantes do Café.

O Café secularmente foi degustado em lugares secretos, privados ou públicos, provocador das economias edificantes das cidades, presente nas negociações introdutórias das modificações sociais radicalizadas nas gestões humanas. As palavras no letreiro são enfáticas, tal como na descrição balzaquiana de que “Há palavras que, semelhantes às trombetas e aos címbalos, sempre atraem o público” (Balzac, 2007, p. 120). Percebe-se, pois, que a frase anônima no aeroporto possui o mesmo apelo de um personagem que envolve mundos diversificados em suas culturas, que se sentem acolhidas no sabor conhecido da bebida café.

A apropriação do Café como tema de investigação do fenômeno social, no campo das significações cotidianas, históricas e simbólicas, objetiva estimular a leitura dos contextos e/ou estruturas da sociedade, nível em que se encontram as particularidades culturais de dado grupo social. O percurso da pesquisa Brasil-Portugal-Itália-Turquia viabilizou a coleta de informações dos acervos arquivísticos e museológicos, aplicado como metáforas da expressão “os corredores do café”, dotados de informações organizadas. São os elementos históricos, factuais e simbólicos que constituem a sua dimensão virtual, a percepção do utente (usuário) sobre o produto Café, tal qual é o caminhar sobre os ladrilhos desses corredores do café e percebê-los na História.

A descrição da metodologia estabelecida na pesquisa foi realizada em análise nas próximas páginas com o apoio de pesquisa e tradução alunos da graduação, na época, da Universidade de Istambul, José Rafael Medeiros Coelho e Uğur Güney, que se vincularam ao projeto para levantamento de documentos e extração de termos de forma simultânea ao curso da investigação, nos meses de maio a setembro de 2015.

Busquei realizar a pesquisa de pós-doutoramento com o desenvolvimento da linguagem observando os muitos significados, num cenário acadêmico favorável em Portugal e no Brasil, com apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) e Universidade de São Paulo (USP), além das orientações do Prof. Dr. Armando Malheiro da Silva, da Universidade de Letras do Porto, dos contributos imensuráveis do conhecimento sempre socializado e fundamentados pela vivência científica do grande professor que é.

De qual informação estamos falando? A ideia de buscar no Café vetores de uma estrutura complexa da navegação nos corredores marítimos, atravessando os oceanos do universo dominado pelos historiadores, seria arriscada demais se não constituíssemos,

antes, as âncoras necessárias para atingir as metas durante as tempestades e as altas marés conceituais.

Nas próximas linhas farei uma breve apresentação das intenções e do desenvolvimento do eixo formal da investigação sob o ponto de vista dos fenômenos sociais na esfera institucional.

As fontes de pesquisa selecionadas receberam influências da formação das Ciências Sociais e, a partir de determinados pressupostos fundados nas humanidades, fundiram-se na percepção do fenômeno informacional, essência da teoria da informação e da revolução informacional fundada no conceito “aldeia global”, nas comunicações do canadense Marshall McLuhan (1977; 2009). A formação da graduação em sociologia e política no Brasil, mais especificamente à Fundação Escola de Sociologia e Política, oriunda dos anos de 1970, foram bem-vindas as referências do pensamento crítico baseadas no conhecimento sociológico, histórico e econômico em que se associam os princípios humanísticos para daí localizar teorias da aproximação entre história, economia, sociologia e filosofia.

Na Ciência da Informação, uma Ciência Social Aplicada, o discurso da memória é associado aos preceitos do documento Histórico, no ponto de vista de seu Tratamento e Conservação (Silva, 2010). As exigências das preservações da escrita e do papel, assim como a disponibilização, ainda são pouco adaptadas ao interesse do usuário, quando há uma realidade inevitável no rompimento que necessariamente se dá na realidade entre os sentidos materiais e imateriais de um objeto.

Os arquivos públicos, protegidos pelos governos civis e democráticos, admitem as bases da teoria documental, no sentido de fortalecerem os laços da gestão documental com o acesso informacional aos usuários. O investigador, ao deparar-se com documentação histórica, não se satisfaz nem do ponto de vista da materialidade nem da

imaterialidade da informação. Com as vertentes da informação oriundas das materialidades do documento são empreendidas investigações a partir da representação codificada, projetada nos sistemas da informação, bálsamo do universo dos pixels. Nestas bases seguimos os passos: revisão teórica e organização de produtos de acesso à informação, verificando as raízes das Ciências Sociais para identificar o problema do acúmulo informacional e da contradição imposta pelo restrito conhecimento a respeito do condutor, do arcabouço histórico do Café.

A temática História do Café diz respeito à Organização Documental e se relaciona ao princípio da organicidade documental, que atravessa a história da arquivística a partir da Revolução Francesa. São conceitos derivados das fontes clássicas hoje relativizadas porque produzidas no registro da comercialização do produto e que, na atualidade, se legitimam pela interatividade informacional por meio de bases de dados informatizadas após os processos de conservação do documento e sua posterior digitalização.

Os Arquivos Municipais, resultantes dos Poderes Executivo e Legislativo, são organizados de acordo com sua estrutura político-jurídica e servem ao acesso dos interesses da população civil e às pesquisas científicas e culturais. Deve-se pontuar, contudo, que as bases da Ciência da Informação percorreram o século XIX rompendo com a noção romântica da informação enquanto sinônimo de “notícia”, considerando que foi da novidade que o mundo da classificação empírica formulou a ordem do pensamento das descobertas científicas.

Giddens (2003), em *Constituição da Sociedade*, auxilia a identificar a argumentação de que a informação estruturada pode resultar em outras estruturas codificadas e usuais por populações diferentes. Assim, a informação estrutural do café na dimensão virtual foi o motivo da análise e do percurso de viagem previstos em projeto (Proc. FAPESP 14/16070-0 - Universidade do Porto, Portugal), visando argumentar sobre

a necessidade de construção de outros meios para a leitura do Café observando, principalmente, as vias ou corredores e seus arredores ou contextos culturais específicos.

De acordo com Giddens (2003, p. XXXV), “(...) considera-se “estrutura” o conjunto de regras e recursos implicados, de modo recursivo, na reprodução social, as características institucionalizadas de sistemas sociais têm propriedades estruturais no sentido de que as relações estão estabilizadas através do tempo e espaço”.

Ao tentar responder à pergunta sobre *qual é função do documento* projetam-se nas mentes investigadoras o lugar, o tempo, os agentes e, se quisermos, poderíamos ainda complementar com outra pergunta, além das deduções de Giddens, para provocar a visão da realidade: “de que forma” a leitura do Café pode acontecer em diversos acervos e culturas?

Na organização interna deste relatório, o primeiro capítulo define-se a partir das etapas do processo de produção da pesquisa de pós-doutoramento, a decisão do objeto, as relações do Método Quadripolar<sup>1</sup> e o conceito *informação*, advindo da publicação *Dinâmica da Pesquisa em Ciências Sociais – os polos da prática metodológica*, dos autores Paul de Bruyne, Jacques Herman e Marc de Schoutheete, prefaciado por Jean Ladrière e traduzido por Ruth Joffily, publicado pela Editora F.Alves, Rio de Janeiro, em 1977; e atribuições dos fundamentos históricos do objeto dinâmico na história mundial do Café. Dos quatro polos do Método, incentivada da leitura pelo prof. Armando Malheiro da Silva, houve uma preferência refletiva do polo técnico, entre os outros: epistemológico, morfológico e teórico. “A “informação” torna-se “dado” pela própria aplicação das técnicas de coleta; opera-se uma seleção específica segundo as problemáticas da pesquisa ou mesmo segundo as hipóteses de trabalho que orientam a

---

<sup>1</sup> Método Quadripolar. In DeltCi - Dicionário Eletrónico de Terminologia em Ciência da Informação. Universidade do Porto. Lisboa: s.d.

elaboração e a verificação teórica”. (Bruyne; Herman; Schoutheete, 1977, p. 203). Para efeito de ilustração a citação anterior indica que a satisfação da coleta evidencia a interpretação por isso, o segundo capítulo, trata de expor as operações mentais capazes de organizar as informações e estimular temáticas para facilitar a leitura da complexidade da história nos cotidianos dos trabalhadores.

O terceiro capítulo apresenta, por sua vez, as estruturas sociais e os simultâneos corredores e da dimensão virtual do café, a partir do estudo da memória e aplicação na presente pesquisa.

O capítulo quarto propõe visualizar a ação dos mediadores na área do Patrimônio Cultural, apropriando-se do mito de Sísifo e do papel mediador do documento como registro cultural. Tal processo culmina na análise da substituição da palavra campo e da noção de campo por arredores dos territórios a partir do entendimento de que “arredores” são margens fortalecidas e inexploradas no campo social das frequências do fluxo das informações desenhando, assim, uma *corredorgrafia* experimentada a partir da observação de seus significados.

O capítulo quinto propõe a síntese em forma de Infografia para definir a dimensão virtual dos corredores do café. As considerações finais, no sexto capítulo, demonstram as experiências percorridas para ladrilhar os corredores do café, valoriza a morfologia no plano contextual da cultura, da relação entre informação e documento, para provocar desdobramentos em práticas e como possíveis objetos de pesquisa, na dimensão virtual, a partir das construções de Infografias.

Neste estudo, convido o leitor para pensar a leitura considerando recortes temporais e breves anotações da História luso-brasileira, fundamentadas por referências de historiadores contemporâneos, pesquisas investigações baseadas na leitura documental e das interpretações que vasculham os dados coletados. Convido-o, ainda, a reconhecer

as apropriações e os desenhos projetados no espaço das inúmeras maneiras de manejar a informação sobre os produtos naturais como o Café, que tomo como sentido principal e orientador das pesquisas de campo e das referências documentais de acervos históricos, além das referências bibliográficas sistematizadas na metodologia necessária à organização e ao tratamento documental e informacional próprios das instituições curadoras.

## Capítulo 1

### Informação Café e o Método Quadripolar

Na Ciência da Informação, além do estudo do fenômeno informação, procura-se a utilidade para o uso da informação nas diferentes formações dialógicas das estruturas sociais, de modo que tais preocupações pouco estão presentes ou evidentes diante do avanço das soluções tecnológicas frente às contradições dos sistemas sociais implicados. Para além de possuir estímulo para compreender tais contradições/formações/realidades buscando algum sucesso no talvez utópico enfrentamento da leitura documental, será preciso codificá-las para ancorar os receptores ou grupos mais aproximados de suas necessidades que, imediatamente, poderão submetê-las a um novo fluxo ou ciclo informacional.

Para iluminar este estudo retomo as proposições exploradas por Giddens (2003) referentes a bibliografia citada quanto às generalizações recorrentes nas Ciências Sociais, com ressalva às ocorrências que se normalizavam para recuperar a informação do âmbito técnico; o pensamento do autor me é pertinente quando afirma que as discussões teóricas oferecem o embate da relevância das leis naturais com as concepções de que o sujeito recebe, por base, as influências das relações sociais oriundas da produção, reprodução e transformação dos sistemas, todas elas implicadas nas variações em relação ao espaço-tempo, com o desenho das coordenadas baseado na cognição do sujeito, na dimensão macrosistêmica em que age e, ao mesmo tempo, se influencia por tais variações advindas da percepção da informação fenomênica.

Com o objetivo de analisar as maneiras pelas quais o fenômeno informacional evidencia-se sobre a sociedade, a partir dos estudos da Cultura e da História do Café, percebe-se que se dá em formatos diversos de mediações e apropriações da sociedade.

Em outras áreas além das humanidades sociais como, por exemplo, as biológicas ou agrotécnicas, tais relações entre a informação e a sociedade são objetivadas nas regras e teorias dominadas nas áreas das humanidades.

O sujeito cognoscente é o eixo pensante, vigilante das realidades trabalhadas, o proprietário das cognições dos âmbitos institucional, governamental ou da sociedade civil, sobretudo quando se tem por regras as concepções das diversidades da cultura. Todavia, há necessidade de verificações constantes no estudo das relações políticas, culturais, religiosas e na linguagem metaforizada do cotidiano nas expressões linguísticas relativas ao café e envolvidas na função de socialização dos elementos temporais da comunicação na dimensão da sensibilidade.

As morfologias analógicas e digitais estruturais das instituições de curadoria material do suporte documental são percebidas e combinadas quando necessário. Refiro-me ao conjunto de expressões metafóricas em que tais categorias estão expostas e humanizadas, envolvendo a interpretação virtual e a imaginação do sujeito cognoscente: aroma, cor, forma, fogo, água etc.

A interpretação tem o poder de “revelação da matéria” (Sartre citado por Bachelard, 2013) considerando o seu sentido sonoro, a sua ação mecânica e também a contemplação à forma: cheio, vazio, reto, curvo etc. O papel ritualístico do café, na sociabilidade dos cotidianos, remete à redenção, ao calor, entre outros adjetivos. Ainda, a contemplação remete ao gosto ou aos sentidos do ver, ouvir e sentir.

Na procura dos conteúdos modificados na temporalidade histórica, o utente sente-se livre para criar metáforas na leitura documental dos contextos culturais e vê-se auxiliado na investigação pela ideia inicial de aplicar as vias aqui esboçadas.

Desse modo, são valorizados os conjuntos documentais baseados no conceito da *organicidade* desenvolvido pela Arquivologia, dos processos de gestão da informação em

arquivos, museus e bibliotecas. Deste princípio compreende-se a característica fundadora ou propriedade dos conjuntos documentais, que se mantém na completude dos significados dos registros humanos através das séries organizadas em que se geram as dimensões analógicas e digitais mencionadas.

As características morfológicas do termo “organicidade” apresentam importantes indícios para a compreensão do caráter orgânico como principal qualidade dos arquivos. A palavra “organicidade” é formada por três morfemas: o radical “organic” + vogal temática “i” + sufixo “dade”. O sufixo “dade” é acrescido aos adjetivos para formar substantivos que expressam a ideia de estado, situação ou condição. Logo, inferimos que “organicidade” corresponde à condição do que é orgânico. Portanto, o termo “organicidade” pode ser entendido como “qualidade do que é orgânico” (Nascimento, 2012).

O conceito de organicidade é tão instrumental quanto o próprio conceito de “documento”, que advém de *docere*, dotado do valor semântico de ensinar e instruir. Não seria a organicidade, pois, uma propriedade implícita e indissolúvel do conceito de documento? Pela via da Ciência da Informação, documento não é informação. As duplas não são irmãs siamesas, e se ainda necessitamos relativizar as informações registradas e seus suportes do ponto de vista da organização, tal fato se dá porque em certos ambientes estas informações também estão fundadas em razões sociais, políticas e influenciadas igualmente pela extensão territorial continental, como ocorre em nosso país.

As intenções da centralização republicana dos documentos, dos arquivos, bibliotecas e museus não atingiram um sistema único de acesso informacional dos documentos históricos. Há, então, diferenças no acesso devido às diferenças sociais. Se compreendermos a geração dos documentos públicos, e também do mundo privado, como documentos que se constituem enquanto veículos da informação, ainda há muito que se

fazer na área de implantação e gestão documental aberta e socializada frente às graves diferenças de classe no Brasil e no mundo.

A informação, quando humanizada, tem o poder de romper estruturas frente aos problemas das estruturas sociais diversas (vide as instituições clássicas como os museus, arquivos e bibliotecas). As informações institucionais estabelecidas nas propostas de comunicação eletrônica, por exemplo, levam muitos sujeitos a considerarem-se afortunados a partir das amplas possibilidades de usufruírem de “tanta informação” e dimensioná-las na virtualidade. Contudo, no Brasil e outros países em desenvolvimento (há quem diga subdesenvolvidos) impõe-se o mundo dos limites nos processos de apropriação do sujeito enquanto mediador no universo desconhecido e representativo dos conteúdos e das informações. Embora não seja a única via, é a partir da ampliação tecnológica dos mundos do som e da imagem que se pressupõe a democratização do acesso e uso da informação, processo que se encontra em pleno vigor. (Burke, (2010).

**Quadro 1 – Etapas do processo de produção da Pesquisa de pós-doutoramento "O corredor do café virtual confluyente na dimensão da informação estruturada"**  
(out/2014 a jul/2015 - Proc. FAPESP 14/16070-0 - Universidade do Porto, Portugal)

ETAPA	LOCAIS	AÇÕES DE PESQUISA - LEITURA DOCUMENTAL E ANOTAÇÕES
Consulta aos acervos de Arquivos e Museus	<ul style="list-style-type: none"> <li>• São Paulo</li> <li>• Lisboa</li> <li>• Cidade do Porto</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Roma</li> <li>• Istanbul</li> <li>• Bursa</li> </ul> <p>Pesquisa relacionada ao levantamento de documentos, leitura documental, tradução e interpretação de dados</p>
Confecção do relatório de pós-doutoramento. Texto equivalente à pesquisa desenvolvida junto à Universidade do Porto	Relatórios finalizados na Universidade do Porto (Portugal) e na Universidade de São Paulo (Ribeirão Preto-SP, Brasil)	Produção textual organizada em capítulos e organização de Imagens e sistematização dos dados registrados em Cadernos de Campo
Verificação e coleta de anotações baseadas em bibliografia dos períodos Colonial e Imperial brasileiro. Anotações baseadas em leitura das imagens iconográficas	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Arquivo do Estado de São Paulo (Brasil)</li> <li>• Museu da Imigração (São Paulo, Brasil)</li> </ul>	<p>Arquivo do Estado de São Paulo. Diretoria da Agricultura. Caixa - CO7856 Período: 1873-1874-1882</p> <p>Arquivo do Estado de São Paulo. Museu da Imigração. Lista de ingresso de imigrantes: <a href="http://inci.org.br/acervodigital/upload/livros/pdfs/L0_01_013.pdf">http://inci.org.br/acervodigital/upload/livros/pdfs/L0_01_013.pdf</a> Período: 1881-1889</p>
Coleta de informações qualitativas em Museus, Arquivos e Bibliotecas	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Arquivo Histórico Ultramarino<sup>2</sup> (AHU) - Lisboa, Portugal</li> <li>• Arquivo Nacional da Torre do Tombo (ANTT); Direção Geral de Arquivos - Lisboa, Portugal</li> <li>• Arquivo Municipal do Porto – Porto, Portugal (Ver: <a href="http://gisaweb.cm-porto.pt/">http://gisaweb.cm-porto.pt/</a>)</li> </ul>	<p>Ofício do Juiz de Fora da Praça de Santos. Sobre aumento da produção do café e expansão da vila (AHU-São Paulo; cx. 9; doc. II / AHU-CU-023, cx. 11, D. 532, Santos, 1788)</p> <p>Parecer do Conselho Ultramarino sobre representação na Câmara da Vila de São Sebastião da Capitania de São Paulo. Solicita suspensão de tributos sobre açúcar, sal, aguardente, café, arroz e algodão (AHU-São Paulo; cx. 27; doc. 13; cx. 17: doc 17, Lisboa, 1806 / AHU-CU-023, cx. 28, D. 1264, 1806)</p> <p>Requerimento de Francisco e Melo Palheta ao rei D. João V. Solicita carta de sesmaria das terras que lhe foram doadas (AHU-CU-009, cx. 20, D. 2069, 1733 / AHU-CU-013, cx. 18, D.1688, Belém do Pará, 1735)</p>

(continua)

<sup>2</sup> A pesquisa no Arquivo Ultramarino foi realizada em 2011, período anterior ao levantamento de dados do projeto de pós-doutoramento iniciado em 2014.

(continuação)

ETAPA	LOCAIS	AÇÕES DE PESQUISAS – LEITURA DOCUMENTAL E ANOTAÇÕES
Coleta de informações qualitativas em Museus, Arquivos e Bibliotecas	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Arquivo Histórico Ultramarino<sup>3</sup> (AHU) - Lisboa, Portugal</li> <li>• Arquivo Nacional da Torre do Tombo (ANTT); Direção Geral de Arquivos - Lisboa, Portugal</li> <li>• Arquivo Municipal do Porto – Porto, Portugal (Ver: <a href="http://gisaweb.cm-porto.pt/">http://gisaweb.cm-porto.pt/</a>)</li> </ul>	<p>Francisco de Melo Palheta. Carta de confirmação de terras no Rio de Obitiba, caminho do Rio de Tauga para baixo, entrando por ele dentro no Maranhão (ANTT - Índices da Chancelaria - próprios de comuns. D. João V Chancelaria. Folhas 206-477. Livro 37-193 <i>folio</i>. 8 de fevereiro de 1712)</p> <p>Arquivo de coleções privadas. Livros de Carga de Tomaz Araujo Lobos (1835-1852). A-PRI- AM. “Livro de carga que desta cidade ao Porto conduz para o Rio de Janeiro a Barca Portuguesa Amelia. Capitão Antonio José Ramalho, à consignação do Sr. Joaquim Ventura de Magalhães Reiz Auzente Sr. José Bento Araujo Barboza”, Porto, 11 de julho de 1836. A-PRI 13 TAL 45. Carregamento presunto, prata, cebola, linho, louça, sal. O livro especial traz na primeira página uma ilustração “ao senhor Thomaz Antonio di Araujo Lobo”. Em maio de 1839 descreve-se um carregamento de couro e café, açúcar, arroz, goiabada e tapioca. A-PRI 13 TAL 44 (1839).</p>

<sup>3</sup> A pesquisa no Arquivo Ultramarino foi realizada em 2011, período anterior ao levantamento de dados do projeto de pós-doutoramento iniciado em 2014-2015.

	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Bibliotecas, Museus e Arquivos de Istambul e Bursa (Turquia)</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>– Biblioteca Atatürk – Istambul</li> <li>– Museu Uluumay Osmanlı Halk Kıyafetleri ve Takıları Müzesi – Bursa</li> <li>– Arquivo Otomano – Istambul</li> <li>– Museu Pera Müzesi – Istambul</li> </ul>
	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Arquivo Otomano. Devlet Arşivleri Genel Müdürlüğü<sup>4</sup>. Istambul (Turquia)</li> </ul>	<p>A. MKT. MHM. 727/12-Z-25-13  A. DVN. MKL. 88/11/1309/29/1  A.E. SABH.I. 146 9873 1192/B/11-1 (cópias digitais em DVD)</p>
Revisão teórica e pesquisa sobre Organização Arquivística e Museológica a respeito do fenômeno da informação e documental referente ao Café e a questões teóricas e metodológicas da Ciência da Informação (CI)	<ul style="list-style-type: none"> <li>• São Paulo</li> <li>• Lisboa</li> <li>• Cidade do Porto</li> <li>• Istambul</li> </ul>	<p>Artigos referentes à pesquisa e participação em Congressos Internacionais (FAPESP) (Ver: <a href="https://bv.fapesp.br/pt/auxilios/83146/1-congresso-isko-espanha-e-portugal-xi-congresso-isko-espanha/">https://bv.fapesp.br/pt/auxilios/83146/1-congresso-isko-espanha-e-portugal-xi-congresso-isko-espanha/</a>)</p>
Verificação das referências bibliográficas do texto do pós-doutoramento	-	-

<sup>4</sup> A República da Turquia, em nome de seu primeiro-ministro, e a Direção Geral do Arquivo do Estado assinam o guia do Arquivo Geral do Arquivo do Estado, publicado em Ankara (2001).

Constantinopla, a cidade cristã, foi tomada pelos turcos otomanos em 29 de maio de 1453. Até então as rotas do comércio de especiarias estavam valorizadas pela qualidade de conservação de alimentos e passaram a ter peso de moedas. O bloqueio dos turcos otomanos aos mercadores cristãos provocou mudanças entre Portugal e Espanha que

“passaram a organizar expedições de exploração, visando encontrar rotas alternativas por terra e por mar. Era esse o objetivo de Portugal quando investiu numa nova via, procurando garantir o monopólio do comércio.” (Schwarcz; Starling, 2018, p.23)

As autoras, Schwarcz e Starling (2018), descrevem as decisões tomadas por Portugal quando adotou como opção estratégica de avanço terrestre e marítimo a dar continuidade ao comércio até o Oriente, através do caminho que circundava o continente africano, durante o largo tempo de um século, até que se efetivasse como uma alternativa de rota navegável. A Espanha, em 1492, também em momento de fortalecimento do resultado da unificação em Estado Nacional, reorganizava as relações com Portugal, e assinou o Tratado de Tordesilhas. Nos séculos XVI e XVII a América do Sul era disputada entre Portugal e Espanha e a tentativa de amenizar os conflitos entre as coroas foi necessário fixar em documento (tratado) dividindo o continente em duas partes de domínios e explorações.<sup>5</sup> Deste tratado, as linhas territoriais imaginárias estavam riscadas em cartografias ilustradas entre o Belém do Pará (ao norte de hoje), até o Rio da Prata, ao Sul, passando onde hoje é a cidade de Laguna, Santa Catarina. Esta linha, resultado do

---

<sup>5</sup> “O acordo representava o resultado imediato da contestação portuguesa às pretensões da Coroa espanhola, que um ano e meio antes chegara ao que se acreditava serem as Índias, mas que se tratava de um Novo Mundo, reclamando-o oficialmente a Isabel, a Católica. Nem se sabia onde esse mundo ia dar; mas ele já tinha dono e certificado de origem”. (Schwarcz; Starling, 2018, p.24).

diploma de 1494, foi modificada e aplicada ao território ainda não descoberto e colonizado. (Schwarcz; Starling, 2018, p.24).

Os conflitos entre luso-brasileiros e hispano-americanos foram intensificados a partir da conquista do oeste, das largas terras de extensões latifundiárias e seguiu por todos os séculos seguintes. O esquadramento territorial em divisões de 14 capitanias, em 1534, com a exploração da borracha, da madeira provocou o extermínio ou a expulsão dos índios de suas terras para prosseguir a dominação da terra, da mão de obra escrava indígena, prover a exportação do pau-brasil, do açúcar e dos recursos minerais. O Tratado de Utrecht discutia a expansão luso-brasileira, destinando os poderes a Portugal, no ano de 1737.

A fronteira com a Guiana Francesa continuava no Oiapoque. Os franceses de Caiena não tinham abandonado o projeto de detê-la até o Amazonas. Continuaram a frequentar o Cabo Norte, sempre que puderam, porém contidos nos ímpetus expansionistas organizavam-se por destacamentos luso-brasileiros, ora fixos, ora volantes, que policiaram incessantemente a região das fronteiras. O comércio clandestino era tentado sem grandes resultados (Buarque de Holanda, 1989).

O leitor mais habituado com a história do Café, narrada pelo viés da oficialidade, logo compreende a ligação de um personagem à saga do grão pelo norte do Brasil ao associá-la à figura de um Sargento-mor do Exército Português, Francisco de Melo Palheta, que foi destinado a fiscalizar e mapear os limites da geografia amazônica. A inserção da imagem de um desenho de um homem de farta barba, largamente reproduzida nos livros didáticos, reforçando a narrativa visual dos conquistadores, implica na confirmação da masculinidade do conquistador de origem européia<sup>6</sup>. Nessa imensidão

---

<sup>6</sup> A história da disseminação do café no Brasil está associada a uma lenda de fundo passionale será descrita no capítulo 02.

territorial amazônica e verde, onde se demonstra adestrado no domínio da natureza, a figura masculina reforça o heroísmo capitaneado por figuras míticas. Efetivamente, os registros desses homens técnicos e defensores do espaço aqui conquistado deixaram inúmeros documentos em repositórios públicos, desde os séculos XV até o XVIII.

As descrições simplificadas abaixo se inserem na identidade material dos documentos dos arquivos e da coleta que caracterizam a trajetória cultural e histórica da introdução do Café no Brasil (Furtado, 2000).

Documentos microfilmados do instituto dos Arquivos Nacionais da Torre do Tombo, do Núcleo para Transferência de Suportes, protegido pelo operador que foi Olinda Soares, na data de 21/07/2006, máquina Dukan, em leitora de filmes de acetato, oferecem dados da Câmara Modelo Jacknau, SB, 1U, exposição 4.0, redução 21, emulsão 3739103.

Os documentos trazem a identificação arquivística do Fundo da Companhia Geral do Grão Pará e Maranhão, da secção Junta de Lisboa, da série: Livro Diário. Unidade de Instalação: Diário A, 1755 a 1760, Código de referência: PT-TT-CGGPM/A/1/1. Cota Companhia Geral do Grão Pará e Maranhão, Diário A., n.1, com consulta no arquivo no dia 8 de novembro.

O livro n.1, microfilmado, com vantagem de leitura e retorno mecânico sem afetar as páginas, descreve as relações das cargas dos navios, entre chapéus ingleses para homens, mobiliário, vestimentas, alimentos, especiarias e a referência sobre o café, todavia bem inferior à produção de outras mercadorias. A produção brasileira para exportação será significativa apenas no século seguinte, segundo Furtado (2000).

O cafeeiro foi introduzido no Rio de Janeiro em 1774, mas muito tempo se passou antes de se tornar um artigo de exportação. Em 1800 saíram dez sacos por este porto e treze em 1813. Em 1817 verificou-se o primeiro grande embarque com cerca de sessenta

e quatro mil sacas; daí a 1851 a exportação aumentou constantemente, atingindo nesse último ano a cifra de mais de dois milhões de sacas (Smith, 1941, p. 23).<sup>7</sup>

A expansão da Companhia Geral do Grão Pará e Maranhão criou um fluxo documental de livros numerados, descrevendo fazendas e remessas vindas de várias partes do terceiro quartel do século XVIII, com função predestinada ao controle de importação e exportação de mercadorias. Os documentos gerados por obrigação legal foram acumulados e recolhidos. O arquivo possui 500 livros e 150 maços de documentos avulsos. As entradas conferem ao ano anterior a 1760, Lisboa 6 de janeiro de 1760.

A pesquisa, iniciada há mais de dez anos<sup>8</sup>, não se definiu como vertente das ciências naturais, da botânica e muito menos dos fatos “instalados” na história econômica. Os estudos sobre o Café, na literatura brasileira, sejam eles convergentes para as definições científicas das terminologias aplicadas às áreas diretamente associadas à Ciência da Informação, relacionam-se à História Cultural, de domínio da Sociologia, da Economia Agrária e utilizada em estudos da área do Agronegócio, botânica ou Marketing Digital como contraponto das significações culturais que pululam nas instituições ou no âmbito do mercado.

A principal ferramenta do trabalho, embora não conclusiva, compreendeu a observação (contemplação) e leitura do documento de arquivos, bibliotecas e museus com um recorte voltado para a atenção à realidade da consciência social do trabalho, à necessidade humana de cultivar a terra conquistada, às reverberações no chão que recebeu a força dos negros escravizados e dos povos imigrantes na direção da construção das

---

<sup>7</sup> As vastidões do plantio do café iniciarão no século XIX, quando a ocupação de terras férteis começa a dar os primeiros indícios de enfraquecimento, cedendo lugar a os infinitos pastos de bovinos, soja ou a o plantio de cana-de-açúcar, do agronegócio e problemas de alterações climáticas já irreversíveis.

<sup>8</sup> O doutorado realizado sob a orientação do Prof. Dr. Eduardo Murguía Marañón, no Programa de Pós-Graduação da Unesp – campus Marília, na Ciência da Informação foi desenvolvido em dois anos por obrigatoriedade da contratação como docente na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, ainda com o título de mestre, em 2004.

novas lógicas de sobrevivência onde, por sua vez, se produziram novas significações materiais e simbólicas.

Nesse sentido, os documentos dos arquivos públicos visitados em quatro países (Brasil, Portugal, Itália e Turquia) foram reconhecidos, selecionados, lidos, transcritos, relidos e interpretados combinando-os à percepção individual das leituras, no âmbito acadêmico e hoje aceitas amplamente porque são baseadas e edificadas em conceitos da Memória e História (Candau, 2013, p.74). Essas leituras evidenciaram a simplicidade com que podemos ver e sentir as significações, interpretando o que possui a capacidade de transformação – o grão, a plantação até tornar-se a bebida e o local café<sup>9</sup> e que pode determinar os signos para representar estruturas das sociedades nos países antes colonizados, como é o caso do Brasil.

Num momento como esse, quando há convergência digital quase absoluta dos projetos tecnológicos no mundo da informática, nada mais justo do que dar nova vida aos conceitos adormecidos na academia e que têm avanço atualizado na Universidade do Porto, graças aos esforços de professores da área da Ciência da Informação, e as correlatas. Refiro-me ao Método Quadripolar, com origem nas Ciências Sociais (Silva, 2014, p.27-44) que, uma vez aplicado à Arquivologia no Curso de Ciência da Informação, é objetivado na tentativa de superação das dificuldades em conceber os documentos de arquivo nas unidades administrativas como canais comunicantes de um sistema de organização maior. Entre o uso da análise crítica do documento, na perspectiva de sua transformação, o presente texto reinterpreta traços e conceitos das teorias sociais no contexto social global (Cellard, 2008, p. 295-313).

O método, utilizado principalmente na arquivologia pós-custodial e ainda pouco adotado no Brasil, permite dar visibilidade à organização dos dados como na configuração

---

<sup>9</sup> Barra, Carmo (1904).

e na figura de 4 polos de orientações sistêmica<sup>10</sup>, entre o levantamento prático e as reflexões teóricas, necessárias às diretrizes da organização e interpretação do conjunto documental.

Do trecho extraído do artigo *Método Quadripolar e a pesquisa em Ciência da Informação*, de autoria do Prof. Armando Malheiro da Silva (2014) abaixo citado, depreende-se o entendimento sobre o que é um método operatório aplicado à compreensão do “mundo da informação do café”, quando se poderá avançar na proposta para além da leitura do documento histórico e da inferência factual dos dados históricos ou relativos pressupostos culturais:

Trata-se do modelo quadripolar, ou seja, Paul de Bruyne, Jacques Herman e Marc de Schoutheete conceberam a prática metodológica como um espaço quadripolar, desenhado em um determinado campo de conhecimento. Eles situaram-se em nível de uma metodologia geral, ficando-se mais pelas diretrizes orientadoras e não tanto pela inscrição numa perspectiva instrumental e tecnológica ou lógica, que reduziria a investigação a um conjunto de procedimentos ou etapas lineares (como as sete etapas de Quivy; Campenhoudt, 1998, p.30). [...] Distinguiram, por isso, quatro polos metodológicos no campo da prática científica: o epistemológico, o teórico, o morfológico e o técnico (...) (Silva, 2014, p. 34).

De acordo com a clássica distribuição dos argumentos no método científico baseado na ciência moderna, entre coleta e interpretação há algo que não se restringe à influência da coleta dos dados por ser da ordem das significações sugestionadas que lhe são próprias.

“O polo epistemológico é de base”, como afirma o professor Malheiro da Silva em entrevista realizada em 2015 para o projeto de pós-doutoramento, entre xícaras de café e uma bela vista das grandes janelas da cantina da FLUP (Faculdade de Letras da

---

<sup>10</sup> Figura de quatro polos como o desenho ângulos retos, porém flexíveis e reordenáveis. A episteme é por isso a razão de ser de uma área do conhecimento que prescinde e método. (Poupart, 2008)

Universidade do Porto). No **polo epistemológico** articulam-se as teorias herdadas da formação sociológica, indica-se a episteme e apresenta-se a reflexão para orientação crítica dos pressupostos dos argumentos da teoria em construção.

Começa-se, obviamente, por ativar o polo epistemológico, ou seja, o investigador [passa a] assumir o paradigma em que está formado e dentro do qual prossegue seu trabalho de pesquisa. No caso em foco, a investigação desenvolvida pressupõe a adesão dos investigadores envolvidos no paradigma emergente da CI [Ciência da Informação] – o paradigma pós-custodial, informacional e científico, com a dinâmica interpretativa (Silva, 2014, p. 39).

Seguiu-se que, ao assumir o Café como termo operador baseado no paradigma social da participação vertical dos homens e das mulheres, isto é, na relação de classes sociais e do poder, obteve-se como resultado a construção de estruturas da produção e da criação das suas simbologias. Ler os documentos do Café, proposição do segundo capítulo, conduz ao reconhecimento do documento como células de potência comunicacional do corpo social. Reconhecemos que o trabalho de base da Educação é o de envolver o leitor nos processos iniciais do encontro do pesquisador com o documento, quando há respeito à contemplação ao documento.

Por se tratar de documento histórico, o documento na forma física atrai o sujeito observador e, de tal importância, respeita a sensibilidade do investigador afinado em reconhecer os conteúdos documentais e a qualidade da informação sempre rastreada pela codificação das normas internacionais de citação e das referências bibliográficas, que não se bastam sem si mesmas.

Além dos aspectos das intenções académicas, sustentadas pela realidade absoluta da produção científica, há um espaço, hoje em rede, em que se fixam e flutuam as ideias e teorias no “campo académico”, como nomeia o sociólogo Pierre Bourdieu (2004). Desta

forma, entrelaçam-se o conhecimento científico e o senso comum com a técnica e a teoria adotadas nas práticas voltadas para as sociedades: “em oposição, uma outra tradição, frequentemente representada por pessoas que se filiam ao marxismo, quer relacionar o texto ao contexto e propõe-se a interpretar as obras colocando-as em relação com o mundo social ou o mundo econômico” (Bourdieu, 2004, p. 4).

Os documentos históricos dos registros de compras de escravos, listas de entradas de imigrantes, decretos e leis governamentais estabelecendo condições para a sobrevivência dos emigrados, registros de fixação, de entrada ou saída dos homens refugiados da terra ou das condições impostas pela guerra incomodam pela abundância em relação aos sistemas de organização (ver também Tucci, 2010).

Bourdieu (2004) elaborou a noção de *campo*, como ele mesmo afirma, para ir além do texto e das relações sociais implicadas, onde é necessário somar a dois polos a noção de campo ou o universo onde estão inseridos os agentes e as instituições que os produzem. Da diversidade entre os domínios – literário, artístico, jurídico e científico – dos micros e macrocosmos são obedecidas leis sociais, o “outro” e o campo científico. Sujeito, homem ou o “outro” compreendem-se em conjugação, subtração e quando aferidas as contradições com toda a aflição, a luta, o domínio da força de trabalho no campo familiar para a sobrevivência em terras alheias e obtenção de sonhadas aquisições. Portanto “o sujeito está lá”, como afirma o professor Malheiro da Silva (Espírito Santo, 2019).

O campo científico é um mundo social que facilita a atenção determinada no seu objeto, de acordo com a perspectiva de Bourdieu (2004). A complexidade do método aqui referenciado está na linha que avança em dinâmica da força social, e reconheço que além do “campo” da teoria bourdieana há vasos comunicantes desse corpo social imaginados, sensíveis e que se dão pela exigência da constante vigilância do sujeito em relação ao

conhecimento construído, distanciando-se do senso comum por crítica elaborada na explicação dos fatos.

A vigilância, que é crítica simultânea, evidencia-se como proposta do Método Quadripolar. Assim, requer atenção na coleta de dados e a sua interpretação quase sempre redutiva no sentido qualitativo e quantitativo, que nos aprisiona na permanente construção do objeto e na adoção dos paradigmas recompostos na escrita. Observados na racionalidade do sujeito investigador, estes paradigmas são imbuídos da centralidade da teoria adotada e do que se considera significativo no contexto de pesquisa, que é o seu núcleo temático e, neste caso, trata-se do Café.

O Método Quadripolar nos inspira para este momento catártico diante de dados coletados e da inspiração momentânea aprisionada pelo desejo da descoberta de si mesmo para, depois, ler na fase posterior à contemplação dos documentos e extrair, com acuidade, os melhores elementos do corpo documental.

No pólo técnico, consuma-se, por via instrumental, o contacto com a realidade objetivada, aferindo-se a capacidade de validação do dispositivo metodológico, sendo aqui que se desenvolvem operações cruciais como a observação de casos e de variáveis, a avaliação retrospectiva e prospetiva, a infometria e até a experimentação mitigada ou ajustada ao campo de estudo de fenomenalidades humanas e sociais, sempre tendo em vista a confirmação ou refutação das leis postuladas, das teorias elaboradas e dos conceitos operatórios formulados (Observatório da Ciência da Informação, 2017).

O caráter do **pólo teórico** está em construir etapas do conhecimento, “guiando a construção de hipóteses e conceitos” do lugar da interpretação dos fatos persuadida pela linguagem científica e, por isso, terminológica (Observatório da Ciência da Informação, 2017).

A abordagem sobre os conceitos de estrutura do corredor do café, apoiado nas noções de espaço-território de Giddens (2003) e arredores territoriais indica alguns conjuntos de termos permitidos pelo corredor do café, sustentados pelos argumentos do **polo morfológico** que, como o escultor, dá forma, contornos aos conteúdos e compõe as regras próprias entendidas aqui como ladrilhos da pavimentação de um espaço de circulação- o corredor. Assim, o polo “morfológico é a instância do enunciado das regras de estruturação, de formação do objeto científico, impondo-lhe uma certa figura ou forma, uma certa ordem entre os seus elementos” (Silva, 2014, p. 36). Este, em especial, sugere a construção do produto em exposição de ideias sistematizadas, contribuintes da visualidade material ou virtual.

Por fim, mas não imobilizador, o **polo técnico** possui a função de represar os dados, “controla a recolha dos dados, esforça-se por constatar-los para pô-los em confronto com a teoria que foi suscitada. Exige a precisão na constatação, mas não garante, por si só, a exatidão” (De Bruyne; Herman; De Schoutheete, 1974, p. 35-36 citado por Silva, 2014).

A pesquisa baseia-se, por isso, na metodologia em Ciências Sociais para entender a História e a Ciência da Informação em suas complexidades de organização, tratamento e apropriações informacionais, aprofundadas nos conceitos de temporalidades (termos aplicados às áreas da arquivologia e história); de espaços-territorialidades-localidades (termos aplicados às áreas da geografia, filosofia, sociologia e história) e de agenciamentos como as ações dos homens em locais diferenciados no tempo.

Arquivos e Museus, lugares pontuais da memória ou “memória dos lugares”, como analisa Candau a respeito de Frances Yates e retomados por Pierre Nora (Candau 2013, p.188), são mantidos pelas forças das nações, capazes de se refazerem quando são reflexas na organização da documentação. A leitura do pesquisador, entretanto, é parte

integrante dessa memória, de modo que ao obter-se a visão crítica do fenômeno da informação sucedida pelos resultados da pesquisa propõe-se, simultaneamente, a retomada de conceitos da sociedade tecnológica e informacional.

**Quadro 2** – Construção do objeto segundo o Método Quadripolar

Análise dos Corredores do Café	Polos em articulação	Atitudes previstas
Objeto	Epistemológico	Articula teorias herdadas da formação sociológica, indica a episteme e orienta criticamente os pressupostos da teoria em construção: o delineamento de corredores com seus processos e limites ao longo da investigação (tidas como paradigmas)
Contexto teórico	Teórico	Viaabiliza a estruturação das etapas do conhecimento utilizando-se de aparato terminológico no âmbito científico para formular hipóteses e conceitos a partir do lugar do sujeito que empreende a interpretação dos fatos em articulação com as Ciências Sociais.
Estrutura	Morfológico	Permite a observação de casos e variáveis tendo em vista a confirmação ou refutação das leis postuladas. Demonstração do processo que viabiliza a estruturação e formação do objeto científico. Sugere, em especial, a construção do produto em exposição de ideias sistematizadas, contribuintes da visualidade material ou virtual.
Resultados	Técnico	Afere a capacidade de validação do dispositivo metodológico na realidade objetivada a partir do tratamento dos dados a serem confrontados com os objetivos anteriormente propostos.

Fonte: Silva, 2014. Releitura da autora, 2016.

Algumas considerações teóricas da área podem esclarecer o leitor sobre os fundamentos da escolha de um objeto de investigação (o café, no café, do café) e incentivar proposições futuras para a construção de uma exposição digital.

A facilidade do Método Quadripolar permite-nos deslizar entre polos, não obrigatoriamente realizar movimentos apenas nas linhas do quadrilátero entre polos e ângulos retos, mas sim abranger a geometria simultânea dos polos abertos num movimento direcionado ao pensamento que busca desenhar linhas de acesso entre nós virtuais, visando à fluidez entre os segmentos. Desse modo, conformam-se os corredores para o papel da fruição da informação do Café na sociedade, pautando tal tema em suas próprias bases sociais.

Assim figuram-se túneis, pontes, ruas, mercados, passagens, pistas etc. Procura-se com a comunicação entre os polos atribuir sentidos às informações como se estas fossem elementos decorativos dos ladrilhos que revestem os corredores imaginados. Os corredores são, assim, percebidos, criados e apropriados pelo pesquisador para adaptar os fluxos informacionais e documentais, podendo subsidiar recriações temáticas e detectar importantes áreas de atuação quando arejados pelo conhecimento das técnicas sistêmicas do arquivo. Verifica-se, desta forma, os procedimentos da atividade do pesquisador:

A metodologia de pesquisa deve continuamente estar atenta à qualidade epistemológica de sua abordagem, elaborar a teoria, purificar os conceitos, fazer a crítica dos dados. Além disso, deve esforçar-se por pensar seu objeto num espaço configurativo, um espaço qualquer de representação, por articular os conceitos, os elementos, as variáveis numa arquitetura mais ou menos rigorosamente construída (De Bruyne; Herman; De Schoutheete, 1977, p. 159; 1974, p. 151 citado por Silva, 2014).

Os dados disponíveis pelos programas eletrônicos, caracterizados em banco de dados, repositórios ou plataformas digitais, pedem passagem ao conhecimento de maneira menos rígida nas arquiteturas da imaginação virtual. Para que haja aproveitamento da consolidação dos conceitos e sua posterior sistematização objetivam-se novos fluxos informacionais nas sociedades. A proposta, dessa introdução, é facilitar ao leitor o encontro com as entradas na temática. Assim, justifico que a aplicação do método Quadripolar criou o esboço da estrutura do conteúdo da pesquisa no trabalho de pós-doutoramento, determinou situações definitivas para refletir o texto no contexto histórico do Café, sendo o polo morfológico, de minha escolha, foi esculpido pelas ideias primárias da organização de vias sub-temáticas, minimizando o aprofundamento dos demais polos.

Estamos diante de um problema de reconhecimento da informação contextual histórica do Café, objetivada como fenômeno no campo da interpretação a partir da ferramenta da leitura, codificada em eixos da representação de corredores nos quais os seus arredores abarcam a constituição das estruturas sociais. São identificados os contextos culturais e sociais tomados nos estudos do termo Café, como um signo de comunicação do cotidiano. Desta forma, as reflexões do termo, que para a língua portuguesa enquadra-se no gênero masculino, atravessam as enunciações particulares e do cotidiano social, amplificadas para outros significados advindos das diversas localidades, regionalidades e universalidades implicadas.

O sexto capítulo abraça questões que envolvem o papel da Informação do Café em relação à área Ciência da Informação. A discussão que prioriza estudar o fenômeno da informação não é consensual na Ciência da Informação porque envolve áreas correlatas no mundo da Sociedade Informacional às comunicações e à semiologia, e dela advém o amplo interesse de entendê-lo como um atributo, artefato e documento da sensibilidade humana. Assim, tal discussão torna-se isolada para ser contextualizada e recriada em novas paisagens acadêmicas, desde que haja critério no domínio da unidade no sistema, nas bases das codificações e interpretações. As considerações finais, no sexto capítulo, funcionam como diretrizes históricas dos ladrilhos dos corredores do café, nominalmente as informações documentais analisadas a partir das leituras pontuais em coleções dos acervos dos arquivos e museus brasileiros, portugueses, italianos e turcos.

A partilha da informação levou o homem a construir o documento e, desta forma, se atribuimos à palavra documento a função mediadora do conhecimento passamos a compreendê-la como mais uma das faces da palavra corredor, na ambiguidade semântica que o termo carrega em si – palavra de múltiplas significações e repleta das sedimentações no ato de registrar elementos “ladrilhados” no espaço e no tempo.

As preocupações da investigação do pós-doutoramento intitulado “*O corredor do café virtual confluente na dimensão da informação estruturada*” (Proc. FAPESP 14/16070-0), foram exercitadas durante dois anos contando com a escuta dos colegas da Universidade do Porto e as orientações para o desenvolvimento da investigação dos preciosos direcionamentos da pesquisa, gentilmente trabalhados por parte do orientador Prof. Dr. Armando Malheiro da Silva. A pesquisa acadêmica procurou retomar questões antigas e conhecidas quando envolvidas no interesse científico, em busca da exploração dos documentos combinados com a arte de transformar determinados conteúdos. A orientação indicou autores sem faltas na lista a Profa. Dra. Fernanda Ribeiro, Eduardo Lourenço, Paul de Bruyne, Jacques Herman e Marc de Schoutheete, para fundamentos do pensamento luso-brasileiro e o uso e expansão do documento de arquivo.

O Café ensina esse caminho. Os corredores do café e suas bases sociais são discutidos nesse trabalho, cumprindo um dos itens éticos para uso e apropriações advindas do interesse do usuário. Do mapa criado no território suspenso pela imaginação há, então, malhas viárias representadas como grafias próprias que comportam as propostas futuras de representação para site e exposição, como infografias.

No mundo contemporâneo, mais especificamente no Oriente Médio, ainda resiste o encontro entre homens, crianças, jovens e mulheres, incluindo as de outras sociedades, quando se realiza complexa interatividade do conhecimento que atravessa fatos, imagens, projeções e desejos. Na cultura muçulmana, a leitura da borra do café é descrita entre os dilemas da vida e a tomada de decisões da intimidade, ou figura desenhos visíveis a partir da bebida e do pó acumulado no fundo da xícara.

Convido o leitor a realizar a experiência da leitura simbólica ao tomar o café. A leitura da borra de café talvez tenha origem na leitura das ondas do mar e em profecias dos muçulmanos no Oriente Médio, quando na ausência da cultura escrita os desenhos

naturais da força da água na areia marcavam padrões diferentes que, no encontro entre elas, nas praias dos mares Egeu, Mediterrâneo, Negro, Vermelho, incitavam à leitura.

Ao finalizar a bebida o interessado inverte a xícara e, no repouso, formam-se imagens como as pinturas impressionistas de Willian Turner (1775-1851). Elas representam indicações para solucionar problemas no cotidiano familiar, na convivência com terceiros, no trabalho, na antecipação do sofrimento da morte, auxiliam na retomada da esperança, no caso da ausência de trabalho, dificuldades financeiras, traições, relações amorosas e problemas diversos. Esta simbologia traz, pois, a imagem interpretada através da capacidade cognitiva de quem lê as mensagens inscritas no conjunto do contexto em que se insere. Gilberto Freyre relata sobre o Café mandingueiro e o Café do cotidiano que envolve residências em suas intimidades, na obra civil, nas roças, na empresa e, enfim, nas sortes dos homens.

## **Capítulo 2**

### **Ler as informações do Café**

Ler documentos de acervos a respeito da temática do Café implica antecipar o reconhecimento do que se vê e subsidiar a leitura com a compreensão das significações históricas, combinar os argumentos sociológicos e dirigir um olhar semiótico interpretado à linguagem não verbal que os documentos possuem para além da escrita. Trata-se de um olhar que deve ser capturado pelas significações de suas formas e termos neles contidos, associados aos contextos particulares do Café.

Para o pesquisador, os arquivos são, geralmente, criações humanas repletas de acervos histórico-administrativos de respeitadas instituições produtoras, em esferas públicas municipais, estaduais e federais. Arquivos são adensamentos de registros localizados fisicamente e que, no Brasil, ainda permanecem obscuros ou mesmo ignorados pela a maioria dos cidadãos. Quando os arquivos são abandonados pelos governos, os gestores e pesquisadores são muitas vezes mediadores na resistência política da permanência de uma instituição curadora dos documentos de suas procedências legais e repletos de significações administrativas, permanentes ou culturais. Os atos derivados do desconhecimento da função administrativo-histórica, das fontes científicas e culturais – que possuem o arquivo, o museu, a biblioteca e o centro de documentação – têm sido um dos maiores problemas para a educação brasileira.

Um dos lados das dificuldades destas contradições sociais na educação revela o desprezo na gestão da acumulação documental e da própria existência dos arquivos ou, ainda, as condições pelas quais estão submetidos às políticas partidárias eleitorais. Em menor medida, nas gestões públicas, os arquivos aparecem como implementares das técnicas modernizadoras de organização e acesso; enquanto o outro lado, que é científico,

abarca a função das curadorias desses ambientes e a capacidade de transformação da educação, quando os esforços se dirigem ao acesso social ao documento de arquivo. Uma unidade mínima, uma série de conjuntos formada por essas instituições ou a constituição de grandes, médios ou pequenos conjuntos pode transformar definitivamente o conhecimento humano.

A natureza do documento depende da identificação da procedência e da organização do adensamento do conjunto documental nos processos históricos, principalmente no caso daqueles iniciados no Iluminismo. Apenas o documento na qualidade fetiche, isto é, o documento que recebe modificações sígnica ou é deslocado das atividades de rotina administrativa ou cultural, do fundo documental e custodial, rompe com as funções dos princípios de organicidade e não consegue livrar-se das atribuições ilustrativas na esfera do consumo e do capital cultural. Aí estão os colecionadores e as suas coleções privadas enriquecidas pelos atributos de “valioso”, “raridade”, “autenticidade” etc. Para um “valioso” documento será fácil adquirir a função decorativa nos ambientes ilustrados, livrarias, cafés, nas bibliotecas, residências particulares ou vitrines de museus.

Os precursores de uma abordagem científica no âmbito da Arquivologia<sup>11</sup> avaliam os conjuntos documentais que são produtos da atividade sistêmica humana e contêm, na escrita, as ideias objetivas da comunicação codificadas em grafias diferenciadas em sistemas sofisticados da organização humana. A compreensão da importância social de um arquivo não é fácil para o senso comum e necessita de mediações profissionais, difusão das técnicas para que possam figurar como fonte selecionada aos interessados e para pesquisadores mais habituados às publicações baseadas nas pesquisas fundamentadas em documentos arquivísticos.

---

<sup>11</sup> A bibliografia dessa pesquisa lista os trabalhos na área da arquivologia no Brasil e Portugal.

A intenção, nesse capítulo, não é a busca pela adoção de procedimentos científicos associados estritamente à Arquivologia ou de métodos aplicados aos controles de vocabulários, próprios e sistêmicos dos bancos de dados ou repositórios. Busca-se, antes, expor as operações metodológicas capazes de organizar e estimular temáticas do conhecimento da interpretação documental destinadas à investigação da temática Café. As explicações demonstram como estabeleci critérios de investigação do fenômeno da informação, oriundas das leituras de documentos de arquivo, articulados com a leitura dos objetos museológicos, pertencentes à cultura material, e com o reconhecimento dos arredores territoriais dos contextos culturais. Para além das técnicas e da verificação dos produtos fundados nas normas das classificações Otletiana (Silva, 2002), próprias de um dado tempo e associadas diretamente à Biblioteconomia, valorizei a base epistemológica na orientação de base do Método Quadripolar, em estudo na Faculdade de Letras da Universidade do Porto, que nos inspirou a refletir sobre a relação da organização arquivística, dos contextos históricos e os arquivos.

Assim, há buscas por parte das filosofias modernas por adequações permitidas para a criação dos métodos baseados nas pesquisas inter e transdisciplinares, considerando os estudos vinculados às Ciências Sociais e, delas, a Sociologia, a Comunicação e a Ciência da Informação. Talvez essas prerrogativas justifiquem as intenções desse trabalho.

As investigações associam-se, pois, às bases éticas e humanistas sobre os conteúdos documentais e ao olhar treinado na leitura da extração das informações qualificadas que, quanto à sua natureza, devem ser organizadas e disponibilizadas.

A causa “virtual” do trabalho contemporâneo é abraçada na medida da construção da dimensão na virtualidade (Observatório da Ciência da Informação da Universidade do Porto, 2015). *Quais são os sentidos da virtualidade?* Para responder à pergunta muitos

pensadores, desde a Antiguidade, debruçaram-se sobre ela e, neste momento, recuo para objetivar no texto a dimensão ou as significações que possa ser cognitivamente percebida com o estímulo criado a partir da linguagem natural.

No domínio da linguagem tecnológica é que surgiu a expressão “dimensão virtual”. Todavia, a virtualidade é composta de sentidos ambíguos tanto com relação ao hábito de pensar-se como distinção do real, quanto no que a define como negação, como aquilo que não é a realidade. Pierry Lévy (1993; 1996; 2007) explica que, ao contrário da matéria física, a significação, a interpretação e, enfim, o universo dos signos e significados está presente na virtualidade, mas não para contrapor-se aos conceitos de real, virtual e atual. Qual seria o discernimento discursivo entre os sentidos da informação?

A reflexão sobre os elos entre os sentidos das certezas e incertezas da informação (sobre Shannon e a Teoria da Comunicação ver Gleick, 2012, p. 17-19 citado por Silva, 2016) refere-se à construção de uma tese, mas talvez a permite-se uma “simbiose” multidisciplinar das teorias de abrangência multidisciplinar, seja a boa e nova perspectiva que direciona o trabalho científico e se preocupa com o acesso, a apropriação e a transformação do conhecimento.

Diz Lévy (2007) que a significação é o verdadeiro mundo virtual<sup>12</sup>, o que implica em assumir a leitura como necessidade e o ato de ler como iniciado a partir da reflexão sobre o comportamento da informação. Ao visitar um museu, por exemplo, alguém que tenha a experiência inusitada e surpreenda-se com um objeto exposto denota ali que o sujeito está inserido em contextos culturais das “despartes” e partes das coisas do tempo,

---

<sup>12</sup> Participação como conferencista na série de eventos “Fronteiras do Pensamento”, realizada em 2007. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=sMyokl6YJ5U>>. Resenha: “Pierre Lévy, filósofo da informação, explica o que é o virtual. O conceito, popularmente ligado aos computadores, de acordo com Lévy, passa longe desta conexão. Virtual é a significação da linguagem, nasce juntamente com a humanidade. Virtual é o mundo abstrato da mente, o mundo das interpretações e das relações geradas a partir das interpretações”.

dos fragmentos do processo num esforço por promover a interação com o conhecimento. Logo, está sob influência, percepção e apropriação do objeto em exposição.

Assim, o convite feito conduzirá agora à viagem que se dará ao longo da exposição de uma história particularizada no universo dos produtos carregados de simbologias, trabalhados na racionalidade econômica e social.

## **2.1 Reconhecer o conceito Cultura**

Como apresentado por Giddens (2016), cultura é conceito de forma direta e não reflexa do pensamento humano:

Cultura. Origens do conceito. Devido à sua intrincada história, “cultura, assim como seu suposto antônimo “natureza”, é uma das palavras mais complexas do vernáculo, e uma das mais difíceis de compreender. No século XV, surgiu um importante significado do termo como cultura de lavoura e animais. A partir do momento que seu significado se expandiu para pessoas, cultura passou a significar “aculturação” da mente das pessoas. Na Alemanha do século XVIII, cultura ficou sendo o oposto de “civilização”, sendo a primeira superior à segunda. No século XIX, desenvolveu-se um reconhecimento de “culturas” ou conjuntos culturais, que marca o início do uso científico social moderno. Nesse sentido, cultura se refere a todos os elementos do modo de vida de uma sociedade que podem ser aprendidos, como idioma, valores, regras sociais, crenças, hábitos e leis. Contudo, tradicionalmente cultura não incluía artefatos materiais como prédios ou mobília, porém isso mudou com o crescente interesse dos sociólogos na “cultura material”. O estudo comparativo das culturas, nesse sentido, é um esforço muito abrangente (Giddens, 2016, p. 213).

O Café talvez mereça destaque por ser um produto cultural de origem terminológica e fusão semiótica da civilização ao ter a capacidade de transitar entre cultura e simbologia, produção da agricultura e economia, além de figurar como registro, informação e documentação no âmbito da cultura material diversificada. Presente entre os diferentes polos dos estudos sociológicos, com a sua profundidade histórica, o café é capaz de revelar modos de vida em processos históricos e econômicos do mercado e da produção capitalista.

**Quadro 3** – Origem etimológica da palavra CAFÉ e sua tradução ao redor do mundo

<b>Origem da palavra CAFÉ</b> (Ferrão, 2009, p.57)		<i>Kahwa</i> (Árabe) = força <i>Kahona</i> (Árabe) = appetite	
<b>A Bebida Café em vários Idiomas</b>			
<b>Vocábulo</b>	<b>Idioma</b>	<b>Vocábulo</b>	<b>Idioma</b>
<i>Caffa</i> ou <i>Kaffa</i>	Etiópia-Abissínia	<i>Kahavi</i>	Finlandês
<i>Kahwah-kuvve</i>	Árabe	<i>Kaffeo</i>	Grego
<i>Kahweh-Türk Kahvesi</i>	Turco	<i>Koffie</i>	Holandês
<i>Cahua</i>	Persa -Iran	<i>Mastbout</i>	Egípcio
<i>Kawa</i>	Polaco e Croata	<i>Coffea</i>	Latim
<i>Kavé</i>	Húngaro	<i>Càphê</i>	Vietnamita
<i>Kafey</i>	Chinês	<i>Coffee</i>	Inglês
<i>Kaffee</i>	Alemão	<i>Caffé</i>	Italiano
<i>Caffe</i>	Sueco e Dinamarquês	<i>Café</i>	Português

Fonte: Ferrão, 2009

Parte do trabalho constitui-se em criar segmentos metaforizados nos corredores ladrilhados por elementos de culturas diversas, no Ocidente e Oriente Médio, em que tal produto natural esteve presente em mais de 500 anos de circulação e consumo. A seguir, determinam-se as fases dessa abordagem que se inicia pela decisão de operar com um produto agrícola detentor de profundas entradas nas sociedades modernas.

## 2.2 A escolha do Café para operações da representação sógnica social

A escolha do Café como elemento para exercer a função de informação fenomênica não foi arbitrária. Desde a realização de empreendimento de pesquisa anterior, ente 2005 e 2009<sup>13</sup>, o olhar esteve voltado para a regionalização da produção documental e, com isso, identificamos as reais condições econômicas que determinaram o desenvolvimento social e cultural na virada do XIX.

Os deslocamentos e assentamentos dos grupos humanos, nos momentos de importância histórica, são evidenciados nas preocupações dos teóricos em função da formação e do bem-estar da população, dos conflitos, da perda das referências culturais, da globalização aos olhos de sua defesa e desconfiança. Porque as culturas nativas, prejudicadas pelo destino das Conquistas (séculos XIV e XV), mantinham a vida radicada na relação com a natureza e organizada de acordo com um sistema próprio de hierarquia indígena no continente americano (Sul, Centro e Norte). Os mares foram conquistados, por sua vez, com astrolábios, quadrantes e naus de velas alheias a essas culturas.

Segundo Emilia Viotti da Costa (1999, p. 175), a sobrevivência da estrutura de produção colonial, depois da Independência do Brasil, foi responsável por um tipo de urbanização que não segue as formas do modelo clássico de urbanização fundado na análise do processo urbano nas áreas centrais do sistema capitalista. O desenvolvimento das ferrovias, a imigração, a abolição da escravatura, o crescimento relativo do mercado interno e a incipiente industrialização também não foram suficientes para suplantarem os moldes dos padrões tradicionais de urbanização que se definiram no período colonial.

---

<sup>13</sup> Cf. ESPÍRITO SANTO, S. M. O colecionismo do Museu Histórico e de ordem geral Plínio Travassos dos Santos frente à organização da informação. 2009 (Tese de Doutorado em Ciência da Informação) – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, UNESP, Brasil, 2009.

Além dos importantes portos, os núcleos urbanos tiveram escassa importância então, vivendo na órbita dos produtores rurais.

Na época da Independência, a doação de lotes, característica da política de terras coloniais, foi abolida, e até 1850, quando a Lei de Terras foi decretada, a ocupação tornou-se a única forma de obter terra (exceção feita da compra ou herança). Tal fato criou uma situação anárquica no sistema da propriedade rural, uma vez que os direitos dos ocupantes não foram reconhecidos pela lei. As “posses” resultantes da ocupação aumentaram de forma incontrolável e os posseiros acumularam grandes extensões de terra cujos limites eram vagamente definidos por acidentes geográficos naturais: um rio, uma queda d’água, uma encosta. Apesar de essas propriedades não possuírem estatuto legal, elas eram compradas, vendidas e avaliadas à vontade. A situação agravou-se com a expansão dos *plantations* em razão da crescente demanda de produtos tropicais no mercado internacional. No século XIX, o café, que não tinha sido importante no período colonial, tornou-se o mais importante produto da economia brasileira, suplantando o açúcar (Costa, 1999, p. 175).

O Sistema Colonial estava baseado na economia agrária, momento este em que, em 1808, a Corte portuguesa se transfere para o Brasil estabelecendo-se no Rio de Janeiro. A população brasileira rural constituiu-se, pois, em núcleos aos arredores da corte, onde se localizavam os portos para exportação. Geograficamente, na zona de mineração estavam concentrados os demais núcleos urbanos, o restante prevalecendo em grandes propriedades, demarcando as diferenças entre os processos de colonização definitivos entre norte americano, a “Nova Inglaterra” e o sul do continente.

Espanha e Portugal, em troca, contaram com uma grande abundância de mão de obra servil na América Latina. A escravidão dos indígenas foi sucedida pelo

transplante em massa de escravos africanos. Ao longo de séculos, houve sempre uma enorme legião de camponeses desempregados disponíveis para serem encaminhados aos centros de produção: as zonas florescentes sempre coexistiam com as decadentes, no ritmo dos apogeu e das quedas de exportação de metais preciosos ou do açúcar, e as zonas de decadência abasteciam de mão de obra as zonas florescentes. Essa estrutura persiste até nossos dias, e também na atualidade implica um baixo nível de salários, pela pressão que os desempregados exercem sobre o mercado de trabalho, e frustra o crescimento do mercado interno de consumo. (Galeano, 2020, p. 189-190).

Nossa paisagem era a da produção de açúcar e da mão de obra submetida à escravidão, o pequeno proprietário e o trabalhador livre, nos séculos seguintes, estavam impossibilitados de participar da economia de exportação. Eram, então, os moradores das fazendas que plantavam e produziam alimentos para a subsistência familiar (carpiam, plantavam, colhiam, batiam os grãos nos pilões, torravam o café, criavam animais), embora continuassem endividados nos armazéns dos latifundiários.

As limitações nas funções urbanas eram interdependentes da mão de obra escrava em relação à autossuficiência do latifúndio. O baixo padrão da vida do trabalho livre restringiria a expansão do mercado interno, inibindo o desenvolvimento do artesanato, das manufaturas, minando a constituição de um mercado interno e limitando as funções urbanas. Consequentemente, a sociedade perfilou o caráter centralizador da função político-administrativa dos núcleos populacionais.

A cada ano, novas áreas foram ocupadas pelos fazendeiros de café, que sentiam agudamente a necessidade de legalizar a propriedade da terra e de obter trabalho, particularmente naquela época, quando a forma tradicional de obter trabalho – a escravidão – estava sendo ameaçada por forte oposição conduzida pela Inglaterra.

A caótica situação da propriedade rural e os problemas da força de trabalho impeliram os setores dinâmicos da elite brasileira a reavaliar as políticas de terras e do trabalho. A Lei de Terras de 1850 expressou os interesses desses grupos e representou uma tentativa de regularizar a propriedade rural e o fornecimento de trabalho, de acordo com as novas necessidades e possibilidades da época (Costa, 1999, p. 175).

Para Florestan Fernandes (1972, p. 204), a abolição da escravidão impedia arregimentar maior número de braços para o café, criava-se, então, a frente de trabalho como elo sedutor para imigrantes. O alto fluxo demográfico da imigração deve-se pela ocupação gradativa de vazios ao longo das estradas de ferro e ofereceu mercado aos chacareiros portugueses, que lotearam vastas áreas como Água Branca, Pompéia e Vila Pompéia na cidade de São Paulo. Adensavam-se as famílias da elite paulistana nas localidades como Rego Freitas, Arouche, Campos Elísios e Consolação devido à decadência de fazendas produtoras de café e investimentos em novas atividades econômicas.

São Paulo apresentou o empobrecimento do campo com o preenchimento de vazios a partir de dois fatores: industrialização mais ocupação do solo. Vilas operárias são criadas e promove-se certo rejuvenescimento de núcleos antigos como Santo Amaro, Pinheiros, Itaim, São Miguel, Guarulhos e ABC. Acompanham-se adensamentos populacionais obedecendo ao processo de preenchimento de vazios e ao ciclo especular de terras loteadas. Acentua-se o período do pós-guerra para os vazios preenchidos quando a cidade se adensa, abrindo loteamentos promovidos a partir de medidas desordenadas.

O autor considera a formação da cidade de São Paulo, que tem sua origem no núcleo colonial e seu crescimento favorecido pela ascensão do café, como sintomática do processo de urbanização na ocupação de vazios, pois implica o fator histórico e tem os

períodos de adensamento populacional associados à identificação com a modernidade por parte dos projetos de trabalho industrial.

Assim, tem-se provocado os estudos da socialização para o entendimento da relação do sujeito e da realidade, enfrentando os mundos das significações particularizadas no tempo e no espaço e, curiosamente, abrem-se espaços para fertilizar os paradigmas socioculturais na Ciência da Informação, da macro-visão da história para operar com a inserção econômica e efeitos culturais a partir do grão de café.

Gomes (1995) interessa-se pelas “regiões fenomênicas”, partes do todo científico, quando apresenta as relações da informação com a investigação científica como contraponto da noção do fenômeno que envolve a partícula do conhecimento: a informação.

Propomos, como contribuição a essa reflexão, uma “viagem” que testemunha nossa própria trajetória de pesquisa e interpretação, resumindo-a em três escalas: a) uma abordagem da possível emergência do conceito de informação na modernidade; b) uma primeira construção da ciência da informação no escopo e abrangência de uma imagem pública da ciência; c) uma breve consideração das mudanças do campo fenomênico, das abordagens epistemológicas e das demandas sociais, visando à elaboração, como o atual ponto de chegada daquela trajetória, de um conceito socialmente responsável de transferência da informação (Gomes, 1995).

Pela visão de mundo, e obviamente pensando no leitor, “ao mesmo tempo que somos agentes, somos pacientes semióticos”, pois do poder sensorial de cada indivíduo o que se reconhece está identificado nas dimensões inscritas gráfica e virtualmente. A leitura das páginas de um livro é também caracterizada pelo poder da imaginação de cada um para conhecer o objeto descrito pelo autor. O poder da linguagem metafórica, mesmo

que ligeiramente usada, poderá reconhecer no Café o produto econômico transformador da realidade social brasileira como bebida, aroma ou como uma plantação.

A investigação do tema, partindo do entendimento da base epistemológica como subsidiária do desvelar dos problemas entre informação (coleta de dados) e interpretação, recebeu três provocações oferecidas ao pesquisador e disponíveis ao leitor. Aplicadas ao texto como ferramentas para operar a ideia de que as particularidades da cultura do Café funcionam nos eixos das significações atribuídas por sua vez à metáfora da palavra substantivo corredor, como corredores virtuais, imaginados, recriados, contraditos nos fatos da realidade aparente e da verdade recriada:

1. A provocação da decodificação da escrita dos documentos selecionados no *Arquivo do Estado de São Paulo*<sup>14</sup>, no *Arquivo Municipal do Porto*<sup>15</sup> e do *Arquivo Otomano*<sup>16</sup>, por traduções de termos substantivados do contexto à história particular da cultura do Café pertencentes a arquivos localizados em outros países da América do Sul, da Europa e Ásia;
2. A provocação da criação de desenhos aleatórios, anotações e fotografias que deslizam pelos fatos, dos agentes nos corredores históricos e culturais do Café de que nos apropriamos a partir dos polos do Método Quadripolar;
3. E a provocação da leitura documental, da decodificação da escrita ao longo da leitura do texto e da imagem relacionadas, do *corpus* documental em relação às definições terminológicas científicas das palavras selecionadas em função de seus significantes e significados.

---

<sup>14</sup> Site institucional. Disponível em: <<http://www.arquivoestado.sp.gov.br/site>>. Acesso em 15 jan. 2017. O levantamento de dados no Arquivo do Estado deu-se ao longo da execução do presente projeto pela aluna do curso Biblioteconomia e Ciência da Informação da FFCLRP, Rachel Jacob.

<sup>15</sup> Site institucional. Disponível em: <<http://gisaweb.cm-porto.pt>>. Acesso em 15 jan. 2017. O levantamento de dados no Arquivo Municipal do Porto deu-se ao longo da execução do presente projeto pela autora em 2014-2015.

<sup>16</sup> Site institucional. Disponível em: <<http://www.arkiv.com.tr/proje/basbakanlik-osmanli-arsiv-merkezi/2890>>. Acesso em 15 jan. 2017. O levantamento de dados no Arquivo Otomano deu-se ao longo da execução do presente projeto pela autora em 2014-2015.

A inserção da metáfora corredor do café aplica-se como ferramenta (Nörth, 2016) de análise e interpretação textual e incita-nos a imaginar ruas, espaços largos, tubulares e vazados em que se plantam as fileiras da espécie *coffea*; desenhá-las, pois, como veículos de informação que passeiam na mente investigativa significa dotá-las do poder de transitar no passado e no presente. Para isso, ao longo do texto encontram-se notas explicativas da abordagem cultural sobre a espécie *coffea* e seu comportamento, ilustrados no corpo do texto, através de expressões linguísticas dos corredores (vias imaginárias) e ou de indicações das categorias e fontes específicas do universo científico e cultural do tema Café, segmentados e/ou unidos em nós (um ou vários).

**Quadro 4** – Taxonomia do Café

FAMILIA RUBIACEAE				
<b>Subfamília</b>	<i>Coffea</i>			
<b>Gêneros</b>	<i>Nostolachma</i> <i>Th. Dur.</i>	<i>Psilantus</i> <i>Hook. F.</i>		
<b>Espécies</b>	<i>Coffea L.</i>	<i>Coffea arábica</i> <i>L</i>	<i>Coffea</i> <i>congensis A.</i> <i>Froenhner</i>	
<b>Subgêneros</b>	<b>gênero</b> <b>Psilanthus</b> <b>Hook. F.</b>	<i>Afrocofea</i> (Moens) <i>Brindson</i>	<i>Psilanthus</i> (Hook. F.) <i>Leroy</i>	
	<b>gênero</b> <b>Coffea L.</b>	<i>Baracoffea</i> (Leroy) <i>Leroy</i>	<i>Coffea L.</i>	<i>Psilantropsis</i> (Chev) <i>Leroy</i>
		<b>Seções do</b> <b>Subgênero</b> <b>Coffea</b>	<i>Mascarocoffea</i> <i>Chev.</i>	<i>Coffea L.</i>
			<b>Subseções da</b> <b>Seção Coffea</b>	<i>Erythrocoffea</i> <i>Pachycoffea</i> <i>Nanocoffea</i> <i>Mozambicoffea</i>
<b>Referências taxonômicas</b>		<b>Classificação</b>		
Leonardo Rauwolf (1535-1596), botânico alemão Próspero Alpino (1553-1617), botânico italiano Capitão La Rocque (...) Jussieu (1686-1758), botânico francês Lineu (1707-1778), botânico suéco - <i>Coffea L.</i> ; <i>Coffea arábica L</i>		<i>Jasminum arabicum laurifolia</i> <i>Coffea Arábica. Família</i> Oleoácea Gênero <i>Coffea. Família Rubiacente</i>		

Fonte: Ferrão, 2009, p. 61

As informações relevantes são tidas como aquelas que nascem dos dados, do elemento transformador obtido no acesso aos bancos de dados, a partir de diversas apropriações de áreas científicas e culturais da informação acessível. Em contradição ao universo das apropriações, as coletas demonstraram a solidez dos termos indexados e segmentados das classificações científicas no tempo dos registros e da precisão terminológica.

As informações arquivísticas são obtidas no reconhecimento da descrição da função da atividade na entidade produtora, merecida de extração no documento arquivístico. Por isso, o elemento temático transformador – o café ou a informação de interesse – está relacionado ao acesso a bancos de dados, aos documentos *in loco*, às diversas instituições arquivísticas, museológicas e culturais da informação acessível.

Certamente convive-se com produtos manuscritos ou impressos, os antigos tipos, a impressão por meio de produtos químicos, gravações em suportes do tecido, celulose, plásticos, “papirologos” ou reproduções fotográficas dos meios analógicos até os recentes digitais.

### 2.3. O Documento de Arquivo

C. İKTS, 124

\*\*\*

Kahve zirâti için Brezilya'nın Sen Pol şehrine hicret edecek olanlara mahsus şurût ve işler

Hicret, Brezilya kanunu tarafından himâye olunmaktadır. Her bir çiftçinin sıhhati yerinde olmak lazımdır. Çiftçi tekrar avdet etmek tehlikesine ma'rûz olmamak için buraya vâsıl olan tabibler tarafından mu'âyene olacaktır. Muhâcirler Patras Limanı'na gidecekler ve oradan Santos Limanı'na çıkarılarak oradan dahi şimendüferle iklimin letâfeti ve havasının cıbadeti müsellemlen olan Sen Pol şehrine getirilecekleri iklim-i mezkûrun Yunanistan'ınkine müşâbih olduğu alâkadar olanlarca inde't-tahkik meydana çıkacaktır. Muhâcirler Brezilya'nın Sen Pol şehrine vâsıl olur olmaz muhâcirlere mahsûs büyük otele inceklerdir. Burada kendilerine sekiz gün meccânen yemek ve yatak verilecektir. Muhâcirler sekiz gün mürûrunda vâsi' araziye mâlik olanlar tarafından alınub bunların zürrâ'a mahsûs hanelerinde meccânen iskân edileceklerdir. Bunlara zirâat me'mûru tarafına işin nev'i gösterilecek ve buna emlâk sahibi mecbur olacaktır. Zevce, zevce ve 12 yaşından ziyâde olmak üzere üç çocukdan mürekkebe olan bir âilenin 10000 fıdan tasarruf etmeğe hakkı olacaktır. Bundan senevî 12000 Frank alacaktır. İş erkek olsun kadın olsun on ikiden sekiz yaşına kadar olan ameler tarafından icrâ olunabilir. Beş sene mürûrunda aileler kendi kendilerini idare edebilecek mîkdâra irâd ve re'sû'l-mâla mâlik olacaklardır. Muhâcirler her bir eşyâlarını beraberlerinde almak hakkını hâiz olacaklardır. Muhâcirlerin ber vech-i âti şehâdetleri olmak lazımdır.

Evvelâ: Zürrâ' olduklarına dâir belediyeden şehâdetnâme

Sâniyen: Ashâb-ı nâmusdan olub anarşist veya sosyalist komitelerine mensûb olmadıkları.

Sâlisen: Amerika-yı Cenûbî'ye hiçbir vakit hicret etmedikleri.

Muhâcire ve âilesine muvaffakiyetle aşî ameliyâtı icrâ kılndığına dair doktorların şehâdetnâmesi bâlâdaki şurût Sen Pol Hükümeti'nin zirâat nezâretinin resmî i'lânıdır.

Patrasda Umûmi Acentesi  
N. Ğ. Yorkiyadis

Mûmâileyhden veya Malta'daki Z. Çorudan daha ziyade tafsilât alınabilir.

A. DVN.MKL, 88/11

---

Fonte: Devlet Arsivleri Genel Müdürlüğü. Osmanlı Arsivi Daire Başkanlığı. Arquivo Otomano, Istanbul, 2015.

As informações documentais estruturadas analogicamente, digitalizadas ou nato digitais, foram reconduzidas em anotações, levantamento bibliográfico para compreender a organização nos acervos nos corredores culturais na Europa, Oriente Médio e América do Sul durante a expansão em territórios entre as zonas produtoras e do mercado. Observam-se os materiais analógicos em formatos diversos como: papel em livros de registros, documentos em séries, coleções da indumentária etnográfica entre museus, coleções fotográficas, audiovisuais, monumentos e escavações arqueológicas, entre outras. O documento C. İKTS, 124, do Arquivo Otomano em Istanbul, ilustra a afirmação de que as informações são células de um corpo da cultura que funciona organicamente (Santaella, 2003, p. 18-19), pulsa com o fluxo do conhecimento sobre o tema. A compreensão do fenômeno da imagem e da abordagem virtual da informação relativa à história do café sonoriza a sua verdadeira voz. Por isso envolve o significado instrumental e metafórico do corredor do café, caminhos, vetores, rotas tomadas como ferramentas digitais ou links, enfim, as dimensões virtuais a partir da Organização Documental dos acervos, baseada na Teoria da Informação e na Gestão da Informação.

Os profissionais da informação orientam-se pelos rumos e embates advindos dos conceitos de informação e documentação, a partir de questionamentos:

1. As coordenadas sociais do uso da informação, se associadas aos métodos da organização da arquivologia, seriam as chaves para aproximar os traços

culturais, as semelhanças e diferenças entre as culturas destinadas a conhecer as razões sociais para dar ênfase à noção da identidade cultural?

2. Através dos caminhos facilitados da linguagem, por exemplo da construção de metáforas, podem instrumentalizar as vias da Leitura do Café, obtidas enquanto categoria de acesso informacional?

Provocados pelos problemas decorrentes das incertezas que atravessam a Ciência da Informação, na crise da identidade entre pressupostos teóricos do estudo do fenômeno da informação e ampliação tecnológica, tais pressupostos são baseados em áreas multidisciplinares, autorizadas pelos argumentos e práticas organizacionais.

O Método Quadripolar, recriado e refletido na presente pesquisa no polo técnico, partiu da pesquisa qualitativa entre fontes diversas (bibliografia, documentos originais, fotografias, artigos científicos e de divulgação científica, cartões postais, visitas a museus e antiquários, entre outros). O que foi possível realizar durante a pesquisa financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) encontrou respaldo na proposta de articulação interdisciplinar de construção da listagem de termos extraídos de documentos de acervos. Os conceitos pontuais e presentes na história da expansão do café a partir do Iêmen e de expansão na Turquia (do Império Otomano), da colonização portuguesa e da imigração italiana no Brasil, explora a problemática da regionalização e territorialização da documentação organizada.

Há, porém, um problema na ordem de coleta e da interpretação quando nos dirigimos à pesquisa solitária diante de inúmeros livros lidos, não lidos, documentos selecionados, documentos reproduzidos, transcrições de entrevistas com intelectuais e cidadãos de várias nações, fotografias, vídeos produzidos e muitas anotações de referências reunidas.

Embora o esquecimento do passado seja um fator preponderante da memória social brasileira, a realização da pesquisa acadêmica, frente à verdade e às não verdades na História do Brasil, tem sido enfatizada por pesquisadores com dedicação multidisciplinar e pela historiografia brasileira.

Convém questionar o que está confluyente na dimensão da informação estruturada quando se trata de informação histórica econômica, de natureza arquivista, apropriada pela literatura, pela arte e pela ciência. Percebemos diferentes dimensões da realidade e, hoje mais do que nunca, nos deparamos com as dimensões virtuais das informações disponibilizadas em banco de dados, repositórios, plataformas digitais, sites, catálogos eletrônicos etc. Sabemos, contudo, que a dimensão eletrônica atua sem anular a importância da documentação material do ponto de vista dos acervos e dos sentidos museológico, biblioteconômico ou arquivístico, onde são imperativos os métodos de conservação preventiva e mediações possíveis.

Se entendo o que são corredores dos recortes imaginários (territórios e regiões), qual o itinerário percorrido pelas informações sobre o café via meio eletrônico? O que pode ser o corredor virtual do café? Como a dimensão virtual pode abraçar a metáfora “corredor do café”?

A expressão linguística<sup>17</sup> “corredor do café”, tomada aqui com a significação de “corredor virtual do passado do café”, está apoiada na função da metáfora. E que metáfora é essa? Esse recurso linguístico não nasceu das ruas em meio às plantações de café, mas sim das informações a partir de conversar informais que recebi dos funcionários do Museu

---

<sup>17</sup> Em termos conceituais da Linguística pode-se falar também em “sintagma nominal” ou apenas “sintagma”, entre outras necessidades da leitura documental do café verificar o artigo *Leitura e vocabulário controlado do documento do Café*. Citação do resumo: “O relato da experiência comprova a importância e domínio da linguagem do passado para desenvolver vocabulários controlados referentes ao meio rural”. (Espírito Santo, 2015b).

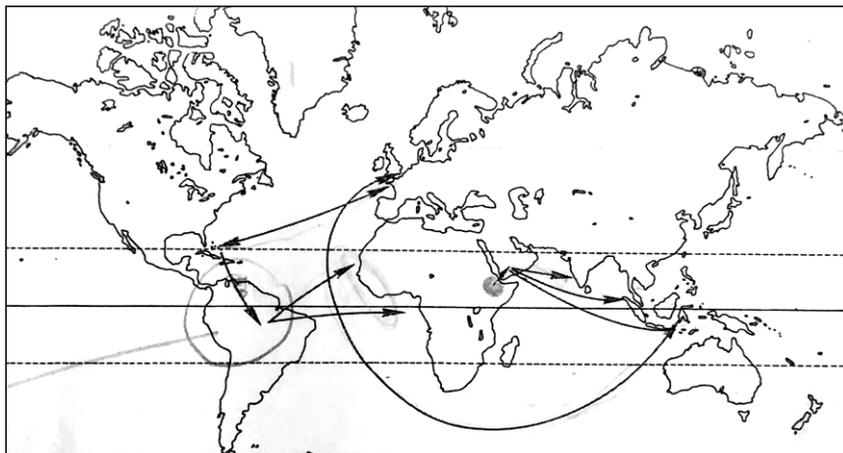
Histórico e Museu do Café de Ribeirão Preto<sup>18</sup>. Relataram-me que um antigo diretor do museu, num gesto excêntrico, plantou um pé de café no assoalho daquele museu. A ideia de “corredor”, repleta de elementos metafóricos, surgiu de um relato quase ficcional se não fosse a prova da marca no assoalho do museu, onde permaneceu o velho arbusto do café. Esse corredor interno e componente da casa grande de arquitetura do século XIX, abrigou uma planta, algo vivo. O arbusto plantado deixou circular os visitantes que o admiravam ao significar a busca da memória coletiva através da representação da espécie botânica, alastrada por fazendas exportadoras, pela força de trabalho escravo, portos, cidades, agregamentos, assentamentos de grandes contingentes imigratórios que nem sempre foram resistentes às intervenções governamentais, explorações econômicas para simbolizar a cultura regional.

Do ponto de vista da Arquitetura portuguesa um corredor, entre paredes, possibilita fluxos e favorece passagens da sala de estar, jantar para dar acesso aos aposentos íntimos e cozinha, lavanderia e despensas. Ali estava, pois, a planta do ambiente natural, posicionada com significantes do gesto do trabalho humano perdidos nas linhas das paisagens cafeeiras e o ouro verde da oligarquia brasileira. Fomos habituados a “ler” a produção do café a partir do ponto de vista do Brasil, assim como a batata é vista do ponto de vista da Europa. Do Café saímos das malhas do atraso colonial social e econômico e nos inserimos na economia cafeeira motora da industrialização a América do Sul. Resta entender outras rotas ou corredores e aspectos que influenciaram definitivamente a cultura brasileira.

---

<sup>18</sup> Complexo dos Museus Municipais de Ribeirão Preto. *Acervo*. Disponível em: <<http://www.ribeiraopreto.sp.gov.br/scultura/museu/i14apresentacao.php>>. Acesso em 17 abr. 2016.

**Figura 1** – Modelagem de Rota: Etiópia – Arábia – Indonésia / Portugal – Indonésia/  
Portugal – América Central – Brasil – África.



Fonte: Ferrão, 2009.

O Café é o gênero da agricultura com história longa na humanidade. Foi testado pelas mãos de agricultores na Etiópia, África e comercializado na trajetória econômica do capitalismo. Passou para o Iêmen atravessando o Mar Vermelho, Golfo de Áden, espalhou-se para Oriente Médio e Ásia, Europa, pela América Central e América do Sul, encontra terra e clima apropriados no Brasil e Colômbia. Voltou para a África pelas mãos dos portugueses e preencheu os encontros completando os sentidos da comunicação no lazer e nos negócios.

Da escrita, da imagem fotográfica e da oralidade, há que se dar atenção aos procedimentos de investigação e à sistemática descrição da informação, ou seja, do “elemento referencial contido no documento” (Informação, 1999). Ainda, durante a coleta da informação textual, por exemplo, é necessário extrair do conhecimento da arquivística que, uma vez selecionado, com a inclusão e exclusão do que se considera útil ou descartável, está na ordem de significações amplas.

Por isso, o processo de seleção das informações coletadas foi muitas vezes adaptado às condições estabelecidas previamente na pesquisa. Nessa massa documental, a coleta realizou-se posteriormente ao reconhecimento da organização arquivística de cada instituição onde se estabeleceu a coleta (Arquivos Municipal do Porto, do Estado de São Paulo e Otomano<sup>19</sup>).

Do ponto de vista didático, se compreendemos as teorias e os métodos como aplicados ao Arquivo, ao Museu e à Biblioteca, o domínio da relação a todos eles evidenciam-se essencial para identificarmos os seus elementos de referência, isto é, aquilo que nos levará mais além do que está inserido nos bancos de dados porque tais operações de investigação tornam-se mais precisas, empíricas, testadas e apropriadas nos sentidos diversos da criação e da interpretação. A subjetividade, desta forma, está entrelaçada com a objetividade da elaboração do texto.

As fontes selecionadas tornam-se apropriações da organização institucional afiadas no crivo da complexidade cultural sob o impacto da revolução na comunicação. A constituição dos bancos de dados induz a leitura de um mundo codificado e, ao analisar o mundo codificado, como nos diz Flusser (2007, p. 128), “as cores são o modo como as superfícies aparecem para nós”.

Apesar da contemporaneidade dos meios comunicacionais – canais das mais profundas percepções, até as percepções mais sutis disponibilizadas para conjugar e objetivar o recorte desse arquivo, importa o conhecimento imaginado e universalizado. Encontra-se nos arquivos, bibliotecas, museus e centros de documentação as memórias e as perspectivas sociais para se apropriar das séries documentais criadas e espelhadas na história.

---

<sup>19</sup> Ver notas de rodapé 7, 8 e 9.

Em contrapartida, Aby Warburg (1866-1929) e Walter Benjamin (citado por Didi-Huberman citado por PPGAV-EBA-UFRJ, 2013) questionam o lugar comum das concepções de tempo, espaço, história e memória. Didi-Huberman desenvolve, por sua vez, estudos e análise a respeito do legado do colecionador e filósofo na condição de discussões nas artes visuais a respeito de Histórias de Fantasmas, que intitulou exposição no Museu de Arte do Rio de Janeiro (MAR) realizada em 2013 pelo Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGAV-EBA-UFRJ, 2013).

A aparente ordem-caótica de Warburg, dos grandes atlas de imagens – *Mnemosyne* –, demonstra o espaço destinado à recriação humana do passado em gestos da memória e aposta na liberdade, pois “as imagens deveriam então ser consideradas como possíveis intersecções de todos esses gestos entrelaçados” (Didi-Huberman citado por PPGAV-EBA-UFRJ, 2013).

Esta é a tarefa mais difícil no processo de investigar: sugerir uma imagem mental ao leitor que o provoque, contendo informações provenientes dos mais remotos arquivos e lhe desperte o gosto para articular tais informações de natureza tão diferentes. Assim como aquelas produzidas por entidades públicas, isto é, os documentos do arquivo permanente, os objetos tridimensionais dos contextos históricos “dos documentos biográficos” etc. (Bosi, 1944 citado por Carvalho, 2008, p. 43), oferecem a síntese do que se percebe na história para constituir novas fontes.

O café, que atravessou séculos entre relações da estrutura econômica e política, constituiu a sociedade brasileira, se comporta como fenômeno social, na sociedade e História do Brasil. Inicialmente, foi tomado por autores naturalistas no século XIX, como Augusto Saint-Hilaire, Herbert H. Smith e Sérgio Milliet no início do século XX; Ana

Luiza Martins, como análise da agricultura, e nas sequências territoriais da dominação de terra, do plantio, do comércio interno e da exportação do café.

Pelo estudo regional econômico da estrutura social, e na tentativa de criar a possibilidade de libertação da memória das situações acrescidas nas relações sociais das cidades originadas no Café no período entre 1887 e 1940, o percurso inevitavelmente foi pontuado por conteúdos transdisciplinares e incertezas que seguem na área da Ciência da Informação (Silva, 2016). Desenvolveu-se, pois, em função do reconhecimento das estruturas arquivísticas no Brasil e nos últimos anos em Portugal e na Turquia.

O que está represado nos arquivos, contudentes na função de armazenagem dos documentos, sob a visão do eixo que se importa transcende a organização arquivística da noção do fundo “estático” e imutável. Assim, quando visto como conjunto dos fenômenos informacionais, o estado a ser conquistado, além da dimensão material, pode constituir-se em relações curiosas na construção do conhecimento:

(...) conjunto estruturado de representações mentais codificadas (signos e símbolos) e modeladas com/pela interação social, passíveis de serem registradas num qualquer suporte material (papel, filme, banda magnética, disco compacto etc.) e, portanto, comunicadas de forma assíncrona e multi-direccionada (Observatório das Ciências da Informação da Universidade do Porto, 2017).

Buscar ler os documentos como unidades dos conjuntos documentais, da materialidade analógica, dos códigos binários e lineares datados no tempo cronológico, incluir aqueles documentos denominados não verbais e que se articulam com as potencialidades técnicas da produção, significações históricas etc.; e identificar os fatos com o olhar para dar sentido às relações sociais; estas são, em outro sentido, as fontes brasileiras para a crítica da história. A sedimentação dos valores dos latifundiários, das grandes oligarquias brasileiras, da titulação de senhores de terra de barões e coronéis,

baseada nas radicais diferenças sociais de tanta polaridade, envolve a intelectualidade científica.

### **2.3.1. Documento de Arquivo e interpretações no polo epistemológico**

Nas bases das Ciências Sociais e da Sociologia irão emergir fundamentos que nos revelam as ações dos temidos homens dos sertões brasileiros das fases republicanas para buscar vê-los com olhos críticos, mesmo nas sombras duplicadas nos poderes políticos e dos estados autoritários que o Brasil desenvolveu em função desigualdade social. Afinal, tais personagens eram de “carne e osso” e foram imaginados e interpretados a partir da decodificação e da leitura da imagem, da constatação jornalística e documental dos fatos, ora mitificando-os como heróis, ora criticando-os frente às relações sociais.

Os proprietários das terras dos milhares de pés de cafés plantados, onde a “apropriação privada da terra, na América Latina, sempre se antecipou ao seu cultivo útil”, esses homens dotados de grande “voracidade dos latifundiários na conquista de novas terras” (Galeano, 2020, p. 187), dos homens caracterizados pelo gestual abrutalhado, mas europeizados nas vestimentas, embrutecidos nas situações de mando, ou altivos com posturas de autoridades políticas, registravam-se em pinturas ou foram eternizados para os fotógrafos que, sujeitos às interpretações dessas poses (Carvalho, 2008) tornaram-nas suspeitas e teatralizadas no tempo e no espaço.

A seleção de imagens de cartões postais, adquiridas em antiquários, particulariza o gesto dos modelos fotografados na pose, que ao levar à boca o produto mantido aquecido pelas xícaras das louças inglesas parece conferir o lugar que se ocupa na sociedade. O café aparece como elemento intermediário da Revolução Industrial em que há início da abundância técnica na sociedade, dos extremos do gestual senhoril ao corpo punido no trabalho e dramático da escravidão, representam-se os elementos da posse e poder na sociedade.

Tal reverência entre os interesses de terras e a relação do *senhor de escravos* e *patrão-empregado*, está presente no uso da metáfora da *Casa Grande* da significante expandida do, da inserção nos repertórios acadêmico e popular para dizer a respeito da imagem fundadora das diferenças sociais no Brasil. Na imaginação da Casa Grande, os salões e alpendres são ocupados pelas reuniões de coronéis, “autoridades” do local, convidados, parentes e escravos prediletos dispostos para o registro nos negativos de vidro, perpetuadas nos momentos em que “doavam” para igrejas, hospitais, escolas ou instituições de caridade as somas de dinheiro para que se mantivessem visíveis e projetados na sociedade.

Ao indicarmos um tema percebe-se o olhar dirigido para o passado com o interesse no estudo do fenômeno que se relaciona à importância do produto agrícola e simbólico. Esta é a questão e a razão deste estudo: discernir signos quando a informação deixa de ser banalizada e passa a ser identificada como fenômeno social da transformação do produto bruto em saboroso e revigorante café, inscrevendo-o no lugar que ocupa no cotidiano mundial.

Ampliar ou ressignificar em proporções adequadas do conhecimento cultural, insistindo no objeto de análise, pressupõe-se um estímulo para destinar importância à busca por estudar o Café. Parece-me sintomático na sociedade contemporânea querer romper o fio de Ariadne<sup>20</sup> perdendo-se para que se elejam, no vazio social, temas imediatistas que têm na efemeridade seu lugar comum e insuportável no mundo de conflitos. O que se considera entre tantas justificativas da objetividade na linha da verticalidade acadêmica aos poucos se desvela nas preocupações com os fundamentos

---

<sup>20</sup> O cotidiano social de milhões de pessoas na humanidade inclui o ato de beber o Café na dinâmica da vida cotidiana. Ariane, filha de Minos, rei de Creta e Pasífae. Santa ou Pura é o significado do seu nome, de beleza resplandescendente. Irmão de Freda, a brilhante; e de Minotauro, metade homem e metade touro. O fio do vestido de Ariadne serve de condução para que Teseu, a quem amava, saísse livre do labirinto, após ter matado o monstro.

sociais, quando há o interesse na dedicação a “velhos” temas ou aos contextos que não se curvam a determinados modismos, mas despertam a curiosidade científica por conta mesmo do enfrentamento de suas complexidades (Silva, 2016).

O produto agrícola do gênero *coffea*, da família botânica Rubiácea, organiza-se com 500 gêneros de 6.000 espécies, tem um “lugar privilegiado” nos cantos do pensar quando mergulhado no “oceano da investigação”, e poderá ser questionado nos contextos históricos onde se revela o que foi ocultado das relações humanas da “nossa” Casa Grande onde, entre a Senzala e a Colônia, havia seres humanos, escravizados do século XVI até o final do século XIX, patrões gananciosos, empregados subvalorizados, mulheres e crianças submetidas ao trabalho exaustivo, censura das ideias republicanas, modernas, revolucionárias e punição para aqueles que eram contrários ao mundo das desigualdades sociais geradas pelo “ouro verde”.

Em qualquer balcão, público ou privado, de qualquer lugar do mundo pode-se ouvir de algum ser humano que fez uma pausa por razão qualquer: – *Um café, por favor!*

O tradicional coador de pano do café paulista, das modernas cafeterias italianas e portuguesas, não se alinha ao testemunho de sociedades alheias ao sabor do líquido que definiu a cor café. O grão, a planta, a líquida sequência da transformação dos estágios da espécie da natureza; a xícara de jade com base em cobre, exposta no *Topkap Palace*, em Istanbul, é o forte signo do desenvolvimento do *homo faber*, quando aos recipientes são fixadas as alças, algumas em ouro, para demarcar a hierarquia social.

O objeto pode responder ao problema que nos é colocado em relação à fruição do conhecimento do objeto-conteúdo, assim como são provocações os documentos dos arquivos pesquisados. Durante o primeiro semestre de 2015 foi aberta a exposição “A Drop of Pleasure: 500 years of Turkish Coffee”, com cooperação do Palácio de Topkap

e Museu e Associação de Cultura e Pesquisa do Café Turco. (Pekin, 2015), (Anadolu Agency, 2015).

A xícara de jade e ouro está lá protegida pela vitrine do museu. Intocável. Admirada por milhares de pessoas na passagem dos 500 anos de distribuição do produto no mundo possui, agora, a meta principal de representação do ambiente sultanesco, que a transformou em magia e que reforça a vida figurativa dos poderes do sultão e ilustra as diferenças e distanciamentos sociais da época. Na proteção da vitrine, seguramente diluem-se as funções probatórias da riqueza e da pobreza no corredor imaginário de possibilidades de reprodução do objeto.

Na materialidade o que as destruiria de fato e/ou as preservaria na matéria da informação a partir da organização dos dados digitais senão através do compromisso com as narrativas dos contextos culturais? Quais são as linhas que interligam essas imagens na arquitetura do pensar?

Esta reflexão sobre o mundo cotidiano mais apropriado ao gosto das novas gerações, jovens que serão herdeiros do aspecto ingênuo da distração e entretenimento dos tempos ultramodernos, andou pelos reais mundos da produção, das artesanias, do transporte animal, rudimentar, mecânico, criou corredores econômicos entre a dureza do grão, da matéria orgânica dos sombreados arbustos transformados em líquido dos diversos e atraentes aromas das espécies do café.

– *Eu não tomo café, mas gosto do cheiro.* Esta frase pode guardar a sinceridade da expressão negativa ou da crítica positiva, simultaneamente vestida da roupagem cultural que faz soar aos semelhantes os limites das proibições alimentares em sociedades especiais, de fundamentos religiosos ou econômicos.

As linhas do comércio marítimo ligavam, nos séculos XV e XVI, o mundo ameríndio ao europeu e africano (Braudel, 1996a, p. 19). Sempre nos atemos ao período

dos Descobrimientos pelos portugueses e espanhóis com os trajetos das caravelas rumo ao desconhecido dos mares povoados por monstros marítimos, piratas, saqueadores, curiosos e cronistas da Conquista, isentando-os das responsabilidades dos “terríveis flagelos” das epidemias e da fome, por determinação da documentação histórica retratada por membros de exércitos, das bandeiras, os malfeitores na conquista de novas terras como heróis perpetuados nas esculturas e monumentos. A obrigação da interpretação do documento está, portanto, na leitura crítica dos fatos.

Uma forma de rastrear a informação da difusão da imagem do café no Brasil é pela via do trabalho na agricultura a partir das primeiras aparições nas representações das litogravuras. A adaptação nos solos de determinadas plantas cultivadas, aqui e ali, fixavam ou expulsaram populações de suas localidades e regiões.<sup>21</sup>

As ideias aqui irão retomar, de início, o espaço colonial brasileiro para que a definição subsidiária dê sustentação ao conceito de território em terra firme, entre os signos do imaginário do colonizado, das informações textuais que têm procedências em leitura das fontes primárias e de referências bibliográficas da construção do pensamento e dos estudos filosóficos entre Brasil e Portugal.

O Café é uma bebida exótica, tonificante e parece-me que o ano de 1727 foi o período de alinhamento do chocolate e o café nas figuras agenciais do mercado. Braudel (1996<sup>a</sup>) confronta os papéis das plantas que criaram marcas profundas na história do homem: “Mas é notável que todos os sucessos do chá tenham sido registrados nos países que ignoram a vinha: O norte da Europa, a Rússia, o Islã. Deveremos concluir que estas plantas de civilização se excluem mutuamente? (Braudel, 1996a, p. 226-227).

---

<sup>21</sup> A adaptação climática é outro fator que se inclui aos estudos das plantações, migrações e economias da formação dos povos no Brasil e tornou-se, desde 1992, pauta principal dentro das preocupações das nações.

### 2.3.2. Portugal

A literacia no Brasil, concentrada nos centros urbanos, embora não menos problemática no meio rural, deve-se à compreensão das origens sintomáticas do sistema colonial, da participação ativa dos jesuítas como missionários, educadores e interventores que pode ser observada por três pontos: no mundo da ruralidade extrema, até o século XIX, partindo de Portugal; como o lugar de chegada, no traçado imaginado e como volta a Portugal.

Entender os principais fatores da expansão do café na circularidade econômica das devoradoras razões do Império Português, da triangulação marítima entre Índia, Costa Africana e Brasil, parece-nos reducionista do ponto de vista das navegações quinhentistas. Aqui, foi possível na investigação perceber, a partir das leituras dos documentos do Arquivo Municipal do Porto, o cotidiano das tripulações durante o intenso tráfego comercial e marítimo, única forma possível e destinada a chegar ao Brasil. As viagens ultramarítimas, durante quatrocentos anos até o declínio do Império Colonial Português, são primordiais na época dos Descobrimentos, das naus e caravelas em direção às Índias, África e Brasil. Tal contexto remete-nos à tradicional construção naval portuguesa, nominalmente aqueles construídos pelos carpinteiros na Vila do Conde, como testemunhou Élisée Reclus (geógrafo francês do século XIX).

D. João III, monarca português, decidiu colonizar o Brasil de maneira racionalizada retirando a liberdade dos indígenas, um bem que lhes era mais precioso e lhes pertencia na vida diretamente ligada à natureza e, dramaticamente, os induziu à Santa Fé Católica. O sistema colonial apareceu de forma agressiva aos indígenas nos aldeamentos e, mais tarde, foi imposto aos africanos detidos em cárceres nas senzalas, amaldiçoados pela catequização que lhes impingiu a culpa cristã nas terras do país colonizado.

O Brasil figurava como um dos negócios portugueses, pois havia Índias e África como expressão máxima entre Roma e Portugal, no século XV. No século XVI a América Espanhola assume a aliança entre Roma e Espanha. O Rei Português D. Manuel I (1469-1514) dá o direito de provisão de bispados, paróquias e cargos eclesiásticos em geral “em troca do financiamento das atividades eclesiásticas” (Hoornaert, 1983, p. 35). Existiram formalizações diante do Papa, tornando a Igreja dependente de Roma e da Coroa de Portugal. No Brasil, formou-se o padroado subordinado à forma de pagamento através das folhas eclesiásticas que eram insuficientes para a manutenção no sertão.

As fazendas formadas, “nesse imenso Portugal”, representavam tentativas de emancipação do padroado e de Portugal, e os missionários eram obrigados a pagar dízimos de suas fazendas pela liberdade dos índios, situação que se chocava com os interesses da Coroa destinada a manter e a expandir o sistema colonial além das fronteiras em busca de ouro, da plantação da cana-de-açúcar e da catequese.

Hoornaert (1983), nos estudos sobre evangelização no Brasil, explica os momentos definitivos durante a conquista do litoral brasileiro para o cultivo da cana-de-açúcar, na extensão do Rio Grande do Norte a São Vicente. Outro momento citado refere-se à ocupação do interior (o sertão) com o caminho ao longo dos rios e da navegação no Rio São Francisco, além do momento maranhense onde missionários, através da guarda costeira combinadas com as missões leigas, buscavam o garimpo e as ações controladas pelo clero após a criação do bispado de Mariana, em 1795.

A aliança entre bispado e poder colonial, por D. João III, deu início ao projeto de colonizar o Brasil. Simão Rodrigues, do clérigo, reformado de Portugal e residente em Roma, vem para a terra colonizada para contribuir com a empresa portuguesa em aspectos espirituais. O primeiro provincial indicou Francisco Xavier com mais doze missionários às Índias, em 1549; Manuel da Nóbrega, ao Brasil e Mem de Sá em 1556. Os jesuítas

participaram ativamente na revisão de mapas com conhecimentos de cartografia e astronomia, na questão da revisão do Tratado de Tordesilhas por D. João VI.

O hábito de derrubada das matas teve início para fixação dos povos que assim realizavam à beira ou nas proximidades dos portos. Os moradores não produziam artigos concorrentes aos produzidos na metrópole e, assim, a administração portuguesa controlava as embarcações e os mercadores pagavam impostos de importação.

Em 1600, Filipe II, no domínio espanhol, proibiu o comércio e a entrada dos estrangeiros no Brasil e 27 anos mais tarde renovou-se essa proibição. Apenas na Guerra da Restauração (1640 e 1668) a decisão seria parcialmente revogada em favor dos ingleses e holandeses.

O cotidiano marcado por hábitos cristãos, com o uso parcimonioso da água e especiarias definia-se no país colonizado, dominado sem rigor ético no tratamento dos negros submetidos à escravidão, marcando o encontro assustador dos europeus aqui instalados ou em circulação com a “gente estranha”, os aldeados indígenas. Acredita-se na eficiência do sistema colonial, repetida em países que expõem as suas chagas até o período moderno. Reinantes com métodos ou racionalidade rígidas aparentes nas administrações locais, privilegiaram famílias e as ligações com a metrópole em detrimento da população do território colonizado.

Esse território onde a língua geral, em São Paulo, unia os moradores pela “língua dos índios” fora proibida por Pombal. Seria de fato essa língua integradora e maior do que é o português na atualidade? Não podemos medir a cultura por extensões territoriais, mas sim o que se faz da língua como instrumento libertador das consciências massacradas e fadadas ao obscurantismo colonial. Pires (2009) nos elucida com relação às linhas gerais desse idioma compartilhado:

A nova situação política e econômica em Portugal no século XVIII e as repercussões da ideologia iluminista na mentalidade portuguesa conduziram a administração pombalina a uma nova orientação pedagógica, cujos reflexos chegaram até a sua colônia americana.

Durante o reinado de D. José I (1750-1777), seu ministro, o Marquês de Pombal, deu sequência às reformas do período anterior, fazendo então uma modernização do ensino, bem como de seus métodos, apoiando-se no método de Verney. Durante este período, a Companhia de Jesus já não dispunha mais do monopólio do ensino e, em 1757, a atuação de Pombal na América foi implacável com a criação da lei que extinguiu o uso da língua geral (Pires, 2009, p. 3).

A definição da linha, do corredor histórico entre Portugal e Brasil inclui o momento da ação de ruptura perpetrada por Pedro I, que lhe destina a imagem na historiografia da culpa e da esperança ao emancipar as terras, num gesto abrindo-as para a possibilidade de dominação por brasileiros, em seu próprio território dos indígenas, alforriados e nunca alforriados, emigrados e nascidos aqui.

Assim, a imaginação literária não é a mesma aos da técnica, das descrições que, mesmo fugidias em relatos emocionados da realidade vivida, na maioria das vezes são desprezados para dar brechas à leitura documentária, leitura técnica reservada na margem de erros acrescida pelo desconhecimento da língua, do seu tempo, dos preconceitos de origem e de quem organizar o arquivo ou o acervo museológico ou bibliotecário.

Realizada a seleção documental dos acervos das instituições curadoras portuguesa (Lisboa e Porto), a leitura contempla os documentos históricos, promove a identificação das partes dos textos e a capacidade de quem os lê, destinando ricas atribuições dos pesquisadores ao analisar os documentos para inúmeros fins.

### 2.3.3. A nau quinhentista no espaço intermediário<sup>22</sup>

Desde sempre a visão de que o Brasil é o país da enormidade, das populações abertas ao trabalho, do território da conquista econômica e da política se fez no passado e ainda persiste no presente. Se no passado o mito da comunidade luso-brasileira foi analisado por Eduardo Lourenço como representação ilusória, foi também na ideia de ter um passado que se contribuiu e abriu-se o pensamento ao conceito de presente para o país como simbologia do mecanismo cultural transformador do futuro, afinado ao sonho lusitano. Assim, diz o autor: “uma representação ilusória a que a realidade das coisas só muito vagamente corresponde” (Lourenço, 2015, p. 73-107) e, no espelhamento da cultura do outro, nos fizemos como arremedo, sem utopia própria, sem horizontes emancipadores na nação em formação.

Para a ilustração do vínculo estabelecido entre o país colonizador e o colonizado, registraram-se as atividades, as ações, os pensamentos, descreveram-se em documento o território distante das terras europeias, o que havia da necessidade de atender à “conjuntura espiritual em que nos encontramos, portugueses e brasileiros” (Lourenço, 2015, p. 55). Nesse passeio há concordâncias de se ler o passado em textos originais e,

---

<sup>22</sup> Em meio às reuniões do pós-doutoramento, na Faculdade de Letras, na Universidade do Porto, aceitei o irrecusável convite da Profa. Dra. Maria Manuela Pinto, pude conhecer o trabalho exemplar do seu trabalho que desenvolveu como arquivista-gestora de informação da Câmara Municipal da Vila do Conde, Portugal, e visitar uma réplica da nau quinhentista. Assim, disponível no site <https://viladoconde.com/nau-quinhentista/> se descreve: Nau Quinhentista, uma réplica de uma embarcação portuguesa da carreira do Atlântico norte de inícios do século XVI, foi projetada pelo Contra-Almirante Rogério d’Oliveira e construída nos estaleiros Samuel & Filhos, que até 1993 se situavam neste mesmo local, transferindo-se nesse ano para Azurara, na outra margem do rio Ave. Com 27,50 metros de comprimento, 7,70 de boca (largura), 4,75 de pontal (altura), e um peso de cerca de 300 toneladas e 180 de carga, esta atracção fez parte da candidatura do município a um projeto-piloto europeu, intitulada “Viagem à Rosa dos Ventos”, que promoveu o restauro da zona ribeirinha, onde outrora se encontravam os estaleiros. Fundeada no verão de 2007, foi inaugurada em 15 de dezembro do mesmo ano pelo então Presidente da República, Aníbal Cavaco Silva. No seu interior pode-se testemunhar várias reproduções da vida a bordo daquele tempo, tais como os aposentos dos tripulantes, locais e formas de armazenamento de mercadorias, disposição de material cartográfico e instrumentos de ajuda à navegação, peças de artilharia, lastro, entre outros, de forma a representar a complexidade enfrentada pelos navegantes nas suas viagens em alto mar.

mais ainda, em atribuir aos documentos arquivísticos, ao lugar que lhes pertence, incluindo o ruído da pálida ideia do passado e a imaginação vigorosa do presente sobre o passado, enquanto as fontes são interpretáveis, ainda que a linguagem alquebrada por um passado igualmente ainda muito desconhecido possua provocações persistentes dentro do meio acadêmico.

A travessia, no Atlântico, se fez em naus ou embarcações arredondadas, no século XVI, com “relação de 3:1 entre o comprimento e a largura máxima, três ou quatro cobertas”, isto é, não é estreito e na literatura aparece comparado a uma noz ou representadas pelo gigantismo, comprovam-se “os valores médios [que] andam pelos 500 ou 600 tonéis” em documentos e réplicas realizadas por arqueólogos e historiadores, datadas entre 1570-1590, e com a largura de três ou quatro cobertas, “castelos de popa e de proa, com três ou dois pavimentos, respectivamente”. Os encaixes do casco davam estabilidade à construção em madeira em desenho bem feito, talhada com artesanía, ostentando elementos simplificados que possuem variações entre regiões e possuíam, ainda, três mastros: “um grande e o traquete com pano redondo, e o da mezena com pano latino”.

É um navio de carga por excelência, destinado a percorrer longas distâncias em rotas conhecidas, tirando partido do aparelho pelo conhecimento prévio dos regimes de ventos, mas andava armado com peças de grande calibre: “A nau da Índia era... um transporte armado em guerra”, como tão bem definiu Oliveira Martins (Domingues, 2002).

As longas viagens, sem avistar a terra firme para as Índias ou para o Brasil, exigiam carregamento de alimentos e bebidas, cargas suficientes para as compridas travessias, e o carregamento das especiarias exigia cuidados especiais para mantê-las secas em lugares seguros nas naus.

As propriedades do misterioso e imaginado país verde perdem-se sobretudo por tal enormidade atribuída às fronteiras infinitas e à constante e insatisfatória administração política ao tratar das diversidades territoriais entre espinhos da generalidade dos países colonizados: sem raízes, sem perfis, com governos devastadores ou democracias duvidosas, diálogos internos e externos às comunidades truncados pela ausência dos valores do capitalismo selvagem.

A vastidão do território brasileiro também alcançou a comunidade portadora de línguas próprias e com poucas vantagens da superação “pombalesca”, quando ocorre a expulsão dos jesuítas e a proibição da língua geral indígena. Talvez fosse essa língua realmente integradora. Mas teria sido mais do que a língua portuguesa em extensão e número de brasileiros que falam o português? A língua realiza o encontro com o outro e “(...) o imenso Brasil, espécie de espelho da alma lusíada – um mar sem fim, diria Pessoa –, servia à ‘indefinição que no fundo da alma nos define’, “à nossa indefinição que não conhece limites, senão os da mesma humanidade (Soares, 2015, p. 17)”.

A historiografia captura o passado ou registra um novo presente? As informações das descobertas, dos fatos e inovações são atestadas pelos documentos e retoma-se, com isso, a discussão do lugar da prova, do testemunhal. O documento “autêntico”, original dos documentos administrativos, das fontes denominadas primárias que, “enrijecidas” nas séries documentais e nas coleções museológicas foram submetidas às ordenações (re) administrativas dos determinados fundos custodiados nas instituições públicas. Não será contrastante verificar que, na presente pesquisa, no Arquivo Municipal do Porto, constatamos o contínuo controle técnico dos princípios arquivísticos (proveniência, organicidade, autenticidade, princípios de respeito à origem) universalizados na Arquivologia ocidental, mas associam-se aos mesmos a história local e portuária. No

passado foi determinante para a sobrevivência da cidade o controle epidemiológico, comum nas fiscalizações portuárias europeias.

A Câmara do Porto, através do GISA-WEB, descreve sobre as embarcações e fiscalização de Barcas de Thomaz Araujo Lobo, do conjunto de documentos e memórias para a História do Porto, dos registros as visitas de saúde às embarcações, entradas na Barra do Douro. O pequeno trecho ilustra descreve: “na qualidade de Provedor-Mor da Saúde, agia no sentido do controle das mercadorias e *fronteiras marítimas*”. (GISA WEB, 2015).

As “fronteiras marítimas” procuravam defender-se de doenças contagiosas trazidas através dos produtos das terras colonizadas. Os burgos, nos interiores e longe das possibilidades de carregamentos diretos no cais, controlados pelas alfândegas, eram muros das mentalidades arcaicas. A peste negra criou a memória da defesa da saúde. Estamos falando do século XV, portanto a certificação lusitana pela Terra Brasilis ainda haveria de ser reconhecida no meio de uma rota anteriormente duvidosa às Índias. O Arquivo Municipal da Câmara do Porto disponibiliza em seu acervo livros das embarcações e fiscalização de Barcas de Tomaz Antonio de Araujo Lobo, comerciante e armador português. Pedro Reinel e Lopo Homem, em 1519:

“A Terra Brasilis como terra incógnita”. A quantidade de mapas europeus do século XVI e XVII representando o Brasil como um litoral detalhado e um interior oculto ou “não descoberto” evidencia as limitações de conhecimento territorial dos exploradores. Um dos exemplos mais famosos deste exercício de imaginação é o mapa feito por Pedro Reinel e Lopo Homem em 1519 (Fig. 1), que revela um claro contraste entre o litoral explorado e nomeado com topônimos europeus e o interior desconhecido, preenchido pela fauna, flora e população nativa. Ao analisar este mapa, Jacob (2006) chama a atenção para a forma única de combinação entre descrição e narrativa,

representando a dinâmica do encontro através de uma fronteira simbólica situada no litoral recém-colonizado (Novaes, 2012-2013).

O documento do acervo possui caixa de proteção, documentos costurados, capa de couro. Com inscrições e anotações originais: 704-1909. Outra referência são Documentos e Memórias para a História do Porto-XLI. Visitas de saúde às embarcações chegadas à Barra do D'ouro nos séculos XVI e XVII. Por J. A. Pinto Ferreira, Diretor do Gabinete de História da Cidade. Publicações da Câmara de História da Cidade. Procedência, estado de saúde de tripulantes são registros a respeito da condição humana, elementos interessantes dos documentos do acervo do Arquivo, cuja atividade era atribuída aos guarda-mores, antigos vereadores, que realizavam “visitas de saúde” por etapas para em primeiro estágio sondar o nível de contaminação que havia nos barcos provenientes de determinada região.

“Pestenanças” era o termo utilizado para qualificar a doença constatada durante as fiscalizações nas embarcações. A “livre prática” era concedida após averiguação do estado de saúde da tripulação e a inspeção das embarcações. As medidas de quarentena eram tomadas em condições impróprias das embarcações, quando não se encontravam em condições adequadas. As visitas eram registradas nos “livros de verações”, hoje úteis para pesquisas em níveis mediacionais próprios ou dirigidos para estudos multidisciplinares.

Assim, um de texto de apresentação de Álvaro de Mendonça e Moura, narra sobre as embarcações procedentes dos portos europeus, africanos, asiáticos e americanos, que entravam na barra do Douro e já realizavam comércio internacional no século XVI. As descrições partem do controle do ano, mês, dia, nome da embarcação, mestre, proveniência, mercadorias, mercador, livro do ano e número do registo. Então é possível saber que em 1677 foram transportados carregamentos de: sal, linho, fazenda seca,

pacotes, bacalhau, ferro, breu, queijo, artilharia, cravo, madeira, mós, papel, trigo, arroz, aço, alcatrão, polvo, cestos de vidros e vinho. Também os destinos ficam claros: Amesterdão, Terra Nova, Viana, São Sebastião, Brasil, Hamburgo, Plymouth Mideburgo, Londres, La Rochele e Lisboa.

Registo e traslado de uma carta de Dom Diogo de Faro e Souza, guarda-mor da Saúde do Reino, por causa da peste na Barbéria e dos cuidados a ter com as embarcações que pudessem vir desses locais ou ter contactos com os mouros. (vide Livro das visitas da Saúde. Ano 1676, 1677 e 1678, f. 56).

#### **2.3.4. Mediação para a história documental no Arquivo português**

Reforça-se o papel social do mediador dos conteúdos que são recriados ao aplicar tecnologias na sociedade de classes. Desta forma, as práticas, o desenvolvimento de linguagens eletrônicas – e estabelecimentos da apropriação dos níveis sociais da recepção da informação – devem constituir o reconhecimento de instituições (arquivo, museu e biblioteca); fortalecer os projetos e conhecer as políticas públicas ao incentivar os projetos de instituições privadas. Outro aspecto importante será difundir as noções dos conceitos da semiótica e saber reconhecer as diversas tipologias da documentação dos gêneros textuais, visuais e audiovisuais.

Aqui, o café ainda não aparece como bebida, mas sim como simbologia presente no imaginário luso-brasileiro que irá evoluir além das citações que suporta o encontro entre Palheta e Madame D’Orvilliers sugerindo a furtiva passagem de grãos do café, remetendo à sedução como cenário romântico de um sargento-mor português em terras do Pará no século XVIII e à esposa do governador da Guiana Francesa.

Dos inúmeros exemplos publicados, científicos ou não, interpreta-se com vinco romântico destinado à disseminação da espécie no Brasil:

(...) essa versão, Palheta teria tido uma relação com Madame D'Orvilliers e trazido, escondido em um buquê de floresta, sementes de café que se (...) (Hecht, 2013).

Em 1727 os portugueses compreenderam que a terra do Brasil tinha todas as possibilidades que convinham à cafeicultura. Mas não possuíam nem plantas nem grãos. O governo do Pará então encontrou um pretexto para enviar Palheta, um jovem oficial à Guiana Francesa, com uma missão simples: pedir ao governador M. d'Orvilliers algumas mudas. O governador, seguindo ordens expressas do rei de França, não atende ao pedido de Palheta. Porém a Madame d'Orvilliers, esposa do governador da Guiana Francesa, não resiste aos atrativos do jovem tenente e quando palheta já regressava ao Brasil envia-lhe um ramo de flores onde, dissimuladas pela folhagem, se encontravam escondidas as sementes a partir das quais haveria de crescer o poderoso império brasileiro do café.

Este episódio sedutor foi a fonte de inspiração que levou Aloizio Olaia, historiador e ambientalista, a escrever a História das Fazendas de Café, partindo do século III d.C., até os dias atuais (Arara, 2010).

O cafeeiro, por exemplo, foi levado por van Horn de Moca, na Arábia, para a Holanda em 1616, tendo sido iniciados os cafezais holandeses no Ceilão em 1658. Em 1706, o Jardim Botânico de Amsterdam enviava uma planta viva de café a cada um dos principais jardins botânicos da Europa. Novo e belo exemplar chegou, em 1714, ao "Jardim das Plantas" de Paris, como presente para Luís XIV, que confiou a árvore aos cuidados do botânico Antoine Laurent de Jussieu. Das sementes dessas plantas descendem os cafezais que se estabeleceram na Martinica (Haarer, 1964) e depois na Guiana Francesa. É sabido (Taunay, 1945) que, de Caiena, desafiando severa proibição formal, vieram para o Brasil algumas sementes de café, nos bolsos de Melo Palheta, graças à amabilidade de Mme. d'Orvilliers, a gentil esposa do governador francês da Guiana (Labouriau, 1990).

Os primeiros indícios dos registros do café, ocorridos no Descobrimento, pertencem às próprias unidades informacionais de guarda, custódia, tratamento e difusão que, além deles próprios, guardam ainda informações prováveis para criar, testemunhar, autenticar e difundir qualquer fato, imersas na organicidade oceânica dos registros históricos acondicionados na Torre do Tombo, por exemplo. Para a pesquisa com resultados em projetos e produtos, como neste presente trabalho, exige-se o estudo da relação de intimidade informacional interpretada à luz do método adotado nas Ciências Sociais.

Para isso a escolha da referência de Ferrão une o conhecimento científico do café na pesquisa científica de um agrônomo, na esteira da história, isenta da interpretação que se aproxima dos relatos das lendas do pastor de cabras agitadas de Kaffa, da filha doente do sultão curada com o café e o café citado na Bíblia.

Há suspeitas de que os portugueses o conheceram no Oriente, onde a sua introdução na Arábia e na Índia é anterior ao século XVI e o terço levado para o Brasil, mas até o momento não foram encontradas provas discutíveis, continuando a aceitar-se, até a prova em contrário, que Francisco Melo Palheta o tinha introduzido no Brasil a partir de sementes que trouxe da América Central em 1722 (Ferrão, 1999).

E Madame D'Orvilliers? Por que é citada como mulher adúltera?

Os livros, no século XVIII, em descrições da escrita das penas, tintas de sépia utilizadas em papéis duráveis, das capas de couro pensadas e costuradas à mão, ainda podem ser manipulados no Arquivo da Torre do Tombo, em Lisboa. Exemplificarei aqui os registros nos anos de 1760 dos produtos acumulados pela "Companhia Geral do Grão Pará e Maranhão e Pernambuco e Paraíba, Livro de Cargas dos vários portos. Saída A". Neste livro encontram-se letras e títulos, subtítulos e conteúdos padronizados em quadros horizontais e, no fim da coluna, os números equivalentes às dívidas, pagamentos ou

créditos do negociante. As funções das mercadorias das naus e a listagem de pessoal como serventes, mancebos, marinheiros e comandantes tem no livro início com a seguinte descrição: “Lisboa, 16 de janeiro de 1760. Balanço da Entrada do Livro Mestre B. Deve a Diversos 1087.405#498. Importância total, do Balanço das contas dos credores da Companhia Geral do Gran Pará e Maranhão desde o seu estabelecimento até o fim do anno de 1759. Extrahido do Livro Mestre A. a saber.”

Os livros do Fundo da Companhia nem sempre foram digitalizados por razões internas à instituição. A tipologia documental possui diário, livro de escrituração contendo o registro cronológico das operações comerciais. Livros de mestre descrevendo as operações, de modo que “Corresponde ao atual livro de escrituração comercial denominado Razão, tomando a designação de Livro Mestre ou Livro de Correntes, respectivamente, nos métodos diagráfico e unigráfico. Nele se inscrevem, em deve e haver, sob-rubricas ou contas separadas, o movimento das diversas operações registradas do Diário” (inscrição do Livro de Mestre).

#### **Inventário de “Entradas”**

“Registro ordenado cronologicamente por frotas chegadas de todas as mercadorias recebidas, transportadas por conta e risco dos interessados das Companhias, e Cálculo do seu preço, como se diria hoje, em linguagem comercial, cit. Lisboa. Era o registro de importação reverso do livro de carregações abaixo descritos. Ex. 30 Entradas no. A -31/7/1758 a 10/12/1759. – 32”.

Os livros de Entradas de Partes, Livro das Carregações, Extractos, Livro de Devedores de Dinheiro, Livro de Despesa de Navios, Livro de Navios, Livro de Compras, Livro de Vendas, Livro de Entrada de Fazendas no Armazém, Memorial, Borrador do Enfardamento, Livro de Carga dos Navios por saúde, Contas Correntes dos

Administradores, Livro de Registro de Decretos, Alvarás etc. Todas estas “caixas” de documentos, em formatos de livros ainda são descritos para a qualidade:

Destes livros, que todos em ótimo papel forte de diversas marcas e originais, cerca de noventa por cento apresentam encadernações, de sua época, inteiras em atado, expostas a flor ou o carmaz, com gravura a ferros secos, do simples filete à maior profusão, e algumas, poucos, a fecharia de metal ou seus fragmentos. Os restantes, salvo muito raras exceções, são encadernados em pano ou linhagem um com encadernação pergamícea, e encontram-se na sua grande maioria bem conservados, escritos em letra bastante legível e os de contabilização, principalmente os mais antigos, são excelentes espécimes dos cuidados caligráficos dessa época.

Como fica patente do inventário que antecede, a arrumação dos livros orientou-se tentando, quando possível e sem deixar de atender ao formato, recompor os diversos núcleos primitivos, os quais deverão ser completados com a arrumação dos papéis.

Assim, constituíram-se três grandes divisões com numeração independente: i) Companhia Geral do Grão Pará e Maranhão; ii) Companhia Geral de Pernambuco e Paraíba e iii) Junta dos Fundos das extintas Companhias do Grão Pará e Maranhão, Pernambuco e Paraíba. Esta descrição foi realizada por Francisco D.F. C. Trancoso em Os Arquivos das Companhias Gerais do Grão Pará e Maranhão e de Pernambuco e Paraíba, Edição da Revista “Ocidente” – Lisboa, 1942. Para esse pequeno estudo do documento “Instrumento de Descrição” – A.H.M.F- 571 A –, extraímos a informação de suporte material cuja série do Fundo da Companhia não foi digitalizado.

As primeiras grandes divisões foram separadas em livros conforme as Juntas de Lisboa destinadas à Administração do Brasil, Negociações do Oriente. Consequentemente, para cada divisão ou subdivisão agrupam-se os livros de espécie

idêntica e ordenam-se conforme as atividades e natureza de assunto. Ainda segue a informação de que a lógica da organização foi quebrada em função dos formatos.

### **2.3.5. Espiral da História ou placa giratória nos mares e documentos em São Paulo**

Cabo Verde e São Tomé, situadas na África Ocidental, foram regiões de destino de plantas difundidas pelos portugueses navegadores. As localidades funcionavam como uma espécie de canteiros para mudas que teriam outros destinos e seriam introduzidas entre 1770 e 1800, comprovação feitas por documentos. O título da pequena publicação de José E. Mendes Ferrão, *A Aventura das Plantas e os Descobrimentos Portugueses*, desenvolve um subtítulo curioso se comparado ao que abordamos na linha acima: “As ilhas Atlânticas como Placas giratórias”, que traz um sentido metafórico e significativo das roldanas mecânicas, das plataformas elétricas e das placas eletrônicas utilizadas amplamente e cabíveis em seus contextos.

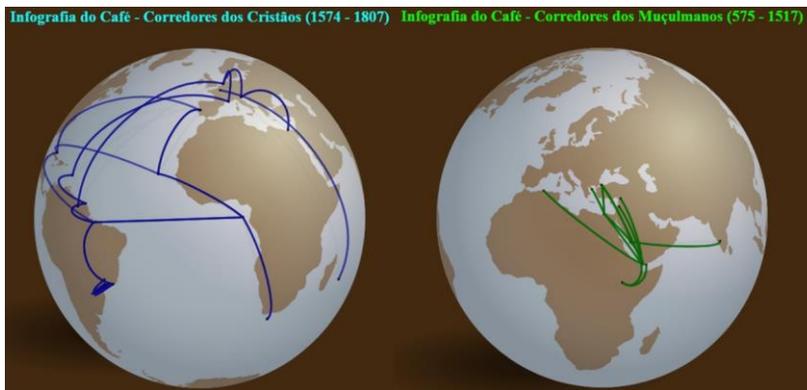
Para expressar a ligação entre Europa e os territórios na América do Sul, África e Oriente havia o ponto de reabastecimento material, humano e para concentração de mudas das plantas tornarem-se adaptáveis em terras de reprodução. A vantagem climática e a altura dos terrenos das ilhas de Cabo Verde propiciaram a adaptação das plantas originárias dos trópicos e das zonas temperadas. Café, banana, cacau e abacaxi são produtos agrícolas principiantes e difusores fundamentais nas colônias do alimento e comercialização no mundo. Porém também relevante é o fato do caminho mais curto das rotas de São Tomé, Príncipe e Santa Helena que, entre outras, configuram-se em corredores marítimos em linhas encurtadas entre os continentes Africano e Americano.

A observação realizada será a respeito dos documentos selecionados e trabalhados na Organização do acervo, registros da produção cafeeira entre os séculos XIX e XX. Refere-se à experiência brasileira, no Arquivo de São Paulo, entre 1983 a 1985. A

documentação do principal repositório do estado brasileiro, ponto central da economia cafeeira no século XIX e parte do XX, conquistou a implantação de um Sistema de Arquivos do Estado de São Paulo, evoluindo verticalmente para dar acesso aos documentos, implantar laboratório de Restauo. O objetivo cognitivo para a pesquisa na Ciência da Informação busca auxiliar a reflexão que girou em torno das práticas permitidas pela direção administrativa. Todavia, a provação da palavra Café e significações – corredores – intencionam, ressoam, recriam, subordinam, identificam os conteúdos documentais em recordes de História de média duração brasileira como analisa Braudel (1996).

Outras experiências em Arquivos brasileiros, livros da tipografia, grafia de tipos, em colunas destinadas para informações da Venda e Compra, em linhas que permanecem nos padrões contábeis, da organização e controle do fazendeiro capitalista, claros neste exemplo. Preâmbulos de textos isentos da religiosidade como encontrados em documentos destinados às honrarias oficiais, imperiais e nomeações. Independente da distância de séculos entre 1760, dos registros do Café no Brasil, a 1899, início do período Republicano Brasileiro, os dois exemplos são encontrados como documentos originais, da informação material cujas expectativas na leitura são diferenciadas em contextos das proveniências documentais.

**Figura 2** – Mapa dos corredores cristão e muçulmano do comércio do café. Espaço terrestre: 1. Etiópia; 2. Iêmen; 3. Turquia; etc 4. Espaço Intermediário; 5. Mar Negro; 6. Mar Vermelho. 7. Mar Mediterrâneo. 8. Oceano Pacífico. 9. Oceano Atlântico



Fonte: Elaborado pela autora. Criação digital W. França, 2016

A intenção desse mapa, realizado em tecnologia compatível ao movimento da terra, é demonstrar os pontos de longitude e latitude no Globo e busca evidenciar os locais de desenvolvimento do plantio e comércio do Café. As datas remontam a circulação nos diversos corredores religiosos, nas dimensões políticas e mercantis. De maneira lúdica pode-se adicionar de forma dinâmica da temporalidade documental: de 1574 indica no Egito, Cairo e Veneza. Em 1615 Veneza e 1616 Amsterdã; 1644 Amsterdã e França; 1648 Amsterdã e Java; 1699 Java, Sumatra, 1699 Timor, Bali; 1715 Paris e La Reunion; 1718 Amsterdã e Surinami; 1723 Martinica e França; 1727 Martinica e Caiena; 1728 Caiena e Belém; 1760 Belém e Rio de Janeiro; 1779 Rio de Janeiro, Lorena, Cantareira, Sul de Minas; 1790 Belém, Cabo Verde; 1807 Campinas, Lorena. A proposta da Infografia na dimensão virtual deverá ser aprimorada e adicionada com informações nos sentidos de games de compartilhamento (Ferrão, 2009), (Smith, 1941).

**Quadro 5 – Espaço Intermediário - Marítimo e Terrestre - durante o Império Otomano (1299-1922).**

Regiões e Localidades	Séc. XIV-XV-XVI	Consumo da Bebida	Instrumentos de Preparo	Materiais	Corredores Marítimos e Terrestres Séc. XVII-XVIII-XIX
Rural Etiópia Sudoeste Kaffa Produção e distribuição Peregrinos em Meca (1252-3) Estreito Suakin, costa oriental do Mar Vermelho	Da Etiópia para Iemem. O Café se espalhou para o Egito (1510). Iemem (XIV-XV). Oriente Médio, Pérsia e Turquia (XVI) e Europa	House Barracks Mosques Kahvehane Cafés	Torrador ou <i>kavurucusu</i> (turco)	cobre prata pedra	Holandeses espalharam para Índias Orientais e América
	Peregrinos e passageiros em Mocha (Moka. Iemem)	<i>Tahmis</i> (método de fazer utilizando grãos de metais quentes)	<i>Cezve</i> (turco) ou <i>pote</i>	porcelana	Sacas importadas no Império Otomano. Soleiman Agha, embaixador do Sultão Mehemed (1669)
Urbano Cairo Allepo Damasco Argélia Iran India	O Café foi introduzido do território Otomano do Iêmem, durante o domínio do Sultão Suleiman, o magnífico (1554)	<i>Kahvecibaş</i>	Fincan (turco) ou xícara	vidro	Veneza Viena Cafés 1683
	Complexas relações econômicas e proibições religiosas	Omar-Schadeli – usado nas preces do Fatiha. O café foi usado pelos sufis para ajudar a	Tahtakale (Constantinopla ou Instambul atualmente)	<i>Makine</i> ou máquina	madeira

	mante-los acordados				mudas para a Martinica (1720) e Francisco de Melo Palheta da Guiana Francesa para o Brasil (1727)
--	---------------------	--	--	--	---

Fonte: Baseado em Koz e Kuzucu, 2014 e Yerasimos 2015

Estudar o Café na escala planetária é sobretudo arriscado frente ao tempo e às limitações dos processos de pesquisa. O que está nos favorecendo é justamente esta ideia de que um grande universo, selecionado para desenhar linhas dos corredores, tem início no ambiente africano, arábico, onde vigoram forças transformadoras dos hábitos sociais no oriente e no ocidente há mais de dez séculos.

Falar da extensão conceitual da história do café de outros países necessariamente perpassa a história do Brasil e, pensar a respeito do fenômeno da informação, interliga-se às sub-temáticas do café.

### **Capítulo 3**

#### **Memória classificada do Café**

Neste capítulo estabelece-se diálogo com argumentos científicos a respeito da faculdade humana - a *memória* - e a classificação terminológica do café reconduzidas do eixo da coleta informacional nos arquivos investigados (ver Quadro 01). A primeira frase do texto publicado no volume um da Enciclopédia Memória-História, Jacques Le Goff declara que o conceito de memória é crucial. Do conhecimento bíblico até a psicofisiologia, no campo da neurofisiologia e da biologia, das classificações da memória coletiva e individual, a memória histórica e memória social são organizadas pela disposição investigativa do pesquisador. Para o pensador, que viveu entre 1877 e 1945, e executados pelos nazistas, a memória é uma espécie de fusão entre instinto vital e energia vital capaz na distinção das memórias coletiva e individual.

O enlace dos estudos do fenômeno da memória, interdependente do ato minemônico, situa as diferenças entre memórias que dão sustentabilidade às identidades subordinadas à noção de tempo, de espaço fraturadas nas mudanças da memória no tempo histórico. Todavia percebe-se as vulnerabilidades da memória no processamento das mudanças culturais no presente e, os grupos que a disputam no campo social, reordenam e a reconduzem nas suas narrativas. Assim, Halbwachs (1990), na obra póstuma, declara que é necessário conhecer os “quadros sociais” para reconstruir o que foi denominado memória. De fundo estão as “classificações mentais” e as “classificações sociais” de Durkheim que oferecem, daí, as aproximações entre ciências sociais e história pela perspectiva das representações do “ser histórico”. O tempo aparece na sua obra, segundo Jean Duvignaud (Halbwachs, 1990, p.9-17), como categoria de um entendimento da história, no passado reinventado e, por isso, distingue-se a memória coletiva da memória histórica. Esta, feita pelos documentos dos porões,

dos depoimentos transcritos, das fotografias amareladas e diversos registros interpretados, estão no ponto de vista da “multiplicidade dos tempos sociais”. Esses documentos devem ser analisados para compartilhamento do discurso se observados os acontecimentos no jogo das verdades vivenciadas pelas pessoas de seu próprio tempo.

A lembrança, algo difuso que se materializa, configura-se como vetor do presente para recuperar no passado nos marcos da memória. Não se define o conceito de informação porque é necessário as “posições dos acontecimentos do passado” porque reinterpretemos a memória onde a volta ao passado muitas vezes é imaginada, na seleção orgânica de escolha individual e do grupo.

Para a Ciência da Informação, as conexões aos estudos da memória – em aproximação a outras ciências como Sociologia, Antropologia e Psicologia – considera o crescimento tecnológico e o aperfeiçoamento da técnica e, como tal, relaciona-se com a interdisciplinaridade que abraça o problema do domínio do contexto sociocultural, diretamente condicionado aos aspectos da organização da informação das instituições curadoras da memória.

No Brasil, assim como os Continentes do Hemisfério Norte, a definição e função social entre Biblioteca, Museu e Arquivo tem origem nos serviços institucionais dos Estados-Nação, das reformas dos Estados, da legislação de proteção, assim como das intervenções na produção do conhecimento, proibições de hábitos e comportamento sociais por razões políticas, religiosas ou ideológicas na estrutura ou na superestrutura social com bases no problema da memória. Destacam-se as estruturas sociais e as funções simultâneas dos corredores e arredores da dimensão virtual do café, na similitude à memória coletiva e individual (Halbwachs, 1999). Aqui cabe um apontamento pela presença da contradição entre as necessidades utilitárias da memória (narrativas políticas) e as questões memoriais assim como se reconhece o coletivo e o

indivíduo em relação ao “quadro social” do Café. Portanto se reconhece a defasagem da sobrevivência humana, no sistema produtivo na economia dominante, e as demandas do homem do trabalho, na consolidação do capitalismo e a representação social do Café.

Candau (2013) nos fala sobre a antropologia da memória, que analisa em profundidade sob o ponto de vista da classificação da memória através das áreas do conhecimento, em que figura a retrospectiva: da filosofia, psicologia, e ciências sociais sob influência das perspectivas da neurociência partilhando a “complexidade do estudo dos estados mentais – o que são, indubitavelmente, as representações do passado – sem adquirir um bom conhecimento do substrato orgânico que os torna possíveis?” (Candau 2013, p.205). À vista do interesse de reflexão quanto ao desenvolvimento da leitura sobre a presente temática, o autor dá suporte às operações da memória como “estados mentais e processamentos da consciência”. Pode-se explicar tal complexidade por algumas formas da organização da matéria, da natureza das coisas, talvez suficiente para dar à expressão da metáfora utilizadas para corresponder às significações dos “corredores e arredores da dimensão virtual do café”.

No glossário da obra de Candau (2013), *Antropologia da Memória*, descreve-se na classificação do conceito memória **memória de longo prazo** como aquela onde se conserva a recordação; **memória de trabalho** vinculada à manutenção do que é imediato e para a realização de uma tarefa; **memória declarativa** relacionada à linguagem e consciência; **memória episódica** ou de base como experiência fenomenológica da recordação; **memória explícita** relacionada à memória episódica interpretada como a memória semântica ou a memória conhecida pelos sujeitos cognocentes; **memória implícita** ou inconsciente; **memória perceptiva** como aquela “que opera o nível pré-semântico, trata a forma e a estrutura”; **memória processual** como não consciente e relacionada ao automatismo e **memória semântica** como escopo

de todos os fatos e conhecimentos retidos na memória durante a vida. Além dessa classificação, o autor aborda a **metamemória** definindo-a “como a representação que cada indivíduo faz da sua própria memória, o conhecimento que tem dela e, por outro lado, o que diz dela” (Candau, 2013, p. 208).

Devemos pensar na relação do tempo como capacidade de memória e espaço, superar limites linguísticos da expressão comunicativa e preservar o patrimônio de um passado reducionista determinado nas políticas governamentais e já distanciadas da presença das inventividades da noção de passado, extensiva às instituições curadoras da memória<sup>23</sup>.

O tempo em movimento, no desenho do Método Quadripolar, se sustenta nos diagnósticos das relações pendulares institucionais, no vai e vem dos dissabores das ações positivas na preservação dos acervos, do planejamento de tratamento documental, e das mediações criativas frente à decadência político-econômica. (Espírito Santo; Marañon, 2013).

O desenho do corredor do café é sustentado por uma força associada à ideia de profundidade não de forma linear, mas sim pontilhada de situações das lembranças individuais, como limite das interferências coletivas. Esta imagem abusa da imaginação e explica que há razões estruturais que devem ser abraçadas para permanecer focadas na relação da dimensão virtual na construção de metáforas. Por certo, há um passeio necessário, definindo os papéis das “estruturas” sociais e linguísticas, distinguindo-as, a saber, para a reconstrução do que há no passado. Concorde-se com Candau (2013, p. 33) no tocante à concepção da memória e seu pensamento como descritos abaixo:

---

<sup>23</sup> Todavia há um traço crítico na análise de Candau quando se demonstra reveladora das contradições do estabelecimento das forças de memória constituídas de poder e pouco expandidas no senso comunitário. “Na realidade, esses discursos políticos ou religiosos só são sustentados por uma pequena minoria da população e se são escutados por audiências excepcional que estas sejam maioritárias” (Candau, 2013, p.204).

A tese retomada, segundo a qual a memória é uma reconstrução e não uma reconstituição fiel do passado, está longe de ser uma ideia nova. Sem falar dos textos filosóficos muito antigos que vão nesse sentido, ela foi avançada a partir de 1932, sobre bases científicas por Frederic Bartlett, psicólogo experimental que prosseguiu na via aberta de Ebbinghaus. A memória, demonstrou ele, é por um lado um processo criador, uma reconstrução feita a partir de experiências passadas. Por exemplo, os sujeitos aos quais ele pedia para contarem uma narrativa que ele havia dado a ouvir procediam a um *reajustamento* da história na história, numa direção orientada pela sua própria experiência cultural.”

Das narrações diversas os elementos linguísticos (substantivo, pronome, tempo verbal, discurso da narração, advérbios e expressões adverbiais), há inúmeras metáforas que nos levariam à exaustão se listadas no texto e Candau (2013, p. 23), por exemplo, explica a enormidade dos contornos da memória pela metáfora glacial de Knik no Alasca, em referência aos estudos sobre estados mentais, processamento de consciência e memória intitulado *Comment la matière devient conscience*, dos autores Edelman e Tononi (2000a, p.37 citado por Candau (2013, p.36). Neles se indicam as relações dos ressignificados linguísticos a partir da força da gravitação e textura do terreno, realimentado na metáfora sobre a massa em movimento. Outras referências metafóricas interessantes são os trabalhos de esculturas em gelo<sup>24</sup>, o degelo e a liquidez, que instigam o pensamento sobre o imediato e a efemeridade das atividades humanas quando o gelo, por exemplo, reforça a metáfora da memória passageira e nada estável.

---

<sup>24</sup> Um bom exemplo, entre outros, são as esculturas em gelo apresentada em 2013 pela artista brasileira. “Trezentas miniesculturadas de gelo ocuparão os degraus da escada que leva ao Memorial da América Latina, em São Paulo, na tarde de quinta-feira, 21/2. As peças, que compõem a obra ‘Monumento Mínimo’, da artista Néle Azevedo, marcam a abertura da exposição ‘Exemplos a Seguir - Expedições em Estética & Sustentabilidade’, projeto da Fundação Federal de Cultura Alemã com curadoria de Adrienne Goehler”. Disponível em <http://g1.globo.com/economia/noticia/2013/02/artista-exibira-miniesculturadas-de-gelo-em-sao-paulo.html>. Acesso em 10 nov. 2021.

A Ciência da Informação mantém-se incondicional na perspectiva da apuração do objeto científico, balizado nas ações humanas destinadas a cumprir com a função social de mediar estruturas sociais (relações dos poderes políticos, científicos e econômicos) e o acesso informacional.<sup>25</sup>

Durante os séculos, estudos da memória documental e da informação passaram por períodos extremados das revoluções sociais, a iniciar-se pela radicalidade da Revolução Francesa e da Revolução Industrial quando não à abolição da leitura como direito humano e limitações ideológicas advindas da II Grande Guerra, pelo nazismo e fascismo, quanto ao ensino manipulador das consciências culminando nas dificuldades de acesso ao conhecimento e limitado a poucos na educação manejada como instrumento de poder.

As raízes do desenvolvimento das Ciências Sociais são distintas nas correntes funcionalistas, estruturalistas e pós-estruturalistas, desveladas em paradigmas herdados que, como tatuagens no corpo humano, constituem sinaléticas conceituais da história do seu desenvolvimento. Refiro-me ao processamento das ideologias do Estado-Nação na crítica e pensamento dialético do marxismo, à inserção do sujeito como foco de investigação no pós-marxismo, à distinção e à apropriação do pós-modernismo ao projetar a ideia do desaparecimento do Estado. No mundo da inclusão social, com a atual retomada das preocupações relativas às novas classes consumidoras dos equipamentos digitais, tais proposições favorecem a idealização da Sociedade baseada na Informação.

A informação-produto, isto é, a pedra-magna do conhecimento da Ciência da Informação, é realizada no meio social e sofre profundas transformações no decorrer

---

<sup>25</sup> A memória quando tratada na área da Ciência da Informação, herdeira das correntes metodológicas da complexidade analisada por Silva (2016), no texto de abertura do Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação (Enancib), mostra-se com fundamentação baseada no documento probatório.

dos últimos duzentos anos, de acordo com a evolução tecnológica dos meios de produção mais eficazes e ainda presentes na tecnologia, como é o caso da mecânica e cibernética.

O estudo sobre os meios pelos quais se produziram tais objetos e os processos humanos denotam a mudança de paradigma na área de pesquisa. Se antes observávamos os martelos, as serras, as roldanas, as orientações marítimas pelo astrolábio e quadrantes, hoje podemos falar dos computadores e da cibercultura. O efeito da ilustração, aqui colocado, nos impõe pensar nas contradições sociais adicionadas às estruturas sociais na intimidade das diferenças de classes, a perpetuar o controle das formas de disseminação da informação estruturada.

Os ensinamentos de Marx (1971) podem iluminar a investigação da estrutura social e melhorar o desenho que, tal como previu Copérnico ao desmentir as teorias geocêntricas, não deve se limitar à visão da sociedade como sendo um prato plano em que a dimensão superior recria apenas os fatos separando-os das diferenças sociais restritas à dimensão inferior. Assim como a órbita da terra é comprovadamente elíptica, a configuração de toda sociedade dá-se pela realidade social marcada pelo movimento da memória dinâmica, ambas conformadas num todo dimensional inseparável entre forças produtivas e meios de produção. Assinalam-se, aqui, os processos da ação do homem (sujeito), as apropriações dos meios de produção e a quantidade de energia associada ao produto. Não seria, assim, a informação um fenômeno dos processos sociais regidos pelas contradições da realidade social?

No mundo físico entende-se por *estrutura* a capacidade de se estabilizar a matéria em equilíbrio estável e que dê imobilidade à coisa desejada, de modo que se tem a ideia da fundação de subestruturas rígidas, capazes de “manter” o objeto. Tais conceitos de estrutura, supraestrutura e subestrutura migraram para o sentido cognitivo

e estão presentes nas diversas línguas nas sociedades. O sentido principal, e de nosso interesse, é aquele em que a estrutura se dá por intermédio da unidade mínima da escrita e da fala, dos fonemas que também se expressam de forma gráfica para simbolizar o objeto ou o pensamento, e para dar ligação aos sistemas de linguagem na sua manutenção.

As propriedades das instituições são valorizadas no momento em que há procura do sujeito para a transformação do conhecimento. Todavia, o emprego do substantivo *estrutura* é indicado aos suportes da materialidade ao empregarmos o conceito “estrutura social, política ou econômica” para o estudo das Ciências Sociais, entendidos como sistema simbólico em que interagem.

Durante a pesquisa não se tratou de definir datações históricas do pensamento evolucionista ou um local físico como, por exemplo, o local da agricultura pontuada do produto em questão; mas buscou-se, sim, dirigir o olhar para a constituição da memória coletiva e buscar a tradução e interpretação de documentos relativos ao café, arranjos documentais, das razões que levaram as instituições a recolher, tratar e disponibilizar a documentação na sociedade de maneira também equivalente, ou diretamente representando a agricultura, a economia, a política e a cultura.

Assim, os documentos materiais relativos a uma determinada época devem a sua existência às narrativas orais, textuais e às imagens significantes da situação temporal e, fundamentalmente, da memória coletiva na sociedade. São contextos histórico-cultural e pertencem aos tais sistemas dos diferenciados significados na forma de representação do objeto. De tal forma, a informação está fixada em matérias variadas que, se houver tratamento em forma física (o digital é também físico) das partes coerentes, comprometem-se e podem afetar as estruturas sociais da memória semântica.

Para ser outra coisa transformada, que não a anterior vivenciada, é necessária a imaginação que visará o processo de recriação da informação.

O emprego do substantivo *estrutura* aparece muitas vezes para indicar a correspondência entre organização/produção social e a geração dos produtos como registros. Esse conceito parece-nos não estar superado na Ciência da Informação e não se desfaz ao empregar o conceito “estrutura social, política ou econômica” para as Ciências Sociais, Comunicação e História, onde se desambigüizam os significados no sistema simbólico da linguagem. Este sistema interage, pois, nas relações sociais e suas representações expressando-se em fatos históricos, lendas, mitos e na arte.

No pensamento consensual dos pesquisadores da área da Ciência da Informação entende-se por *estrutura* onde a informação está fixada em seus suportes de base, composta de variados arimos que, tratados em suas especificidades, resultam na estabilidade desejada. Assim, tais como aqueles sistemas da materialidade tecnológica (mecânica, elétrica ou eletrônica) produtores de formas e conteúdos, os documentos estruturam-se com as partes coerentes e transformam-se em meios e formas reproduzíveis dos atributos informacionais.

Teremos, então, distintos desenhos das *estruturas sociais* e da *estrutura da informação* que, para efeito didático foram demarcadas nas suas diferenças para entendimento de processos e não a partir de modelos pré-estabelecidos. Essas estruturas sociais se fundem sem apelo das classificações embora se fundamentam na complexidade da memória. Pode-se pensar em espécies das estruturas das significações linguísticas assim como as metáforas são dotadas no corpo das estruturas sociais, que são produtoras de estruturas de registros para acesso à informação. A estrutura da metáfora oferece qualidades comunicacionais e significados da experiência linguística em tempos, espaços e sociedades diversas.

O estudo vincula a leitura da informação à estrutura das metáforas e com a estrutura social em correspondência à estrutura documental e estrutura informacional. O estímulo do pesquisador opera as características denominadas como quatro aptidões descritas a seguir. A aptidão construtiva que consegue mais facilmente compreender a estrutura social da memória em dimensões diversas (inconsciente, consciente e com intencionalidades claras), a aptidão comunicativa que indica que o “organismo social” (Leroi-Gourhan, 1964 apud Candau, 2005, p.27-28), relacionam-se as produções Agrárias e Industriais com a documentação do café; aptidão crítica da leitura da informação ao simbolizar o passado, o estado da nostalgia, o estado de felicidade, o estado da melancolia e o estado da crítica e, por último a aptidão de reconstrução da Imagem (informação visual) que implica em variáveis da memória como: saúde física e saúde mental, amnésia/esquecimento/frugalidade/perturbações/dores; “memória prejudicial” (Freud, 1972 apud Candau, 2005, p. 28-31) para a lembrança/restituição dela.

**Quadro 6 – Leitura da Informação – Estrutura das Metáforas e Estrutura Social /**

## Estrutura Documental e Estrutura Informacional.

<b>ESTRUTURA DAS METÁFORAS CRIADAS</b> Qualidades comunicacionais e significados da experiência linguística	<b>ESTRUTURA SOCIAL</b> Memória Coletiva e Memória Individual
– Aptidão construtiva	– Inconsciente – Consciente/ Intencionalidades/Ideologia
– Aptidão Comunicativa	– Memória Social no “organismo social” – Produção Agrária – Produção Industrial
– Aptidão Crítica	– Simbolizar o Passado – Estado da Nostalgia – Estado de Felicidade – Estado da Melancolia – Estado da Crítica
– Aptidão de Reconstrução da Imagem	– Saúde Física e Saúde Mental – Amnésia/Esquecimento/Brutalidade/ – Perturbações/Dores – “memória prejudicial” (Freud, 1972) <i>apud</i> Candau, 2005, p. 28-31 – Lembrança/Restituição
<b>ESTRUTURA DOCUMENTAL</b>	<b>ESTRUTURA INFORMACIONAL</b>
– Instituições e Produção – Acontecimento Registrado	– Memória e Leitura visual – Imagem Memorial
– Leitura <i>sígnica</i> do documento – Defesas territoriais/Forças Armadas/Defesas Econômicas	– Linguagem – Cognitiva – Sensorial
– Recriação inequívoca do passado através das codificações de acesso ao documento – “Imagem memorial” / Registrada / “fidelidade” ao passado	– Dimensão mediada pela cognição no processo da leitura

Fonte: Elaborado pela autora, 2017

Temos aqui dois desenhos distintos entre si e que se referem à estrutura social, estrutura documental e à estrutura informacional. No entanto, serão elas tão distintas assim?

Na análise em curso, a tecnologia estabelece o elo entre as estruturas linguísticas e sociais e não está focada na discussão sobre a natureza da Ciência da Informação, embora a área se preocupe com os seus laços determinantes, como esclarece o Prof. Malheiro da Silva:

(...) A dinâmica inerente à Ciência não poderá reforçar uma tendência, que há cada vez mais gente a promover, para a integração ou fusão da CI com os Sistemas de Informação, as Ciências da Computação e outras disciplinas conexas? E a mesma dinâmica não poderá, também e em alternativa, seguir uma via que leve à proposta complexa e ousada da Cibersemiótica de Soren Brier, definida como teoria transdisciplinar de informação, cognição, comunicação significativa e interação entre natureza e cultura (Silva, 2016, p. 19).

Centrado no trabalho, em diferentes níveis de estrutura da mediação da informação, apresentam-se as instituições curadoras da memória em Brasil, Portugal, Turquia e Itália, indicadas em quadro as correspondências de dados coletados e combinados, ou que se caracterizem como extensões da guarda e preservação de acervos nas regiões impostas pelas demarcações administrativas, essencialmente culturais.

Pretende-se, assim, obter reflexões e dirigir o olhar para a constituição de arranjos e classificações documentais das instituições e/ou entidades na sociedade, ou de uma política cultural pública em que há virtualidade sistêmica de significações e recriação na gestão da informação.

Além disso, verificam-se os problemas com a dispersão da informação-documento em Arquivos, Bibliotecas e Museus, particularizados em cada história e funções das instituições pesquisadas. Por um lado, apesar do real talento da Ciência da Informação na aplicação de procedimentos técnicos – coleta, seleção, organização e preservação da informação – para o acesso informacional alargado ao público, não

raramente há dificuldades de aprofundamento das noções mediáticas das linguagens documentárias frente à adoção de sistemas eletrônicos, na substituição da gestão de fundos por folksonomias e interoperabilidades edificadas nas diferenças culturais. (Brasil, 2012)

Tradicionalmente, o tempo foi um critério usado para separar acontecimentos e o espaço foi um critério útil para separar corpos e objetos. Na sociedade contemporânea, com a expansão da comunicação, das redes de transmissão de dados, o surgimento da virtualidade, por exemplo, o tempo adquire valor. Atualmente, tempo e espaço já não estão imbricados. Acontecimentos em diferentes contextos geográficos não são impeditivos para a conexão das ações sociais em virtude da compressão do tempo-espaço (Giddens, 1990) ou, como prefere Harvey (1992), do aniquilamento do espaço pelo tempo. Tais concepções contemporâneas, que desvinculam tempo e espaço, são objetos de variadas facetas de observação que se encontram justamente na possibilidade de acontecimentos simultâneos e vinculados em diferentes contextos espaciais (Costa; Muzzio, 2012, p. 1-19).

Certamente identifica-se o enfrentamento institucional do paradigma patrimonial, historicista e custodial, discutido por Silva, Soares e Pinto (2015) em outras realidades que se debruçam já sobre a informação em detrimento do documento de arquivo de valor permanente:

O paradigma pós-custodial, emergente no final do século XX, possui uma perspectiva que coloca a Arquivística no campo da Ciência da Informação, pois entende que o objeto científico da mesma não pode mais ser o documento de arquivo, mas sim a informação. Por esse motivo, esse paradigma contrapõe-se

ao paradigma custodial voltado para valorização do documento de arquivo de valor permanente (Silva; Soares; Pinto, 2015, p. 22).

Por outro lado, as ações originadas das mediações profissionais, com viés nas análises e intervenções dos contextos culturais específicos, demonstram-se ricas em possibilidades de transformação do conhecimento no âmbito comunitário, por isso, pensar no uso da apropriação da informação de forma ampla pelos sentidos humanos. São elas valorizadas no momento em que há a procura do sujeito para a transformação do conhecimento.

As ideias das vias, ou corredores, imaginados são expressões linguísticas e nelas conjugam-se o tempo e o espaço simultâneos a fatos nos territórios. As pesquisas que se orientam pelo conceito das dinâmicas econômicas e das análises das “culturas organizacionais, são associadas a um espaço que possui dinâmica própria e a uma realidade temporal específica” (Costa; Muzio, 2012) porque trata-se de categorias que não são suspensas na virtualidade, provocando um sentido estéril da informação, embora deem referência aos espaços demarcados pelos poderes constituídos das estruturas espaciais, locais, da conquista dos continentes, do mundo material mecânico e das suas representações uníssonas descritas nas formas expressas e temporais. Na lista a seguir estão elencadas algumas fases de reconhecimento dos termos (informações) relacionadas à evolução tecnológica no recorte do plantio do Café, dominado e destinado na agricultura, no lugar, nas formas e instrumentos (Mazoyer; Roudart, 2010, p. 44; Argolo, 2004, p. 61-105; Mayer, 1924):

### **1. Instrumentos**

1. Arado.
2. Pilão manual.
3. Pilão mecânico movido à roda hidráulica.

4. Monjolo de rabo, “máquina primitiva para beneficiamento do café” (Campinas, SP, 1840).
5. Ventilador simples *Lidgerwood*, entre outras patentes.
6. Máquina de despolpar.
7. Máquina para despolpar.
8. Máquina para selecionar.
9. Catador inclinado *Arens & Co.*, entre outras patentes.
10. Separador.
11. Tipos de lavouras descritas em Portugal: Arroteira, surribo e alqueire. Mecanização. Motorizado.
12. Charrua de um só ferro próprio para lavoura de arroteia.
13. Charrua “Brabant”, Charrua “Eckert”, Charrua de balanço, Charrua de dois ferros, Charrua de três ferros, Charrua de discos, Charrua de volta-aivéca, Charrua de abrir valas; Grade de discos, de dentes, grades rígidas, de molas, de Acme, de planet etc.
14. Escarificador, rolo compressor, rolo destorrador.
15. Vallador Martin, semeadora Planet, semeador em linhas de tração animal, semeador de milho.
16. Derrubada da mata virgem, queimada, empobrecimento do solo.
17. Lavrar. Pulverisar e arejar.
18. Adubação, aléia, aração.
19. Ruas e Culturas intercalares.
20. Beneficiamento.
21. Cafeicultores, finqueiros.

## **2. Local da Região**

- 2.1. Fazenda, sítio, porto e cidade.

## **3. Localidades, regionalidades, arredores**

- 3.1. Porteira, cerca, córrego, matas, muros, ruas, praças, estação.

Assim, para explicar a introdução do Café no Brasil reproduzimos a lenda, entre um homem e uma mulher casada, ao remeter as narrações no sentido da atração, amizade, generosidade, receptividade, galanteios e ao adultério de Madame d’Orvilliers, esposa do Governador da Guiana Francesa. O Sargento Mor, brasileiro, do Exército Português, Francisco de Melo Palheta, foi heroificado pela história brasileira por ter difundido, em território brasileiro, o Café. As dúvidas persistem pois não se tem prova documentais a respeito que ele tenha recebido grãos de café daquela senhora. A cada

elemento adicionado às diversas narrativas da conquista de Palheta, e na “apimentada” traição de uma mulher, foi determinante no espaço territorial, na história cultural brasileira, em que se aprisiona a ação regional e no que nos ensina a lenda do café. “Nas lendas tudo acontece em três”, por Pamuk (2010, p. 301), e admite-se a forma lendária para compor argumentos históricos no caso da introdução do café no território brasileiro.<sup>26</sup>

As referências do primeiro relato sobre a entrada da rubiácea no Brasil, que mais se aproxima dos efeitos morais da literatura romântica de Balzac, distinguem-se dos estudos da agricultura propícia dos ciclos climáticos para o plantio do Café na Etiópia, América Central, Colômbia ou Brasil, mais recentemente.

Antes no tempo da travessia para o Iêmen, dos mercados na Europa, das proibições da Turquia e, quando se espalhou para o mundo ainda nos tempos da Conquista, conformaram-se as bases comuns e referenciadas pelos autores sobre o Café.

A impossibilidade de reconstrução dos elos perdidos da cultura agrária, da relação do homem do campo com a natureza, depende da dedicação dos mediadores para forjar a dimensão virtual da leitura das coisas do mundo, com o sentido da memória semântica. A base estrutural da leitura do café está na simultânea capacidade do sujeito interagir com o escopo da imagem memorial e a capacidade biológica dessa espécie demonstrar o êxito cultural das revoluções humanas de caráter agrícola, industrial e comercial a partir do século V.

---

<sup>26</sup> “Uma significação é decorrente das relações internas do sistema a que este pertence. Qualquer organização opera em um determinado contexto, e os significados que a permeiam são, portanto, referenciados pelos valores do ambiente, que podem possuir diferentes níveis de análise. Neste sentido, a cultura organizacional pode se referenciar simultaneamente em um ambiente mundial, nacional e regional/local, quando tal nível justificar uma análise distinta do nível nacional. No caso brasileiro, a literatura indica diferenças culturais que podem legitimar análises no nível regional, o que nos leva a compreender esta regionalidade como objeto válido nas distinções de cultura organizacional”. (Costa; Muzio, 2012, p. 154).

Nas considerações de que a informação é sustentada por documentos, ou registros documentais, compreende-se que a virtualidade<sup>27</sup> possa relatar e ressignificar sentidos na dimensão eletrônica para compreensão e uso da terra, do comércio e a movimentação transmarítima para fixação de povos, dos significados, além das representações gráficas por eles assinaladas.

**Quadro 7 – Traços culturais de plantio.** Agentes e atividades na lavoura do café.

<b>1. Manutenção da rotina do plantio</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>– Replântio</li> <li>– Cultura intercalada</li> <li>– Capina</li> </ul>
<b>2. Intensificação da produção</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>– Verificação do solo: edafização<sup>28</sup> (processo geológico de transformação do solo)</li> <li>– Adubação: combate à erosão</li> <li>– Poda</li> <li>– Controle das adversidades climáticas</li> <li>– Combate às doenças e pragas</li> <li>– Fator de Produção</li> </ul>
<b>3. Preparo do produto</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>– Colheita, despulpamento, secagem, benefício e armazenamento</li> </ul>
<b>4. Preparo do alimento</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>– Preparo da infusão</li> </ul>

Fonte: Elaborado pela autora. 2017. Referência: Camargo; Telles, 1953.

A dimensão da informação estruturada une as noções de Espaço e Tempo compreendendo o fenômeno da informação como composto por elementos estruturais nos territórios e nas regiões dos países selecionados. Esta simplificação entre informação material e imaterial será uma proposta para comunicar um processo de criação.

<sup>27</sup> A palavra *virtual* carrega polissemia nos sentidos morais, estéticos e tecnológicos. A aplicação do termo refere-se aos sentidos das possibilidades digitais: “Com certeza que a resposta não será clara, nem reunirá consensos concordantes, para que possamos obter uma resposta suficientemente credível. Contudo, parece que esta ideia funciona de modo protetor e/ou agregador para três conceitos que não se encontram diretamente relacionados: a) Conversão analógica para digital (digitalização); b) Representação simples do código e c) Representação numérica. Assim, sempre que justificarmos que a qualidade de um determinado novo media (new media) se deve ao seu status digital, deveremos especificar quais destes conceitos estão naquele momento em funcionamento. Por exemplo, o facto de que ‘diferentes media possam ser combinados num único ficheiro digital, deve-se ao uso de uma representação simples do código, ao passo que a capacidade de copiar resultados media sem introduzir degradação, é um efeito de uma representação numérica’” (Manovich, 2001, p. 52).

<sup>28</sup> Edafização. É a transformação de rochas decompostas em solos. (Agroportal, 2021).

A discussão tomou forma nos valorizados conceitos e na relação Espaço-Tempo. Ao analisar o chamado “fim da categoria *campesinato*” na história contemporânea do meio Rural, com base nos pressupostos de Ianni (1999), por distinção e comparação, retoma-se a categoria *Agentes* para nomear forças de intervenção produtiva em localidades. São agentes aqueles que sofrem transformação da identidade no âmbito das determinações econômicas, políticas e sociais no tempo histórico. Além da pessoa há ação, profissão ou habilidades que a caracterizou.

Na atividade executada em tão diversos contextos e na presença dos trabalhadores da terra, pedreiros, mascates, operários, pintores, arquitetos, engenheiros, decoradores, artistas, armadores, costureiras, cozinheiras avançamos na fundamentação dos conceitos, unidos pelas visões críticas das Ciências Sociais contemporâneas, que admitem as influências das condições de sobrevivência humana e das tecnologias como inevitáveis nas transformações sociais, concepções culturais e proposições das transformações coletivas.

Espaço, Território, Territorialidades, Região, Regionalidades, Agentes “gente”, (Ianni, 1999, p. 39) são categorias frequentes em nosso trabalho por tratarem das relações humanas da sobrevivência, produção do trabalho e consumo, assim como os deslocamentos nos territórios frente às hierarquias sociais.

As noções de espaço e tempo modificam-se com base nas conquistas dos novos meios de comunicação, informação e decisão. Os recursos da eletrônica e informática transformam os significados dos dias e noites, semanas e meses, estações e ciclos. (Ianni, 1999, p. 62).

A propósito da expressão “dimensão virtual”, tal como inserida no texto abarca a principal noção das categorias Espaço-Tempo para permitir transitar, historicamente, nas visões diferenciadas sobre África e Oriente Médio, Europa e América Latina sobre

o território dominado pelo Império Otomano e a expansão do Café na Europa e introdução na América Latina, no Brasil.

A construção da dimensão virtual do café prevê a abstração das localidades para fazer uso de técnicas da extração de termos de documentos a serem organizados em quatro classes: Espaço, Região, Território e Agentes disponibilizados na dimensão imaginada eletrônica.

**Quadro 8 – Infografia do Café**

ESTRUTURA SOCIAL	ESPAÇO (CORREDORES)		FORÇA MOTRIZ	
	Territórios	Produção Regional	Animal - Trabalho Humano Natural - Mecânica	
		Territórios Circulação	Etiópia - Arábia	
			Meca - Iêmen - Índia - Turquia	
			França - Áustria - Holanda	
			Itália - Portugal - Índias Orientais América - Brasil	
	Intermediário	Classes Sociais	Escravos - Imigrantes	
			Trabalhadores livres	
			Patrões - Produtores	
			Operários e Proprietários de terra	
Social	Simbólico	Cristianismo } Elites Islamismo } Religiosas	Donos de terra Latifundiários Oligarquias	
Identidade Cultural	Social	Trabalhadores livres nas fazendas de produção do café. Desenvolvimento da Estrutura Social. Cidade e Campo. Séc. XX		
Agentes	Identificados como protagonistas, os proprietários e os trabalhadores rurais, seus descendentes, trabalhadores da infraestrutura da produção cafeeira (engenheiros, ferroviários, agentes comerciais, agentes bancários, médicos da assistência às comunidades rurais, marceneiros, ferreiros, encanadores etc.), agentes religiosos (padres, curandeiros e benzedores)			

Fonte: Elaborado pela autora, 2018

O diálogo iniciado com profissionais da informática concorda com o processo em listagem de termos, extraídos por pesquisadores treinados e orientados pela linguagem atualizada em seu tempo digital. Entre tantos desafios, a língua e a linguagem são imperativas como “saídas temáticas” auxiliadas pela comunicação metafórica, mas também a qualidade da imagem que, se antes era presente no sentido da fotografia analógica e da qualidade documental da imagem, hoje ela migrou para o mundo digital.<sup>29</sup>

<sup>29</sup> O crescimento da invasão da imagem fotográfica relaciona-se com a produção do profissional da imagem que a realiza ou a quem a gerou e deu significado, em função do conceito e garantia iconográfica (ao invés de literária) da

### **3.2 Informação estruturada e as bases teóricas das Ciências Sociais – Estrutura Social e Estrutura da Informação**

As questões sociais são, a priori, a base epistemológica da teoria das Ciências Sociais. Se reconhecermos nelas a matriz do pensamento humanizado, extensivo à Ciência da Informação as relações das estruturas sociais operarão fecundamente nas bases da complexidade do fenômeno informacional, isto é, compreende-se como se dá a informação socialmente e em qual plano cognitivo do usuário. O objeto da Ciência da Informação – o fenômeno da informação – contextualizado, manejado, submetido a recriações humanas e disponibilizado em sistemas apropriados, associa a memória semântica à liberdade de criação.

Considera-se que as áreas subjacentes à Ciência da Informação – Arquivologia, Museologia e Biblioteconomia – possuem autonomia científica e são correlacionadas no âmbito da complexidade do pensamento moderno. Se interagem no sentido da crítica das potencialidades da Organização da Informação e da dinâmica imposta na realidade social global, devem-se respeitar as diferenças contextuais sociais, econômicas e culturais das regiões e territórios. Por isso, merecem ser pautados na discussão dos avanços das ações institucionais (do museu, arquivo e biblioteca) os projetos que tomam os sentidos da linguagem para nortear os desejos do leitor.

Assim, voltando ao Café, os sentidos polissêmicos de um só termo – “café” –, como termo simbólico das relações universais na trajetória estimada em 700 anos, foram replicados na produção rural e urbana. Ampliado socialmente para circular a bebida em locais que fortalecem as aproximações humanas, o grão foi processado em fazendas, saboreado nos locais domésticos, públicos e privados, foi ritualizado nos palácios e

---

imagem analógica, digital e muitas vezes novamente revertida em analógica. Desta forma, o conceito caro à arquivística – a proveniência – dever ser analisado na clínica das virtudes da imagem fotográfica.

barracos, bebido nos intervalos nas indústrias, servido nos mercados, em barracos e palácios.

Assim, há critérios ao realizar a revisão e propor uma leitura do fenômeno informacional, expandido em culturas tão diversas através da comunicação garantida e oriunda da linguagem natural, pois o Café é usado, bebido, transita entre continentes e constitui-se em situações particulares nas relações sociais. Possui, ainda, características simultâneas e, quando isolado, recebe a neutralidade da origem natural, identificada na ruptura das diferenças sociais.

O sujeito consome café espontaneamente quando gosta ou quando lhe é oferecido. É bebida compartilhada entre pessoas e grupos. Plantar café com técnicas modernas é diferente de plantar café com meios tradicionais. Beber café em grupo é diferente de beber café solitariamente. Consumir café, ao invés de chá, representam-se em culturas diferentes historicamente desenvolvidas (China, Índia, Inglaterra). Com ele permite-se observar a trajetória da cultura e é no percorrer da história da ocupação do poder no Oriente Médio, até a modernidade na Europa, que as chances do desenvolvimento da América Latina tomam do Império Português o Brasil, para tornar-se um país do tamanho da sua complexidade moderna e, talvez, atrasos sociais inaceitáveis.

O que representam estes conceitos nas inserções sociais das áreas da memória se não exercermos as aplicações destinadas aos usuários? Os usuários globalizados, universalizados pela internet, recebem as informações de maneira homogênea ou heterogêneas? Respeitam-se, nos programas disponíveis e sites, as particularidades contextuais da cultura? O Prefácio do livro “*A era do globalismo*”, de Octavio Ianni (1999), merece ser reproduzido aqui. Mais do que uma citação, os argumentos do autor são primordiais e funcionam como panorama das estratégias desenvolvidas na pesquisa

que, associados aos conceitos de Regiões, Territórios e Territorialidades, Regionalidades e Espaço, correspondem e se articulam:

O mundo entrou na era do globalismo. Todos estão sendo desafiados pelos dilemas e horizontes que se abrem com a formação da sociedade global.

Essa é uma realidade problemática, atravessada por movimentos de integração e fragmentação. Simultaneamente à interdependência e à acomodação, desenvolvem-se tensões e antagonismos. Implicam tribos e nações, coletividades e nacionalidades, grupos e classes sociais, trabalho e capital, etnias e religiões, sociedade e natureza. São muitas as diversidades e desigualdades que se desenvolvem na sociedade global. Algumas são antigas e outras recentes, surpreendentes. Para compreender os movimentos e as tendências da sociedade global, pode ser indispensável compreender como as diversidades e desigualdades atravessam o mundo.

O globalismo naturalmente convive com várias outras configurações fundamentais de vida e pensamento. O tribalismo, o nacionalismo e o regionalismo, assim como o colonialismo e o imperialismo, continuam presentes em todo o mundo. Mas todas essas realidades adquirem outros significados e outros dinamismos, devido aos processos e às estruturas que movimentam a sociedade global.

Esse é o vasto cenário em que se formam e recriam correntes de pensamento de alcance global. Elas podem ser indispensáveis para que se possa explicar, transformar ou ao menos imaginar o que vai pelo mundo (Ianni, 1999, p. 07).

Durante os anos da década de 1990 as Ciências Sociais observaram, com olhos mais críticos o avanço da globalização como dito por Ianni (1995) citando muitas vezes que, apesar da revelação das diversidades (Ianni, 1999 p. 38), o lugar, a província, o

país, a região, a ilha, o arquipélago ou continente teriam a oportunidade de incluir, no trânsito da informação, as diferenças culturais. Com muita desconfiança observamos as prerrogativas da democracia no conhecimento, em tempos tão sombrios vivenciados pelo Brasil, e demais países que voltaram à condição da fome, reerguerem-se no sentido do desenvolvimento.

Da concepção informacional criada numa determinada política cultural pública, percebe-se o espelhamento da cultura da organização, analógica e imersa na virtualidade, de caráter sistêmico político e ideológico, que nos preenche e também se adapta aos meios revolucionários da tecnologia digital, dos efeitos da Revolução Eletrônica, como profetizava McLuhan (2009, p. 26).

### **3.3 Leitura do Café a partir do fenômeno da informação**

A leitura completa do documento é almejada por pesquisadores, mas há um fosso da comunicação artificial, do pensamento recriado no ato de ler o que já está representado pela escrita com códigos e símbolos que são “espécie de segunda natureza”, e a representação documental do Café está fartamente acessível nas instituições pesquisadas. Mas a palavra Café foi tomada como código, soando muitas vezes como código da oralidade, comunicacional entre culturas. O poder da palavra atravessa as necessidades, as atividades do artifício, do artefato e da sociabilidade: “A comunicação humana é um processo artificial. Baseia-a em artifícios, descobertas, ferramentas e instrumentos, a saber, em símbolos organizados em códigos” (Flusser, 2007, p. 89).

A leitura documentária, aquela realizada na seleção documental das instituições curadoras, contempla a leitura do documento, a identificação das partes do texto e a capacidade de quem lê intencionado em compreender a unidade toda e extrair o termo

adequadamente. Mas o que é e como se faz isso? Como associar os termos aos contextos num oceano de informações? O procedimento dá-se pelas técnicas mais atuais para serem comunicadas de forma assíncrona e multidireccionada (Silva; Ribeiro, 2002, p. 37 citado por Silva, 2016, p.24).

O termo extraído e ajustado é confiável, preciso e serve para compor as classes e submetáforas dos corredores do café? Todas as perguntas são feitas durante a leitura dos documentos e acredita-se que os acervos das instituições estão as informações relevantes<sup>30</sup>. O processo de leitura documentária poderá variar porque depende da superestrutura textual ou tipologia documental específica. A atenção do leitor, do pesquisador, deverá considerar as informações mais relevantes do documento, que podem vir na introdução ou na conclusão do texto-referente.

A elaboração de resumos, como já foi dito anteriormente, supõe a compreensão de textos e a seleção de informações com base na hierarquização. No modelo de Van Dijk e Kintsch (1983), a superestrutura é um elemento fundamental para a compreensão dos textos porque: a) ele tem carácter convencional, sendo conhecido e reconhecido por uma comunidade linguística; b) a superestrutura configura-se como um esquema abstrato que estabelece a ordem global de um texto e se compõe de uma série de categorias, cujas possibilidades de combinação se baseiam em regras convencionais. O domínio das superestruturas permite um processamento top-down potente, porque a leitura faz-se a partir de hipóteses e não pela construção do sentido através de processamento bottom-up (Van Dijk, 1992). Alguns estudos já demonstraram que os bons leitores reconhecem as superestruturas textuais e tiram proveito das mesmas para compreender textos. Tais estudos demonstraram, também, que se pode ensinar

---

<sup>30</sup> Conforme analisei no artigo intitulado “Leitura e vocabulário controlado do documento do Café” (Espírito Santo, 2015a).

os indivíduos a identificar e utilizar com sucesso as superestruturas (Meyer citado por Erliche Tardieu, 1991, p. 186), (Kobashi, 1997, p. 201-210).

Sobre o Método Quadripolar, orientador desse estudo, os condicionantes de ordem metodológica, isto é, se a organização da informação não está pautada em critérios; do polo técnico onde foi referenciado no segundo capítulo desse estudo, e associada às variantes da capacidade interpretativa, poderá ocorrer ou derivar a recuperação da informação demasiadamente eletrônica, descomprometida com a qualidade porque não está apoiada nas diferenças sociais. Pode também ocorrer algo aos moldes do acaso e das decorrentes imprecisões.

Assim, a leitura favorece a extração do que se interessa para compor uma listagem simples de termos, baseada em experiências já realizadas com anotações dos termos em ordem alfabética, substantivos simples, compostos e próprios (nominais).

Para um processo de indexação profissional, institucionalizada, pede-se cumprir etapas fundamentais na metodologia, procedimentos técnicos, capacidade de investigação e síntese de quem executa a ação na leitura documental. As categorias formadas organizam os termos correspondentes. Não há dúvida, houve auxílio da metodologia aplicada à Análise Documentaria para recriar categorias:

### **3.2.1. Categorias do espaço**

**3.2.1.1 Espaço:** *Terrestre, marítimo e espacial* (espaço geográfico); *Espaço arquitetônico* – corredores das construções, das casas, corredores das edificações; *Espaço Rural das fazendas* – glebas, terreiros, campos; *Espaço Urbano das cidades* – lojas, barracas, mercados, ruas; *Espaço intermediário*; Espaço marítimo.

**3.2.1.2. Territórios:** Definem-se em função das categorias do espaço, tempo e produção. São imaginados, desenhados, medidos; *Território* – relacionado à terra; *Território* – relacionado à política, à geografia e geopolítica.

**3.2.1.3. Região:** *Regionalidades*; *Região administrativa* – definida em razão das categorias do tempo histórico. O tempo das razões socioeconômicas e políticas; *Região geográfica* – definida no tempo por razões socioeconômicas, políticas e naturais; *Região cultural* – definida no tempo por razões socioeconômicas, políticas e naturais; *Agentes* (seres humanos, trabalhadores, patrões, negociantes, mulheres, homens, crianças, adultos).

Assim, as categorias sociais são definidas a partir da compreensão do texto documental. O elemento recorrente nas categorias humanas é o *Agente*, o indivíduo da atividade pretérita ou em curso no tempo real; é o sujeito da ação, aquele que produz no espaço do campo, no mar, no espaço rural, urbano ou marítimo, que faz circular, aquele que vende, idealiza, registra, representa, reproduz, transforma e representa com ferramentas, com arte e encerra os processos.

Os elementos que preenchem os corredores temáticos, envolvendo o espaço e os territórios, têm seus signos compreendidos a partir do outro signo, na relação da consciência do mundo e da sociedade. Os signos, como significados, não são universais e a língua não é universal. Assim como as caligrafias nos continentes são diversas e carregam significados simbólicos, não apenas restritos aos conteúdos do capital e do mercado, mas também da religião, que lhes caracteriza historicamente. *Ali e Maomé*, *Deus e Allah*, e assim por diante, recebendo os seus escritos por seus fiéis. Pela vertente religiosa que se encontra com a ideológica, os corredores do café são compostos de frases significativas, e dentro das categorias criadas o termo deve ajustar-se como os ladrilhos dos corredores das significações históricas, culturais e religiosas.

Para esclarecer, a fundamentação teórica baseou-se nos ensinamentos de que um léxico exige uma rede paradigmática e outra sintagmática. A **rede paradigmática** confere relações essenciais e estáveis entre os termos. Isto é muito importante para a

organização dos conteúdos dos documentos que possam ser selecionados em meio à variedade existente.

Ainda, a **rede sintagmática** diz respeito às relações coordenadas aplicadas aos termos no intuito de abarcar o conteúdo informacional. Podemos dizer que o léxico compreende uma lista de termos descritores disponibilizados de acordo com a lógica aplicada aos Vocabulários Controlados, na primeira etapa desenvolvida na pesquisa (2012), antes do desenvolvimento da descrição do conceito. Eles são filtrados e apurados pelo indexador.

Na Turquia, os participantes do presente projeto analisaram o documento do ponto de vista da cultura Otomana, as classes, categorias, relações que estabeleceram no projeto etc., o que são estratégias de leitura para extração dos termos.

A sistematização lógico-semântica das linguagens de processos de indexação resulta, se assim construídos, nos vocabulários controlados. Por isso, na indexação de acervos é importante fundamentar o que tem sido realizado junto a especialistas da linguagem. Lembramos que as linguagens de indexação não devem ser confundidas com os instrumentos produzidos aqui, nas particularidades da sustentação da coleta e interpretação das informações sob a luz das categorias de Espaço e Tempo.

As Linguagens Documentárias (LD), formalizadas nos procedimentos técnicos usuais nas instituições curadoras, almejam a construção de catálogos virtuais ou impressos<sup>31</sup>. O processo, que interessa ao presente projeto, figura como uma rede de palavras preferenciais, priorizadas no documento em leitura suave para que sirva de

---

<sup>31</sup> Segundo profissionais que atuam na linha da representação, a informação, para manter a atividade da elaboração de catálogos, deve ser arranjada em uma ordem conhecida (alfabética) e estruturada segundo relações linguísticas, lógicas, ontológicas e associativas, porém, estruturadas nas significações das classes e já orientadas para cada país em questão na pesquisa. Há, então, domínios e subdomínios tratados nas discussões do grupo para a construção da lista de termos. Entendemos por *domínio* a linguagem a respeito dos contextos do café e por *sub-domínio* as relações que deles possam surgir, conforme pesquisa realizada em 2012.

mediação entre o indexador (pesquisadores) e os usuários (ou utentes). Objetivam a interação com o sistema de recuperação da informação a que podem ser direcionados na pesquisa para a realização de site ou outro produto em formato digital. A articulação das classes priorizadas e a sistematização do conjunto de termos extraídos do documento, por classes, categorias em ordem alfabética é que aponta a pesquisa.

**Quadro 9** – *Polo Técnico*. Exemplo de resultado de extração inicial de termos técnicos relativos ao Café

<b>EMBRAPA Base: THESAGRO</b> (Thesaurus Agrícola Nacional) / Tesaurus - AGRICULTURA Link: <a href="http://snida.agricultura.gov.br:81/binagri/html/BinagriCond.html">http://snida.agricultura.gov.br:81/binagri/html/BinagriCond.html</a>	
<b>Informações sobre extração de termos</b> Expressão de Pesquisa: CAFÉ      Total de registro(s) encontrado(s) no THESAGRO: 7 Níveis dos elementos: Ontologias; Classes; Subclasses Link: <a href="http://aims.fao.org/es/community/blogs/embrapa-infoteca-data-a-gris">http://aims.fao.org/es/community/blogs/embrapa-infoteca-data-a-gris</a>	
Lista de termos extraídos	
<b>(1/7) THES/BINAGRI</b> CAFEEIRO USE CAFE	<b>(7/7) THES/BINAGRI</b>  CAFE UF CAFEEIRO BT PLANTA ESTIMULANTE NT CAFE CATUAI NT CAFE CATURRA NT CAFE ICATU NT CAFE NOVO MUNDO NT CAFE ROBUSTA RT COFFEA ARABICA RT COFFEA CANEPHORA RT CAFEICULTURA RT CAFEZAL RT CASCA DE CAFE
<b>(2/7) THES/BINAGRI</b> CAFE ROBUSTA BT CAFE	
<b>(3/7) THES/BINAGRI</b> CAFE NOVO MUNDO BT CAFE	
<b>(4/7) THES/BINAGRI</b> CAFE ICATU BT CAFE	
<b>(5/7) THES/BINAGRI</b> CAFE CATURRA BT CAFE	
<b>(6/7) THES/BINAGRI</b> CAFE CATUAI BT CAFE	

**Quadro 10** – *Espaço – Território – Região*. Levantamento parcial de termos extraídos de fontes documentais.

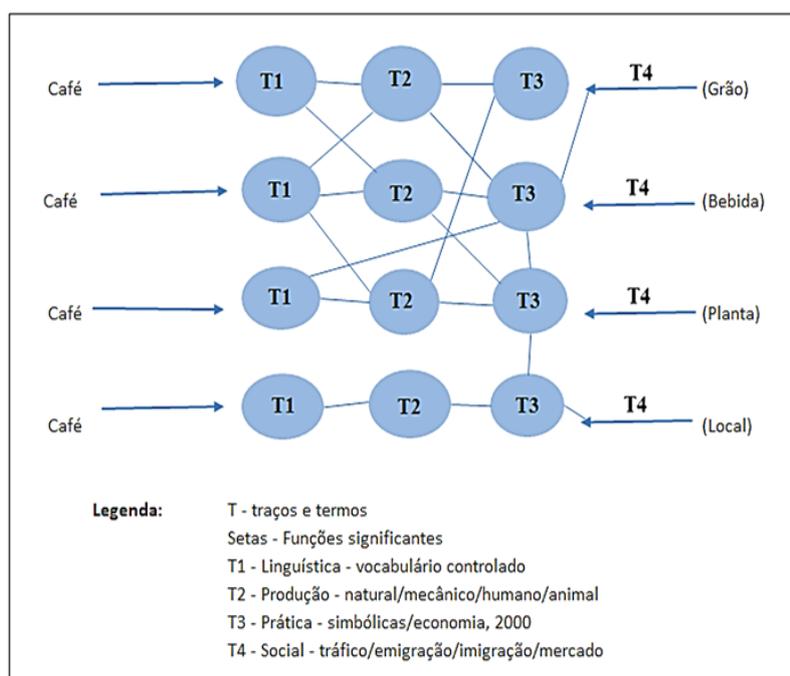
Equipamentos Domésticos	Equipamentos Agrários	Atividades Agrícolas
Bacia	Agulha	Arado
Bacia ferro	Arado	Arrancagem
Bacia ferro batida	Arreio	Batimento
Balde	Arriagem	Beneficiamento
Balde de zinco	Barrica	Capinagem
Balde saco farinha	Bomba	Carpa
Bandeja	Canga	Carreto
Bucha	Canivete	Cavação (NE= fazer cova)
Cafeteria	Carimbo	

Caldeirão	Carpideira	Cobrindo replanta
Caneca	Carretela	Coleta
Caneca japy	Disco	Colheita
Casçarolla pesça	Enxada	Coroação
Chaleira	Enxadão	Correndo café
Colher de estanho	Fechadura	Espalhação
Colher de ferro	Lima	Espalhamento
Concha	Machado	Peneiração
Concha de estanho	Machina	Picamento
Espumadeira	Machina [d'agua]	(NE=picar, cortar
Faca	Prego	em pedaço)
Facão	Revolver	Plantação
Faccão	Sella	Plantio
Frigideira	Serra	Poda
Funil	Tarracha	Replanta
Garfo		Safra (NE=período da colheita)
Garfo de estanho		Transposição de folhas [troca de folha]
Garrafa		
Garrafão		
Garrafão vazio		
Jacás		
Lamparina		
Louça		
Peneira fubá		
Prato		
Tacho de ferro batido		
Tijelas (pinturas?)		

Fontes: Construção dos corredores do café. Projeto para Vocabulário Controlado do acervo documental Centro de Documentação da Fazenda Santa Cecília, Cajuru, SP, 2012

A base da estrutura dos corredores está na construção metafórica da linguagem e possui a quantidade indefinida de unidades constituintes (termos descritores) e delimitação do significado das unidades conceituais. Abrir as expressões “corredor do café” e “ladrilhar” assemelham-se a outras expressões: corredor ecológico, corredor turístico, corredor da morte, conforme já descrito.

**Figura 3** – Relações entre os traços e termos que emergem polissemicamente associados ao Café



Fonte: Elaborado pela autora. 2016.

As instituições indicadas e integradas na pesquisa, como já abordamos, diferenciam-se por razões iniciadas na formação dos acervos administrativos e conteúdos informacionais, desde o período comercial marítimo no mercado das especiarias do Oriente Médio, a partir do roteiro europeu para comercialização do café, das plantações do cafeeiro no Brasil, nos assuntos em que outros países produtores ou distribuidores se situam.

A enormidade dos acervos compostos de objetos da cultura material, analisados como um sistema de símbolos, é destinada a representar e transmitir uma mensagem histórica oficial das coleções e classificações científicas e culturais do simbólico constitutivo da memória cafeeira. São entrelaçados, assim, nas espécies documentais da

produção da Corôa Portuguesa, no domínio do Império Otomano e da Emigração Européia.

### **3.3. Construção da linguagem virtual par o corredor do Café**

A palavra homônima corredor, designada para aquele que corre e movimenta-se com velocidade, tem sentido de agente e carrega a ideia de homem em ação, e define também o espaço de circulação protegido nas lateralidades. A proteção mural entre fluxos da mercadoria, da moeda, do dinheiro; dos espaços internos das edificações patrimoniais; de passagem para os meios de transporte e comunicação; de caminhos entre pés de café; de espaços geográficos entre as cidades e os espaços abstratos do poder do Estado (Espírito Santo, 2009). As paredes do museu são laterais que dão fluxo de mão-dupla, com circularidades ou adensamentos espaciais que possuem passagens.

A primeira tentativa de manter uma direção para esta síntese de uma história complexa foi a criação da metáfora que instrumentalizasse recortes de caráter metafórico, de sentidos orientadores de pesquisas no universo documental de aproximadamente um século no Brasil. Assim a gestão documental passa a simbolizar, ressignificar e reordenar a si mesma. Os corredores (documentais) analógicos, se convertidos para o meio virtual provocam, em poucas palavras, outras perguntas: como criar um método de gestão virtual de documentos que se entrelacem na leitura da temática? Além do sentido do adensamento documental (quer sejam denominados fundos, conjuntos ou coleções), como podem se tornar virtual no sentido visual?

Cada coisa está em outra, como diz o poeta Ferreira Gullar. Designam-se aos termos as funções dos significados como, por exemplo, da criação da expressão “corredor humanitário” que, na atualidade, serve para envolver o leitor na necessidade de se destinar proteção aos refugiados do Oriente Médio. O mesmo termo figura, ainda, em expressões como “corredor cultural”, que viabiliza a criação, produção e distribuição

definindo o acesso público ao capital cultural; “corredor ecológico” evocando conceitos que represam as intenções dos biomas e microssistemas, e o “corredor metropolitano” que nos provoca a pensar nas conurbações entre cidades que, uma vez metrópoles, engolem os bairros de outras cidades definidas pelo ambiente rural dos “corredores ambientais” tornando-os urbanos. Ainda, neles pode-se encontrar o “corredor cerâmico” dos artesanatos afinados aos mais rudimentares sistemas de confecção dos artefatos de barro inseridos nos “corredores de compras” dos produtos mais industrializados transportados em contêineres chineses. E há também o “corredor da morte”, entre a cruzada da metáfora simbólica e decreto do ato na realidade da crueldade, a punição definitiva e inaceitável ainda presente na humanidade.

A massa da expressão da metáfora – da junção das palavras simbólicas em “corredor do café”: o *corredor* (substantivo) + *do* (contração da preposição com significado de pertencimento) + *café* (substantivo) – não foi adotada só para definir os sentidos do local físico no espaço de plantio, ou da espécie biológica *coffea* que, dependente da natureza, não poderia se desenvolver fora dela. Por isso, os atributos informacionais de uma metáfora construída serão para designar qualidade e constituir-se em recriações temáticas (do texto, das imagens referentes à paisagem aos instrumentos de plantio, hábitos do consumo etc.) que os fazem nas propriedades do eixo institucional.

### **3.4. Quatro corredores para a organização da informação do período do café**

Retomo a questão do auxílio do Método Quadripolar, descrito no primeiro capítulo, com a citação instrumental para os próximos passos da etapa explicativa da pesquisa:

No **polo técnico**, operacionalizam-se técnicas que surgem, com frequência, rotuladas de metodologias. O contributo de Gilberto Martins e Carlos Renato

Theóphilo é especialmente válido e de extrema utilidade para a operacionalização deste polo, uma vez que em seu manual, muito embora tenham disperso o “arsenal de instrumentos metodológicos” por novos polos desnecessários, apresentam e explicam, com detalhe, tópicos a reter: “pesquisa bibliográfica”; “pesquisa documental”; “pesquisa experimental”; “pesquisa quase experimental”; “levantamento”; “pesquisa-ação”; “pesquisa etnográfica”; “construção de Teoria/Grounded theory); “discurso do sujeito coletivo”; “pesquisa de avaliação”; “pesquisa de planos e programas”; “pesquisa diagnóstico”; “pesquisa historiográfica”; “observação”; “observação participante”; “entrevista”; “laddering (espécie de entrevista que se baseia em perguntas do tipo “por que isto é importante para você?”)”; “painel”; “focus group”; “questionário”; “escalas sociais de atitudes”; “história oral e história de vida”; “análise de conteúdo” e “análise de discurso”. Os Autores citados criaram um polo para avaliação quantitativa e qualitativa que, maioritariamente, desenvolve os procedimentos para tratamento estatístico em cima do material obtido com o instrumento questionário, reservando, no final, três páginas para como se proceder de forma qualitativa, ou seja, indo para além da informação estatística e ousando estabelecer relações e inferências em um nível de abstração mais elevado (Martins; Theophilo, 2009, p. 107-43 citado por Silva, 2014).

No limiar da pesquisa as situações emergentes nos levam a perguntar sobre os meios para organizar tudo isso, lançando-nos ao reaprendizado de como dispor tais dados e informações. A enormidade de dados não figura em volumes, mas na facilidade de trânsito criado, não importando mais o suporte e sim o que há nos sentidos humanos, na reunião de pessoas e não dos dados. Para tanto, há uma sintonia entre a direção do projeto rumo à projeto de exposição que possa abraçar a crítica social do Café além das

apologias econômicas, da propaganda capitalista que reforça as diferenças de classe, entusiasmadas pelo pensamento linear. O interesse de investigação sobre o tema, para aproximar documentos e linguagens percebe-se a multiplicidade das linhas de pesquisa, portanto, a metodologia abre uma rede de possibilidades e de contenção da informação que veremos abaixo ao adotar metáforas com distintos significados:

a criação da metáfora “corredor do café” – um recurso linguístico que poderá auxiliar na delimitação de espaços geográficos físicos ou virtuais e exercer a função de mediador entre o público dos produtos organizados, a partir dos procedimentos usuais nas teorias e práticas da Ciência da Informação do período que atravessa o século XX até o XXI. (Santo, 2009, p.0)

O primeiro corredor para a organização da informação da história oficial é aquele que advém da prática do agenciamento baseado em princípios científicos e nacionalistas e preocupa-se com a apropriação de objetos representativos das esferas familiares da oligarquia rural cafeeira e das atividades domésticas e econômicas expansivas, assim como da religião, do domínio da natureza, dos benfeitores e cientistas. As personagens desta história figuram na formação das coleções das bibliotecas e museus, dos conjuntos documentais da administração política como um todo.

O segundo corredor da classificação da informação do café é aquele em que os objetos são (re) interpretados através da linguagem natural de uma sociedade, ao submeter tais órfãos (objetos) ao novo batizado e destinar-lhe novas denominações e classificações.

O terceiro corredor cultural para a organização da informação do café se evidencia em relação à cultura a que pertence, no processo de contextualizar os modos do fazer no espaço (Certeau, 1994) e o sentimento de pertencimento do usuário em seu espaço.

E, por último, em um quarto corredor verifica-se a fonte da informação do café intensificado pela função social da memória e presente na tentativa de se estabelecer a interdisciplinaridade entre Museologia, Ciências Sociais e História, ainda que limitada, buscando a atribuição de valores aos objetos mais provenientes do contexto local do que da simbologia universal. (Santo, 2009)

No quadro seguinte indicamos alguns conjuntos de conceitos e termos permitidos por corredores vicinais da economia e espelhados nas culturas regionais em transições configuradas em dimensões virtuais das identidades, da simbologia, do trabalho.

**Quadro 11** – *Conjuntos de conceitos e termos* permitidos por corredores vicinais da economia e espelhados nas culturas regionais na construção de corredores virtuais.

<b>CORREDORES HISTÓRICOS, FONTES E RELAÇÕES SEMÂNTICAS</b>	
<b>Organização da informação da história oficial do Café</b> Local do contexto histórico/cultural	<b>Fonte da informação do café intensificado pela função econômica e social</b>
<ul style="list-style-type: none"> <li>– História Econômica e Política do Café no Brasil (1850-1950)</li> <li>– A partir do levantamento dos acervos das instituições representadas nos contextos produtivos e particularidades regionais da <i>plantación cafeeira</i>.</li> <li>– Empresa Agrícola e funções técnicas da força motriz e processo de mecanização</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>– As particularidades da cultura na recuperação das linhas das plantações, escoamento de produção via estradas de ferro até os portos brasileiros, como o corredor paulista São Paulo–Santos ou os corredores de transporte da economia ou da imigração: Patras (Turquia)–Santos (Brasil); Porto (Portugal)–Rio de Janeiro (Brasil), Gênova (Itália)–Santos (Brasil)</li> </ul>
<b>Classificação/Informação econômica do café</b> Edificação e sistema produtivo local	<b>Fonte da informação do café intensificado pela função social da memória</b>
<ul style="list-style-type: none"> <li>– Das particularidades do patrimônio cultural edificado: <ul style="list-style-type: none"> <li>▪ fazenda de café e a função do complexo cafeeiro (sede, colônias, estradas, terreiro, armazéns etc.)</li> <li>▪ o histórico das instituições e as ligações com a História do Café no Brasil</li> <li>▪ relevância para os conceitos de preservação cultural baseados na Constituição Brasileira onde incluem-se leis estaduais e municipais e órgãos responsáveis pelos mecanismos de proteção, preservação e divulgação das informações</li> </ul> </li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>– A recuperação do conteúdo e da informação</li> <li>– Analisar a amplitude do significado das palavras, frases e textos. Observam-se: <ul style="list-style-type: none"> <li>▪ redundância de sentido e repetição do significado do objeto informação do café</li> <li>▪ amplitude do termo Corredor do/de Café para delimitação territorial</li> <li>▪ amplitude das significações do Corredor do Café para significar e definir o contexto cultural nas instituições potenciais – Museu, Arquivo, Biblioteca e Centros de Documentação (MABCD)</li> </ul> </li> </ul>
<b>Café produtivo – Mercado financeiro – Bancos e bolsa de valores</b>	<b>Cultural para a organização da informação do café</b>
<ul style="list-style-type: none"> <li>– Aspectos econômicos a partir da histórica sedimentação do café, cuja implantação de</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>– As instituições MABCD como processadoras da informação e mediadoras culturais</li> </ul>

instituições culturais transformou se desde fazenda de produção econômica em museu e uma pequena história institucional	– Desenvolvem-se os locais de armazenamento, processamento e expansão da documentação (acervo), estruturando outra documentação que passa a servir como informação
<b>Café – Linguagens e formas/reformas de representação</b>	<b>Café especial– Global de mercado</b>
– O fluxo documental interno e externo das instituições, a criação das linguagens para atuarem como representação do passado e com a possibilidade de ocorrer transformação, técnicas de controle que baseadas na racionalidade teórica e nas práticas adotadas para controle de vocabulários	– Do ponto de vista geográfico e da expansão econômica e cultural do café surgem os elementos da análise da expansão cafeeira e do desenvolvimento científico, educativo e cultural
<b>Café urbano</b>	<b>Café de físico – Uso humano</b>
– Locais reais e figurados da circulação da informação – virtual e real – Sistemas de informação construídos, informação coletadas, tratadas e veiculadas	– A profissionalização do cientista da informação voltando-se para o uso pelo público

Fonte: Elaborado pela autora, 2017

O ponto de referência, com a proposição dada pelas sub-temáticas, migra do espaço físico para o virtual, o imagético, sem perder a ferramenta da leitura, do desenho, a fotografia, o cinema, os objetos tridimensionais representados e a literatura inseridos na riqueza universal da representação do imaginário do Café. A partir dessas imagens virtuais podem-se estabelecer simples conexões entre as potências culturais.

**Quadro 12 – Roteiro de elementos para ladrilhar os corredores da representação produtiva**

<p><b>1. Corredor do Espaço/ Território da Região da Produção da Fazenda (Casa/Colônia/Terreiro) – (Plantação/vegetação/caminhos entre pés de café)</b></p> <p>1.1 Informação/documento/corredor do café ou vetores instrumentais do período do surgimento das lavouras cafeeiras.</p>
<p><b>2. Corredor dos Personagens que são Agentes do Café (Patrões/escravos/mercadores/colonos/administradores/banqueiros/comerciantes)</b></p> <p>2.1 Informação/documento/corredor do café/ significados locais e possibilidades entre o ponto de partida da produção, da acumulação e a projeção da circulação da mercadoria.</p> <p>2.2 Informação/documento/corredor do café e produção gerenciados por agentes europeus e brasileiros.</p>
<p><b>3. Corredor do Maquinário e Instrumentos do Café</b></p> <p>3.1 Informação/documento/corredor do café como documentos compostos de objetos da cultura material.</p>

**Quadro 13. Quadro ilustrativo da ordenação da informação**

<b>Espaço (Regional e territorial)</b>	Taxonomia	Corredorgrafia	Paisagem Natural
	Estruturação	Corredor do Café	
<b>Traços da informação</b>	Lógica Social (paradigmas)	CP Corredor de Produção	Planta
	Organização da Informação	CMP Corredor de Maquinário de Produção	Plantação
<b>Estratégia</b>	Categorias de análise Icônica	CI Corredor de Instrumentos	Mão de Obra
		CA Corredor de Agentes	Paisagem Urbana
		CM Corredor de Maquinário do consumo	Bebida Local
			Mercado

Se analisarmos esse conjunto de espacialidades como um sistema de símbolos que se destina a representar e transmitir uma mensagem da história oficial, podemos indagar: como são construídas as coleções das classificações científicas e culturais e do simbólico da produção cafeeira?

## **Capítulo 4**

### **O cotidiano das cidades do Café e a “repetição sem memória”**

Neste capítulo analiso as articulações entre o campo da subjetividade combinado com os recursos simbólicos do mito de Sísifo, através da obra de Albert Camus, e considero as consequências críticas refletidas no trabalho dos agentes sociais, na academia. O mundo absurdo está presente no sentimento humano e nas coletividades, e a elas são afeitos os cortantes sentidos da memória e das surpreendentes emoções das subjetividades verticais nos nossos cotidianos. E o café, como pausa dos afazeres ou retomada estimulante após a bebida, funciona como ponto ou vírgula dos sinais interpretados na frase. A bebida está lá, nas residências, no trabalho, no mercado, na intimidade e na sociabilidade exercitada pelos cidadãos. O que nos diz a respeito Camus através da interpretação do mito de Sísifo?

O ensaio de Camus interpreta a saga mitológica grega de Σίσυφος, Sísifo<sup>32</sup>, o mais sagaz de todos os mortais, que por vingança prendeu a morte e, como consequência, ninguém mais morria. Estar para sempre vivo era o mesmo que dar eternidade para quem não merecia. A punição de Zeus por esse grave e inadmissível erro destinou a Sísifo o castigo de carregar uma enorme pedra nas costas até o topo da montanha, submetendo-o à rotina do cotidiano no caminhar com passos ritmados em decorrência do peso da incessante atividade recrudescida, exaustiva e repetitiva de levar eternamente a pedra ao topo.

O escritor toma o mito de Sísifo como reflexão do absurdo humano, como ponto de partida, e o faz como se fosse um pensamento concluso da mensagem facilitada pela noção da culpa e da punição. Descreve o insano trabalho como mal do espírito que se

---

<sup>32</sup> Era filho de Éolo e Enarete, além de pai de Ulisses.

instala e, assim, evidencia-se que a apropriação do mito por Camus faz pensar o ponto de vista do problema do trabalho enfadonho, acumulativo e repetitivo.

Dos atos repetitivos, conscientes ou não, é possível perceber a alma humana dos homens explorados, vilipendiados, pobres e dos desvalidos na sociedade. O autor ilustra na sequência de palavras, em imagens que ultrapassam a temporalidade do texto, a ideia da transformação. Deste ponto de vista, da prática das ações e da configuração do método do trabalho, a repetição caracteriza o trabalho inconsciente e cotidiano despertado no movimento estertor. “Acordar, bonde, quatro horas no escritório ou na fábrica, almoço, bonde, quatro horas de trabalho, jantar, sono um percurso que transcorre sem problemas a maior parte do tempo. Um belo dia surge o “por que” e tudo começa a entrar numa lassidão tingida de assombro” (Camus, 2010).

Nos tempos dos velozes metrô e da inclusão no cotidiano das mídias eletrônicas, da comunicação instantânea dos celulares, a enfadonha rotina não é diferente daquela dos tempos dos bondes. Apesar da lassidão provocada pelo cotidiano na vida urbana, num belo dia pode-se encontrar o movimento da consciência, como nos diz Camus, em que estão dispostas duas faces do rosto da situação do viver: aquela que se entrega à opção suicida ou aquela da situação crítica do restabelecer-se diante da vida.

O café no cotidiano dos homens significa redenção dos trabalhadores nas horas do ócio, nos ajustes de contas entre negociantes, na sedução entre pares amorosos, no selar dos compromissos capitalistas e na busca do que está solitário em estado de reflexão ou contemplação. A xícara no movimento delicado de uma alça, pousando nos pires frios após um gole quente no sentido do paladar para ancorar o absurdo cotidiano, no ruído do pires e nas fundas xícaras funcionam como pontos finais nas frases do cotidiano das cidades.

A reflexão nos leva a um nicho de respostas do trabalho a respeito desse um *companheiro* presente no *cotidiano familiar*, que se abre e sinaliza a pausa do bem estar, que é um alimento apesar de ser simbólico da imobilidade, do conforto da comunicação da linguagem quase universal, da sociabilidade. Nas frases, nos encontros, na solidão, no restabelecimento das almas, no motor da produção do trabalho, na pausa para redenção da luta, nas formalidades dos nobres, nas confidências e finalizações.

Podemos aqui classificar a presença dessa substância grão, pó ou líquida, da espécie botânica, da bebida e/ou do local Café nas formas da literatura, da poesia, do mundo produtivo e da memória. Talvez o façamos para escapar “das matemáticas sangrentas que ordenam nossa condição”, como diz Camus, ou ainda podemos buscar a reflexão sobre a bebida aplicada para reafirmar as identidades e localidades na esperança de promover o encontro entre as pessoas e o símbolo das coisas do passado.

O Café, como termo linguístico, permite tal simbologia da amplidão pretensiosa da argumentação literária que seria um erro tentar dominar a quantidade das diversas significações ritualísticas: da sociabilidade mundana, dos negócios, das uniões ou das automáticas aproximações entre pessoas ou grupos. Tratarei aqui de um texto sobre a proposta de *Leitura do Café* no mundo “familiar”, do café que se apega ao cotidiano dos povos mundiais, que dá vitalidade, pois “um mundo que se pode explicar, mesmo com raciocínios errôneos, é um mundo familiar” (Camus, 2010, p. 21).

A pesquisa em arquivos, museus e bibliotecas sobre o Café deu-se observando pessoas, emoldurando processos, costurando tecidos territoriais urbanos, marítimos e rurais e esculpindo a dureza do mundo ao meu redor. Aos que se dedicam ou desistem à própria causa investigar um objeto saiu-se melhor Galileu, quando abdicou da certeza para salvar a própria vida, como diz Camus quando compara a paixão ao suicídio, a omissão e sobrevivência pela causa dos inventos científicos:

Qual é então o sentimento incalculável que priva o espírito de sono necessário para a vida? Um mundo que se pode explicar, mesmo com raciocínios errôneos, é um mundo familiar. Mas num universo repentinamente privado de ilusões e de luzes, pelo contrário, o homem se sente um estrangeiro. É um exílio sem solução, porque está privado de uma terra prometida. Esse divórcio entre o homem e sua vida, o ator e seu cenário é propriamente o sentimento do absurdo. E como todos os homens sadios já pensaram no seu próprio suicídio, pode-se reconhecer, sem maiores explicações, que há um laço direto entre tal sentimento e a aspiração ao nada (Camus, 2010, p. 21).

Sísifo carregava o peso da grande pedra às costas, forçando o movimento heroico contra a lei da gravidade. Tarefa absurda, árdua da ação mitológica e desesperadamente vinculada a um mortal. Na presença inconsciente do cumprimento da meta impossível, a repetição da atividade torna-se inconsistente, exigindo a força física incomensurável, com a paciência dos deuses e a resistência do sábio. A fatalidade prevista num único deslize, a derrota e a sensação do que está abaixo da montanha não permite, portanto, outro erro daquele que foi castigado ao permitir a vida eterna a todos os viventes.

A consciente preservação do mundo familiar (e o Café faz parte dele) emoldurada pelas atitudes éticas, entre as nobres tarefas do culto ao passado, são incompatíveis com aquelas que envolvem um vetor da natureza nos tempos de imensa complexidade política, econômica e cultural envolvendo países da América Latina.

Por um lado, o Brasil chafurdado na crise econômica dos rastros da escravidão e das evidentes agruras da vida social na colonização, ou envolvido no manto do fracasso dos valores na humanidade onde, apesar de árduo, ainda pontuam ações para dar dignidade ao patrimônio do legado das quase ruínas nas cidades do Café, principalmente no Estado de São Paulo.

As estradas de ferro, as edificações dos barracões desmoronados nas fazendas no interior do estado, insistindo em abrigar os equipamentos aplicados à agricultura, ferros carcomidos pela acidez do abandono humano e das forças da natureza, não fazem sentido na sociedade brasileira. Por outro lado, as relações entre passado e presente são pendulares entre as instituições acadêmicas, museus, antigas fazendas, empresas e profissionais da preservação, ainda que sejam insistentes em trabalhar nessa direção da pesquisa e preservação documental e monumental, ao recontar e recriar a história da importância das relações sociais do passado no presente, permeando as linguagens das expressões arquitetônicas, artísticas, científicas e da memória histórica. Buscam assim, como tantas iniciativas isoladas, um planejamento para conquistar projetos executivos de arquitetura, documentação e arte para *aludir*, e não iludir, *refletir* e não *sucumbir* a todas as tentativas de *transformar* a agonizante herança patrimonial do Café, regional e internacionalizada.

Durante o período da História do Café no Brasil definem-se os contornos sociais para transformar a realidade do abandono em relação aos escravos libertos, que se encontram nas cidades vizinhas às do áureo passado da produção do Café. As experimentações no campo acadêmico, vistas como resultados híbridos culturais, estão presentes nas descrições das fontes primárias e da interpretação das informações que pouco trabalham a consciência das comunidades emolduradas pelas frágeis bases educacionais onde se diminui a relação social dos trabalhadores (escravos e trabalhadores livres) frente ao poder da classe dominante.

Os cafezais no Brasil, no final do século XIX, anunciavam a fase republicana após trezentos anos de colonização portuguesa. Com os grãos e os milhões de pés de café objetivou-se erguer as expressões da modernidade, edificando cidades,

influenciando a ciência espelhada e influenciada pelos meios institucionais europeus. Formou-se a elite brasileira. A grande pedra patrimonial carregada por Sísifo.

A significativa monumentalidade das igrejas católicas, dos edifícios públicos, dos palacetes, das colunas jônicas, dos lambrequis, do mármore, pinturas, ornamentos e gradis importados são elementos combinados ao sentido da angústia da identidade brasileira por quem a ela é afetada, ou seja, conduzindo-a ao *suicídio material*. Ao mesmo tempo, sucessivamente os governos pouco se importaram com o fim das melhores qualidades, isto é, das paisagens e povos nativos, incentivando a destruição definitiva da ambiência entre as unidades construtivas das fazendas produtoras, rios, córregos, mananciais da vitalidade da floresta tropical, do território e das regionalidades culturais.

O mito de Sísifo serve para refletir duplas situações. A primeira é aquela apontada por Camus expressando o esforço dos trabalhadores na sociedade moderna e, a segunda, remete aos idealistas pesquisadores insistentes em manter a pedra do absurdo, do reconhecimento cultural pelo sistema dependente entre universidades, propriedades privadas, a governança do estado e das empresas na tentativa de desfazer os nós da memória social.

A força descomunal, na equivalência numérica minoritária dos pesquisadores dedicados a e preservacionistas, está expressa nos diagnósticos demonstrando a insuficiência financeira e de recursos humanos especializados direcionados para a manutenção do patrimônio cultural. Daí advém o risco, se ainda não consumado, que em breve tornar-se-á um peso insuperável, insuportável para as novas gerações, como patrimônio incompreensível e inconcluso na dimensão da ignorância da cultura social nacional. A quem nos dirigimos como profissionais acadêmicos? Como suportar o peso do impossível ao ouvir os sussurros das massas populares advertindo a inadequada

política cultural que, ao pé dos ouvidos, envolve a cultura e o patrimônio como apêndices e não como objetos da preocupação social? E nos dizem: *–Isso não interessa a ninguém!*

Para estruturar o argumento da importância de um ângulo epistemológico, recursivo e referente ao Método Quadripolar tomei a metodologia da coleta documental, dos contextos societários em que estão imersos os atores. Silva (2015), em entrevista para o pós-doutoramento, diz que as Ciências Sociais podem criar o seu método, conquistando a cientificidade própria com a capacidade interpretativa desenvolvida. A subjetividade não deve ser temida na pesquisa das Ciências Sociais.

A pesquisa sobre o Café, assim como as conquistas patrimoniais, ficou fora de moda na academia e não podemos esperar que o lógico um dia torne-se justo frente às contradições sociais brasileiras e ao fascínio das tecnologias presentes. Os frutos das pesquisas de Gilberto Freyre, Florestan Fernandes, Octavio Ianni, Raymundo Faoro, Emília Viotti e Celso Furtado são basilares na história brasileira, na teoria econômica, na vigorosa sustentação para os estudos das arquiteturas rurais e urbanas antes definidas para investigação do fenômeno da vida social produzida por tecnologias dos meios de produção e das relações de trabalho.

Os elementos valorizados no corredor imaginário do Café, da organização documental dos acervos, são estabelecidos na leitura documental, na dimensão virtual das informações eletrônicas e da vontade de criar meios de integração humana que, na maioria das vezes, podem ocupar os espaços públicos e privados das cidades.

Um corredor não necessariamente é reto, linear ou originário na imagem de um labirinto. O fio de Ariadne pode sustentar a procura. Um corredor pode ser moldado como o material mole. Se há uma questão a fazer sobre este problema ela trata da consciência, permitida pela memória, do que nos cabe perguntar: por que nos lembramos do café e o relacionamos ao mundo preterido? Será o significante nostálgico e paralisante resistente para novas configurações espaciais?

A constatação que se impõe é que as sociedades modernas tentadas pela capitalização infinita da memória, numa fuga para a frente visando talvez dispensar-lhes inscrever o passado no presente para aí realizar o luto. Não se trata, assim, de uma construção presente de uma memória em função de expectativas para o futuro, mas um imenso arquivo que, de alguma forma, resulta em vão. É uma memória literal, estéril, frequentemente feita de ressentimentos, prisioneira do acontecimento passado que continua a ser para ela ‘um facto intransitivo, que não conduz para lá de si próprio’, que Todorov opõe à memória exemplar, para a qual o passado, domesticado, se torna ‘princípio de ação para o presente’ (1995a:30-31). Esta memória potencialmente libertadora supõe um trabalho de luto cuja realização sempre perigosa é, contudo, possível: como foi, por exemplo, o desfile dos carros alemães nos Campos Elíseos, no 14 de julho de 1994, ou a presença do presidente alemão na comemoração dos cinquenta anos da insurreição de Varsóvia a 1 de agosto de 1944, ou ainda a ‘cadeia de luz’ organizada em Berlim na noite de 30 de janeiro de 1993, em resposta ao desfile com bandeiras a 30 de janeiro de 1933 celebrando a chegada de Hitler ao poder (François, 1994:67) (Candau, 2013, p. 121).

A ilustração da citação retoma a história, a ruptura necessária sem esquecimento, nas vertentes da política, da ideologia, da economia, da sociologia, da psicologia e demais áreas das humanidades que podem responder com os aromatizados argumentos fundamentais nas suas teorias, que abraçam o problema da memória, que lhes pertence. Pelo aspecto interdisciplinar proposto pelas Ciências Sociais contemporâneas e há muito referenciado como a bricolagem paradigmática, o conhecimento e a representação são dependentes da interface entre a informação e o que atribuímos a partir da temacidade.

Os diagramas (quadros) demonstraram as relações de força entre termos do tema estudado. E, mais do que isso, é possível modificá-lo de acordo com o tempo cronológico em que se vive ou desenham-se as modulações culturais do passado. O sentido didático não fere o conhecer dialético da leitura do tema. Ao contrário, impulsiona para outra forma mais elíptica, controlada pela coerência disponibilizada nos meios de classificação do espaço, tratando-o com paradigma sociológico.

Mais adiante ilustro a relação linear da descrição das identidades de cada corredor e as relações sociais possíveis por meio de um quadro esquemático onde se pode observar que os padrões (agentes) são definidos pelas proposições iniciais destinadas à mediação entre um tópico e outro. Ainda se demonstra linearmente os momentos, fatos e agentes envolvidos.

Ao longo da história regionalizada do Café, estas maneiras de se ler os conteúdos temáticos foram simplificadas demasiadamente. Atribuía-se à separação na História da Escravidão no Brasil, indicando a substituição da mão de obra escrava pela imigração europeia e asiática. Os barões do café, originários das oligarquias escravocratas, eram relacionados ao poder sem visualizar as profundas relações entre patrões-empregados no Império e na República.

Apresenta-se em momento mais oportuno diagrama contendo as linhas percorridas na cartografia do cotidiano entre os nichos em descrição que são interpretados. Giddens (2003), lembrando Lévi-Strauss na relação espaço-tempo, chama-o de “tempo reversível”. O que aparentemente não é o que seria reversível à presença do indivíduo pela extensão das relações sociais através do tempo e do espaço.

As fontes observadas da vida cotidiana são marcadas pelos ciclos produtivos e demonstram as rotinas do fator esquecer, que preenche os vazios do fator lembrar. Café é planta. Café é líquido. Café é pé de Café. Café é local em que se bebe Café. Café é encontro entre pessoas. Café é cor. (Lévi-Strauss, 2004)

Vamos iniciar pela história do Café. A planta recebeu o nome científico *Coffea arábica* L.. Abissínia ou Etiópia foi a terra de onde saiu o Café. As montanhas de calcário. Para remeter as observações às comparações das imagens das propagandas revistas em meios de comunicação, a transcrição do poema que sonoriza as imagens bem colocadas entre a intimidade do local, a plantação sob a égide latifundiária do Café e a peneira nos movimentos do trabalhador da “roça”, implicam sempre em opostos sociais:

Nem bem acordo já te espero / na rotina de todo dia.

Tudo parece repetido, / só você me dá sentido.

Te aguardo no futuro instante,

Se te tenho hoje / amanhã já é distante.

Será que você vem?

Escuto passos dentro de meu peito,

eis que finalmente você chega.

Num segundo mora tudo o que acontece,

Você vem e me amanhece.

(Café Santa Monica; Produção Kinoosfera Filmes, 2017).

Na verdade, como país colonizado que somos, o controle da produção se fazia pela distância desde os tempos coloniais até a Velha República, “mudando de mão”, de

Portugal para a Inglaterra. As fronteiras internas são dependentes do além-mar e integram o agente comercial, ou fiscal, no caso de Francisco Melo Palheta e, ao mesmo tempo, caracterizam e são caracterizados pela atuação do mediador histórico.

#### **4.1 Cidades do café no imaginário popular**

As cidades portuárias destinadas ao transporte de mercadorias são imaginadas como flutuantes nas águas, banhando as estruturas firmadas nos horizontes dos escurecidos pilotis dos cais, intensificados pela morte das vidas invisíveis lembradas pelos cheiros das docas. As textuais construídas projetam a memória do texto de Gabriel García Márquez, dos aromas fortes, das luzes latino-americanas cravadas como mariscos nas pedras desses mares do sul.

O movimento do trabalho está exposto no misto da areia, dos totens formados pelas sacarias, comprometendo o ócio dos carregadores e a ânsia dos marinheiros invasores que, ao mesmo tempo, são ausentes no sentimento de pertencimento na terra alheia. Aqueles homens são identificados apenas pelas próprias vestimentas surradas e admirados pela capacidade física dos empilhamentos simétricos, das sacarias de café seco, destinados aos ombros. Na métrica da musculatura humana preparada para suportar as toneladas do carregamento do Café, são eles os homens que se arriscavam e riscam com o olhar, repassando a linha do horizonte, as vigas dos telhados vigilantes e profetizam o que está prenunciado nas cores das águas, no tempo viável para receber o pagamento.

Assim, lembrando o prêmio Nobel de literatura, sobre o mar igual, imutável e espalhador do aroma das rosas, está lá a ficção absoluta e desafiante para leitores do realismo fantástico, quando passa a sentir as semelhanças nos contrastes do irreal e da proximidade cotidiana.

Tobias sentiu-a. Tinha o sangue doce para os caranguejos e passava maior parte da noite espantando-os da cama, até que voltasse a brisa, quando conseguia dormir. Em suas longas insônias aprendera a distinguir toda mudança de ar. De modo que quando sentiu cheiro de rosas não teve que abrir a porta para saber que era um cheiro do mar.

Levantou-se tarde. Clotilde estava acendendo fogo no pátio. A brisa era fresca e todas as estrelas estavam em seu lugar, mas dava trabalho contá-las até o horizonte por causa das luzes do mar. Depois de tomar café, Tobias sentiu um vestígio da noite no paladar (Márquez, G. *O Mar do Tempo Perdido*, 1972 (1961), p. 21).

O café é composto na frase como o ponto conclusivo da tomada de decisão do personagem. Os locais ideais para o plantio do café estão longe do mar e para referenciar esta digressão e estudiosos do Café falam sobre um “sociological power of dreams”, o que nos faz sentido para olhar o indivíduo e a sociedade:

(...) Coffee should not be regarded merely as a drink whose flavor gives momentary pleasure and possesses other properties with a biological impact. Let us hear what Giddens, one of the leading sociologists of our time, has to say on the subject. In order to explain the concept, he describes as the “sociological power of dreams”, he takes coffee as an example, pointing out that substances of this kind carry people away from the mediocrity of daily life and oblige them to think. According to Giddens, coffee is not just a drink but also a symbol of our daily social activities, so that while drinking a cup of morning coffee it a private ritual, drinking it together with other people is one with social significance (Giddens, 2000, p. 4 citado por Koz; Kuzucu, 2014, p. 17).

Santos, Rio de Janeiro, Porto, Lisboa, Roma e Istambul são cidades portuárias extensivas da compra e venda do café, distribuidoras das mercadorias entre baús de tecidos e especiarias para as antigas localidades, vilas e províncias em territórios vastos pela enormidade territorial panorâmicos das regiões de governos Imperiais locais como

o português, o espanhol (Caribe e América do Sul do século XV) e o Otomano (Eurásia, Balcãs).

São nítidas as características dos hábitos humanos das regionalidades das cidades originadas na produção cafeeira, ou como as cidades europeias ocupadas quando lhes são próprias as conquistas e o comércio transcontinental das especiarias, ainda no século XIV. As cidades se fazem presentes no imaginário ocidental no sentido idílico das criações artísticas da pintura ou da fotografia, da impressão dos cartões postais ou da cinematografia.

No universo das representações da arte, assim como os corpos figurados na pintura da tela romântica, desenhos a carvão e aquarelas do modernismo, gravuras em papel gráficas dos anos pós-guerra são objetos colecionados nas instituições e na imaginação, se adicionados às paisagens mentais. Estes signos funcionam como *ladrilhos dos corredores* e tornam-se provocativos da sensibilidade de quem os vê. São indícios da evolução tecnológica das transformações da produção agrária do mundo rural em urbano, obviamente que em suas particularidades históricas.

Santos, Rio de Janeiro, Porto e Lisboa são cidades ligadas pela vocação marítima e portuária da produção escoada interna e externamente, onde o comércio estruturado diz respeito ao que significou para o seu crescimento.

O engenho de açúcar, movido à força motriz animal e humana, com mão de obra escravizada, perfilou e deu fisionomia de empresa à fazenda que, adequada para residir e produzir, sobressaía-se como produtora e comportava-se como cidade buscando a autonomia que será vitoriosa no Ciclo do Café, no Brasil.

A distância entre portos e fazendas, na primeira e segunda fase da produção cafeeira, é de cerca de 600 km no estado de São Paulo, quando cortada por estradas de chão, estradas de ferro como *corredores* estruturados inicialmente destinados ao

transporte de cargas produzidas nas fazendas. Muitos desses caminhos, quase intransponíveis como no caso da Serra do Mar e Vale do Paraíba Fluminense, configuraram-se em estradas após dois séculos das picadas nas entranhas das matas desvirginadas das árvores derrubadas com força e na tarefa assombrosa do braço humano, porém, à custa da mão de obra escrava indígena ou africana, tornando a atividade rentável o suficiente para que os latifundiários e as oligarquias fossem prolongados com poderes políticos até os séculos vindouros.

Os primeiros vinte anos do país independente atravessaram o penoso drama de muitas perplexidades: dificuldades financeiras e a lenta mudança do panorama da economia, em meio ao reajustamento do quadro político. A nau ameaça adernar, atingida pelas avarias das vagas convulsas e indefinidas. No horizonte, uma esperança se aproxima, capaz de serenar os ventos – o café – reanimando a fazenda em declínio e infundindo novas energias à estagnação (Faoro, 2000, p. 367).

Na paisagem rural é comum o “pequeno feudo” autossuficiente ou os embriões de povoados, vilas para transformação em cidade e metrópole e megalópole. Encontramos em Monbeig e em Braudel questões “referentes às “temporalidades” múltiplas dos territórios e cidades, em combinações e ritmos históricos diversos” (Salgueiro, 2000, p. 168).

Os republicanos de Santos e de São Paulo, centralizado na Faculdade de Direito ou influenciados pela formação na Universidade de Coimbra, manifestavam-se em favor da abolição dos escravos. Dos quilombos pontuados em todo o Brasil, é no final dos anos do século XIX que tem início o pensamento político e científico brasileiro. No Rio de Janeiro destaca-se o Jornal *A República*, na capital do Império onde se publicam manifestos contra o Império português e as contradições advindas dos poderes locais e

regionais, além do Partido Republicano, que concentrava e defendia os interesses dos produtores do café.

Tal como São Paulo, na tarde de verão em Istanbul (Turquia) a imagem pontilhada por luzes da vista aérea é fiel à monstruosidade da capital. No Estreito de Bósforo, o divisor de águas das terras asiáticas e europeias, no Mar Marmara, só se refaz do papel social e econômico do imperialismo, além do físico literário, quando a reconhecemos como cidade estratégica na geopolítica do Oriente Médio, Ásia e Europa, responsável pela irradiação da cultura entre ocidente e oriente.

O povo turco sempre exerceu forte influência contra o Império Bizantino (poder católico) na conquista de Constantinopla e na difusão do Islamismo, que busca ser objetivamente religioso, associando as forças de estado. Para investigar as realidades que lhe contornam nas complexas situações históricas, não é possível negligenciar o domínio do Império Otomano e a relação com o Café.

Quando o vento sopra com o movimento do ar fresco nas escadarias do Café do Palácio de Topkapı (*Topkapı Sarayı*), há passeios solenes e talvez em homenagem à memória dos homens que ali passaram por mais de cinco mil anos, memoriais das disputas do sultanato e da manutenção do patrimônio cultural mundial. Um desses elementos é a vista panorâmica do Estreito de Bósforo, paisagem urbana e marítima representada pelos pintores franceses no século XVIII e XIX.

Neste estreito canal pode-se pensar na distância cultural do Brasil, portador da identidade credenciada em 500 anos a partir da *Conquista*, habitualmente grifado na formação do povo brasileiro. 500 anos é a mesma idade do início do consumo do Café no Império Otomano.

A fonte potencial disponível do francês Rouargue Émile, importante artista na iconografia histórica e gravurista da península, durante o século XIX, representou a

Constantinopla (Gravürlerle. *Türky Bekanligi*, 1996, p. 435) e demonstra a intensa navegação de naus de dois e três mastros. O canal, o Estreito de Bósforo, lendário no Oriente é também fonte de inspiração aos artistas da incógnita geopolítica mundial na atualidade.

Na Turquia, as referências das imagens iconográficas dos museus, arquivos e ilustrações nos livros das bibliotecas, entre as inúmeras livrarias da antiga Constantinopla, fartas com pranchas de desenhos, aquarelas avulsas e reproduções das pinturas seculares dos franceses, italianos, alemães, fotógrafos espanhóis etc. são personalidades dessa história que indicam a grandiosidade das fontes ainda pouco exploradas no ocidente. Talvez estas fontes, uma vez exploradas, fossem inovadoras para a distante América do Sul, podendo configurar novos suportes ao trabalho do educador, que se propõe a inovar conhecimentos.

Jean Baptiste Hilaire (1753-1822?), ilustrador e pintor francês, realiza em detalhes registros visuais do comércio de mercadoria, barris e mármores esculpidos, como fragmentos em trânsito, intitulada *A nova Mesquita e o Porto de Istambul*, que indica claramente a reconstrução da Mesquita Azul, construída em 1609 e 1616 pelo Império Otomano, em frente da Basílica Santa Sofia, construída em 532-337, pelo Império Bizantino. Nela pode se perceber o carregamento de peças arqueológicas e “antiguidades” destinadas à França.

Sabe-se que o embaixador Choiseul Gouffier tinha gosto especial e definido para colecionar objetos antigos. A obra pictórica mencionado pertence ao Pera Museu (2021), na cidade de Istanbul, da coleção de Pinturas do Orientalismo, entre outras obras de Hilaire publicadas na edição *Voyage Pittoresque a la Grecè*, de autoria do embaixador francês. Associamos à referência textual, onde se encontra a posição de historiadores

sobre o preconceito e processos de mistificação na visão de orientalistas, e crítica à visão estereotipada do Oriente Médio que se faz no Ocidente, em referência a Harris (2005).

Louis-François Cassas (1756-1827) foi pintor, arquiteto, gravurista, arqueólogo e representante de antiquário. A partir de anotações e da imaginação pessoal pintou ângulos diversos da península histórica; Antonine de Favray (1706-1792), Jean-Baptiste Vanmour, Jacques Le Hay, George Engelhardt Schröder no século XVIII, Clara Barthold Mayes, Adolph Diedrich Kindermann, no século XVIII, tardio, assim como Fausto Zonaro são os mais destacados representantes desta *casta* de artistas que darão à criação pictorialista a visão da composição em relação à natureza aos geniais fotógrafos do século XIX. *A picture of past diplomacy in Istanbul's Pera Museum*, artigo de Sarah Jiani para a revista Apollo<sup>33</sup> descreve a relação da pintura, do pictorialismo francês com a formação de coleções mediadoras da diplomacia e da geopolítica. (Pera Museum, 2017)

O *Bósphoro*, ou simplesmente Estreito de Bósforo, é um dos mais importantes do mundo porque permite o trânsito e fluxo do mercado mundial, possuindo hoje uma função idêntica à que teve no passado para Turcomanos. Todavia, a presente investigação poderia ter iniciado com a temática sobre o café no Iêmen. Durante a terceira viagem à Turquia, em maio de 2015, foi planejada a investigação em Istambul para servir de ponte e chegar ao Iêmen. A intenção era funcionar como tempo de espera e objetivação para avaliar os conflitos iniciados há um tempo em terras Sírias, fronteira da região Curda, na Turquia e no Iêmen.

Novamente entre guerras, a Turquia tornou-se uma plataforma de pesquisa, com instituições arquivísticas, museológicas e bibliotecas sólidas onde pude contornar os

---

<sup>33</sup> Jiani, Sarah. *A picture of past diplomacy in Istanbul's Pera Museum*. *Apollo*, Londres, jan. 2017. Disponível em: <<https://www.apollo-magazine.com/picture-past-diplomacy-istanbul-pera-museum/>>. Acesso em 12 mar. 2017.

efeitos dos impedimentos reais para a pesquisa, caso viajasse para o Iêmen. Com o acirramento das forças terroristas tomei a decisão de não viajar por terem ocorrido inúmeros atentados naquela região com bombas e suicídios de mártires anônimos da causa sem fim. Al-Qaeda é o nome mais falado nos dias de hoje, depois do ISI, e os grupos terroristas que o mundo testemunha<sup>34</sup>.

#### **4.2 História do Café e insuficiência da memória cotidiana**

O campo semântico do *café* funda a significação com o elo da palavra e a História Moderna, no leito da insuficiência da memória institucionalizada, com o esvaziamento dos resumos, tags, termos relacionados da história profunda entre ocidente e oriente. Quais as relações de sentido entre as palavras que envolvem o café para organizar os recortes temáticos na complexidade?

A palavra *café* possui os potenciais significantes contíguos e condicionados pela via interpretativa do pesquisador. A antiga *especiaria* é provocadora da inspiração com bases mitológicas e nos remete à *memória*. Na figura de inspiração de *Mnemósine*, deusa da memória, e a lembrança do passado da fundida contradição, representada na figura de *Janus*, “o mito da crítica e o símbolo do gênio” (Balzac, 2007:415). Assim, por mais de quinhentos anos, entre o Oriente Médio e Europa, inúmeros viajantes, narradores, escritores, poetas e historiadores relataram a história do Café, significando o encontro dos homens, a construção e destruição do movimento das sociedades.

A palavra Café recebeu pelo menos duas versões da origem do termo *Kahwa*. Uma delas surgiu no sudoeste da Etiópia, na cidade chamada Kaffa. A outra é derivada da palavra Árabe *kurve*, significado de poder ou força: “In fact, Word kahwa existed in

---

<sup>34</sup> Era mês de maio de 2015 e os conflitos aumentam a cada dia entre curdos, turcos, sírios, iraquianos, palestinos e israelitas. Faltava um mês para as eleições na Turquia e da janela pude acompanhar os senhores e senhoras, de ternos e vestidos sombrios, caminhando para a votação eleitoral política no país turco visando definir o novo Parlamento.

Old Arabic, with the meaning of wine or other alcoholic drink or fragrance” (Hattox 1999:16-17; Felsefi 2006:66, Demir 2011:3-4 *apud* Koz; Kuzucu, 2013, p. 21).

Quando a palavra *café* é empregada como substantivo na construção das expressões ou das mais finas metáforas, o seu significado (o grão em bebida) sofre novos encontros, fatos e intimidades fruto das relações entre humanos. Aludem à racionalidade histórica, dão asas às lendas e, ainda, receberão a denominação moderna de que é bebida própria do capitalismo.

O Café é um produto econômico sim, que foi diretamente atingido pelas políticas econômicas na produção e distribuição no mundo, quer no gerenciamento governamental, quer no gerenciamento empresarial. O termo *café*, verbete de dicionário brasileiro da língua portuguesa, de acordo com o dicionário online *Aurélio* (2015): será semente do cafeeiro; bebida preparada com essa semente, depois de torrada e moída; arbusto rubiáceo que produz o café e local onde se pode tomar café e, normalmente, tomar refeições ligeiras.

Além das inúmeras definições enciclopédicas, ouvem-se histórias fabulosas, reescrevem-se mitos e encontramos curiosas hibridações entre signos, significados, significantes e resignificantes da palavra *café*. Contudo, nas elaboradas narrativas literárias e científicas, *café* transforma-se em *significados* que podem se inscrever nos sentidos humanos mais profundos como, por exemplo, os que despertam em função da escravidão, da imigração, do trabalho livre pesado e do trabalho no campo já na modernidade. Ainda assim, não se esgotam os princípios dos corredores locais, regionais, territoriais e marítimos.

A partir das buscas facilitadas para a web, além dos verbetes, a autonomia do termo passou a indicar o grão, plantio, bebida, relação, remédio, local ou cor representando a forma ampla, universalizada no planeta/no mundo.

Uma das vertentes com significações sociais procura na solução tecnológica se beneficiar dos atributos coletivos, os quais são baseados na cognição do usuário e no domínio da linguagem natural, sistêmica e codificada, que objetiva controlar ambiguidades terminológicas e conceituais. Na área de pesquisa persistimos em buscar a contenção do transbordamento informacional, abundante e repleto das inutilidades do ponto de vista da educação dos significados. Desta forma, se faz presente o critério para o estudo das palavras e termos, como aqui se objetivou na pesquisa a partir das relações condicionais presentes nas estruturas sociais e contextuais do *café*. No entanto, pode-se incorrer no erro da insuficiência quando se diz respeito às descrições, legendas muitas vezes vazias, elaboradas nos guias dos museus. Os esforços dos profissionais nessa área têm modificado a realidade de acesso<sup>35</sup>.

Assim como os economistas advertem para o crescimento ou o decréscimo estatístico da produção cafeeira, impondo regras para conter os índices de inflação, deflação, taxas etc.; para o profissional da informação também será necessário reeducar os sentidos da teoria e da prática frente às complexidades sociais que se impõe do mundo tecnológico sistêmico e rigorosamente cibernético.

#### **4.3 Como e por que relatar a história do café no Brasil a partir da palavra?**

O Café no Brasil conta a história pouco linear do ponto de vista da saga dos agentes e dos fundamentos históricos. A historiografia brasileira desenha uma trajetória dos grãos a partir da Guiana Francesa com destino ao Rio de Janeiro. Os narradores e historiadores portugueses a interpretam a partir da visão colonialista da conquista do mundo novo pelos desbravadores navegantes portugueses nas rotas da Índia.

---

<sup>35</sup> Como exemplo: **Spectrum 4.0**. Padrão para gestão de coleções de museu do Reino Unido. Disponível em: <[https://issuu.com/sisem-sp/docs/spectrum\\_pt\\_net](https://issuu.com/sisem-sp/docs/spectrum_pt_net)>. Acesso em 30 de abril de 2017.

O Velho Mundo buscou a linha marítima do Atlântico até o Oceano Índico, nominalmente a Rota das Índias. Percorrendo o Mar Báltico, o Canal da Mancha e o Oceano Pacífico, ordenaram os astrolábios em direção ao desconhecido para ampliar e detalhar a rota, como explicada por Fernand Braudel, corrigindo Jean Pouyade na descrição do Mediterrâneo ao Índico. Com isso, persevera a ideia de que o istmo de Suez se compõe de outras entradas. O Nilo chegava ao Mar Vermelho pelo Mediterrâneo, conhecido como canal de Suez. Os conflitos luso-turcos estão então em pleno acontecimento, quando se dá início à desbravção marítima via rota das Índias.

O Atlântico são três grandes circuitos eólicos e marítimos num mapa; três grandes “elipses”. Para lá navegar como um senhor, basta utilizar correntes e ventos no bom sentido: ora levam, ora trazem. Assim foi o circuito dos vikings no Atlântico Norte; assim foi o circuito de Colombo: os seus três barcos são levados para as Canárias, depois até as Antilhas, os ventos das latitudes médias trazem-nos na primavera de 1403 pelos Açores depois de os terem levado até as imediações da Terra Nova. Para Sul, um grande circuito leva até a costa da América, depois até a altura do cabo da Boa Esperança, à tona sul da África. Para tudo isso, há, é certo, uma condição: procurar o bom vento e, uma vez apanhado, não o largar... Isso é o que se passa habitualmente no alto-mar (Braudel, 1996a, p. 373).

Os pesquisadores brasileiros contemporâneos dedicados à investigação do café, narram do ponto de vista do domínio do Império Português. Os pesquisadores turcos tomam a pesquisa a partir da perspectiva do Império Otomano e do papel simbólico da bebida para sultões, além da popularização do café como energético.

Os brasileiros receberam a contribuição colonial e, na história, após o século XVIII, quando ocorre a reintrodução da planta para recondução à África Ocidental. Em 1789, no movimento da conquista das caravelas, contrário aos ventos dos interesses de combate em mar, ao dar continuidade ao papel reprodutor dos interesses do Império Português se reconhece a colônia produtora como o país mais tarde independente e

republicano. Contudo, durante o delineamento da República no século XIX, de comércio renovado pela demanda do mercado internacional do café, o Brasil irá figurar como um dos principais produtores mundiais do grão para exportação. “Os portugueses trouxeram-no do Brasil para a África Ocidental, nomeadamente para Cabo Verde e S. Tomé nos finais do século XVIII, fazendo como que houvesse uma reintrodução em África e demonstrando que foi mais fácil atravessar o Oceano Atlântico que o interior do Continente Negro (Ferrão, 1999, p. 69)”.

D. Manuel I, o bem aventureiro, ascendeu em 1495 em condições especiais. O senhor do comércio e da navegação durante o seu reinado, Vasco da Gama, navegou até as Índias. Em 1498, Pedro Álvares Cabral chegou à costa brasileira em 1500. Os fatos essenciais históricos e os detalhes dos termos relacionados ao *café* são utilizados inclusos em dicionários modernos, da tradição oriunda da Arábia.

Urge superar, inclusive informaticamente, a separação física através de uma interface comum baseada na compatibilidade de formatos cartográficos resultantes de uma consolidação ou convergência que os padrões ou normas descritivas estão a sofrer atualmente por efeito de uma inevitabilidade econômica e teórica. (Silva, 2015, p. 13).

Na releitura do poema “Perguntas de um operário que lê”, de Brecht<sup>36</sup>, passados seis anos percebe-se a amplitude da significação de cada frase, de cada denominação e nomes, passei a imaginar em cenas os lugares em que ocorreram os fatos que, em palavras, dão origem ao mundo cultural tão adverso: “A condição humana tem a sua força própria” (Konder,1996). Trata-se da homenagem de um poeta, dramaturgo, escritor, da incansável leitura na tradução do tempo histórico em que vivemos, com alusão às classes trabalhadoras mundiais, quando deixou de ser escrava e passa a

---

<sup>36</sup> A tese de doutorado, desenvolvida e apresentada na Unesp/Marília, no Departamento de Ciência da Informação, concluída em 2009, traz na folha de rosto o poema “Perguntas de um operário que lê”, de Brecht, sobre os anônimos na História. Brecht indaga sobre as forças braçais dos homens invisíveis ausentes nos registros da História, aqueles que construíram os monumentos e edificações universais.

conquistar, em etapas, o trabalho livre à classe (embora muitas vezes precarizado). Assim, para a posteridade digna, é melhor ser lembrado em poesia com elogio, do que habitar os infernos memoriais do esquecimento, como se encontram as classes dominantes, no limiar do capitalismo selvagem.

O trabalho científico, com objetividade, deve isentar-se das preocupações com a sociedade? O que significa uma simples palavra ou uma informação para a sociedade complexa e global?

O caminho das especificidades da área da Ciência da Informação pede inter-relações dos planos de ideias sobre a organização e disponibilização da informação. Nesse percurso de conciliar os princípios da arquivologia mais as práticas museológicas, o mundo das classificações apresenta-se como lógicas expostas nas Bibliotecas.

O desenvolvimento da tese de doutorado, que tratava do colecionismo no museu do interior de São Paulo a partir da vontade de um funcionário público, foi revestido a partir das preocupações patrimoniais com relação ao antigo Oeste Paulista. Realizou-se a investigação, a partir das coleções do Museu Histórico de Ribeirão Preto, baseado nas coleções da História Natural, da História Oficial e equipamentos da cultura do café.

Provoca-me o conceito “*conflito da memória*” (Candau, 2013, p. 13), usual na Antropologia, porém questionável entre as verdades e aforismos do poder econômico, político e denominações sobre as massas trabalhadoras-escrava, imigrante e relativamente livre – durante a passagem do século XIX para o XX. A representação das coleções baseadas na ciência empírica, edificada ainda no século XIX.

Que pouco relatam (ou significam) além da história oficial, ou dos gabinetes analisados pela historiografia e museologia, foram analisadas como ponto de partida dos conceitos modernos aplicados aos museus desse perfil. As premissas estavam embasadas por quatro níveis mediadores: 1) da prática do colecionismo pela força do agenciamento; 2) dos objetos colecionados e reinterpretados a partir das listagens de acesso, baseada na Linguagem Natural.

Exemplos:

1. Dispositivos das tradições familiares e poder econômico
2. Objetos como “troller” (do Schmidt) equivale ao transporte utilizado
3. A investigação, o inventário e os produtos culturais ‘locais’
4. Políticas públicas de difusão e preservação.

Ainda, outras premissas mediadoras seriam:

3) a avaliação e submissão dos agenciadores ao novo olhar da cultura e possíveis apropriações dos contextos e ambiências dos museus, arquivos, bibliotecas e centro de documentação (locais) e 4) a tentativa de se estabelecer a inter-relação dos lugares.

A palavra *corredor* é tão plena de significados quanto a palavra *Café*. Assim, quando unidas extrapolam seus significados iniciais. A expressão “corredor do café” traz, assim, um potencial operatório investigativo além da organicidade documental – coleção. Posso operar com movimento, com articulação de teorias e métodos. Se estivermos falando de palavras, a Biblioteconomia tem domínios absolutos sobre a compreensão e o controle das palavras para transformá-las em código.

Teria esta metáfora a função de provocar, entre as linhas imaginárias, os territórios econômico, social e cultural? Antes, tal expressão indicou-me o recorte nos terrenos do plantio republicanos em direção ao estado de São Paulo, para a região terra roxa. O uso da metáfora “*corredor do café*” seguiu para significar além do local da memória regional, um espaço induzido e abstraído que me pareceu como “espaço geográfico e histórico”.

O emprego da metáfora avança do ponto remoto da memória, no episódio que não é somente ilustrativo. Tomada como ponto de partida da estrutura arquitetônica (corredor) da casa e a intervenção no espaço a que se refere a explicação, ou a justificativa da presente pesquisa, seguiu para assumi-la como adoção da expressão *corredor do café* para significar, inicialmente, uma planta *Coffee Arabica* fertilizada no assoalho de um museu.

Em que pese o significado da ação, um diretor do *Museu Histórico e de ordem geral Plínio Travassos dos Santos*, para dar veracidade às coleções familiares de Francisco Schmidt, o barão do café, chegou a plantar um pé de café no corredor da casa, antiga sede da fazenda Monte Alegre, que abriga o museu regional. O ato consumiu, ou devorou, no ato antropofágico, os significados dos documentos históricos *probatórios*. O objeto plantado, vivo, simbólico, biológico está além da planta/arbusto que não tem durabilidade como as pedras das coleções que a geologia domina.

Antes, a mesma brevidade da obra de arte contemporânea, demonstra os significados do signo forte de pé de café que alude ao exemplo da espécie sob a óptica da botânica, inclui a preparação humana do plantio, cria a expectativa da espera da branca florada e que os grãos se avermelham em cerejas. Plantada ali, no assoalho de largas tábuas de peroba rosa, a planta nasceu com vida efêmera, contestando a

durabilidade de três décadas de um pé de café, desafiando a natureza da espécie, no chão de madeira do corredor do museu, ao descanso de quem circunda a varanda ou avista da janela a varanda do antigo casarão.

O diretor daquela época, talvez tivesse refletido sobre a coleção do museu ao simbolizar algo mais do que os objetos estáticos e sempre *familiares*, custodiados pelo patrimônio social invisível na habilitação que permanece ciclicamente decadente, à beira da ruína, do abandono, do desprezo, embora seja referente e formado no heroico cenário do passado do café na cidade de Ribeirão Preto que, duvidoso, mitificado e conservador continua esperando tratamento adequado.

Coleções e espaços museológicos tornaram-se paralisantes e imobilizadores do ponto de vista do papel social da instituição concebida criticamente a partir das novas ações presentes no âmbito acadêmico museológico e das possibilidades infindáveis de renovações tecnológicas, seja criticamente ou a partir do olhar das novas ações presentes no âmbito acadêmico museológico e das possibilidades infindáveis de renovações tecnológicas.

A constatação *da força* retratadora do desconhecimento e do desprezo, diga-se muito, conhecida por quem atua nos museus brasileiros de regiões interioranas do país, longe dos centros metropolitanos culturais, atingiu o museu ribeirãopretano. Negativa e perversa, embora seja comum a muitos museus brasileiros, e também em outros países no mundo, se encerram estes locais desgastados pela ideologia do culto nacionalista do passado colonizador, mas pervertido no tratamento da preservação de elementos testemunhais das chagas enraizadas na escravidão.

Frente aos descasos nas atividades que envolvem a cultura e a memória, os efeitos do conservadorismo são estéreis e tais museus confundem-se com *antiquários* (lojas de objetos antigos) das cidades que certificam os hábitos, o gosto e o comportamento associados aos fetiches de muitos.

Mais semelhantes ao confinamento do passado, do passado enegrecido das insuportáveis imagens a esta prisão, figuram os museus que entristecem os visitantes e, raramente, os agentes culturais que exercem a educação patrimonial alheios à função que lhes atribuem de *juízes das significações* sem detrimento do caráter para os quais foram contratados como mediadores culturais. Quando esses agentes exercem a função libertadora os objetos saem de suas bases para significar profundamente e dar sentido ao conhecimento tácito.

O Museu Histórico e do Café mantinha, em 2001, os objetos de suas coleções colados em suas bases, ou em vitrines, com cola *super-bonder* (*Loctite*). Por muitas vezes, segundo os funcionários, foram amarrados ou fixados com cola ou linha de nylon para manter a “segurança” das peças. Numa visão poética, poderíamos afirmar que buscavam com essas “técnicas” da aula de pescaria capturar o fantasma da ordem e da base da desconfiança de quem utilizava o espaço do museu.

Estamos entre três mundos museológicos: o da ordem, o da desordem e o da imaginação, da dimensão do passado e da história, onde há controle e espaço para o que foi aprisionado e frequentemente está ameaçado pelas gestões políticas. Se não houver gestão, os lembrados antiquários saborosos, malcheirosos, secretos, sujeitos às surpresas dos preços abusivos, apropriar-se-ão pelo olhar daquilo que está representado e valorizado pelo atributo da *raridade* que se apega ao passado.

Disso há uma boa referência na literatura e na prática museológica: o autor da *The innocence of objects*, Orhan Pamuk. Quando o escritor organizou o *livro-museu* (ou *museu-livro*) relatou a semelhança dos antiquários com a vida simbiótica de sua própria obra, sendo necessária a transcrição do trecho a seguir:

The only survivors of this massacre were those lucky objects that were useful or pretty enough to find a place in the daily lives of Istanbul’s constantly evolving population – ashtrays, jugs, nutcrackers, coffee grinders, and carousel clocks, for example. This destruction left behind an eerie emptiness, similar to the void created in the wake of the burning of the city’s wooden mansions in the 1950s, or the emptiness I saw in the streets of Cihangir and Galata during the mid-1960s (Pamuk, 2012, p. 44).

De certa forma esta citação explica as relações da ideia de que os *corredores do café* podem incluir o ponto de partida, entre o significado local e a possibilidade de ser conquistado, entre o ponto de partida da ação, o mundo da produção, da acumulação e a projeção da circulação dos objetos e, concebendo a cidade, a grande especialidade aparece além da regionalidade, da territorialidade e está na dimensão da virtualidade

poética. Seria o fluxo e passagem intensa das figuras anônimas na historiografia que se trata de forma material e documental as fontes para tais inferências imateriais.

Os documentos são custodiados pelas instituições dos espelhamentos dos contextos culturais, nas regiões e territórios onde saem não mais do que de um corredor do museu<sup>37</sup>. *Insatisfeitos* com a perseguição, os objetos da *caixa museológica* os redimensionam-se no espaço digital em sistemas codificados em subtemas.

Apesar dos sistemas tecnológicos disponibilizarem a informação documental tão precisa, digitalizando integralmente os documentos, o sistema orgânico dá-se pela relação do todo com as partes. O monitor humano é quem faz esta relação do que foi impresso e as lacunas digitais. Os documentos internos do sistema de consulta do acervo, conforme disponibilizado, adquirem autonomia de busca, isto é, no termo de recolhimento já consta a história da custódia do conjunto documental.

As datas de procedência são fundamentos das políticas públicas internas e legislação de acesso ao documento.

**Instituto do Café**

Grupo-Subgrupo-Série-Subsérie-Título-Subtítulo

Ordem: CIDI 23

Área de Identificação

Código de referências: BR SPAPESP. INCAFÉ

As estruturas informacionais, como no exemplo do Instituto do Café, estão voltadas para o usuário no sistema da organicidade, considerando o usuário universal há elementos associados, imediatamente, às suas necessidades. Curiosamente, o nível de

---

<sup>37</sup> No período de 2006-2013 o foco da pesquisa constituiu-se a partir de cerca de trinta visitas técnicas, orientação de pesquisas e projetos de organização da documentação referente ao período do Café, na Região do Oeste Paulista. Associo esta primeira abordagem, de caráter empírico (com coleta de dados), volumétrico dos fundos, das coleções que são documentos reconhecidos na aplicação dos diagnósticos, aplicar metodologias, preventivas catalogação e disponibilização, tão necessárias quanto a emancipação das ideias para refletir e agir frente à temática.

mediação é estratificado para dar suporte aos fundos e acesso ao documento, denominando-se topografia (local físico do documento).

O nível da **mediação do documento** relaciona-se com a organização das séries e codificação arquivísticas. O nível da **mediação digital** do documento relaciona-se com a organização do sistema. O nível da **mediação informacional digital** pertence ao usuário. O estudo do fenômeno relaciona-se à sua capacidade interativa, de conhecimento técnico e metodologia arquivística.

Na *dimensão do fenômeno da informação* pouco se sabe sobre o porquê a investigação é dependente da capacidade do investigador, cognocente, de relacionar fontes e chegar à conclusão satisfatória. A abundância dos significantes da informação documental é motivo para agrupar, selecionar, indicar e disponibilizar em grupos, séries, subséries de gêneros documentais do Repositório Digital do Arquivo do Estado de São Paulo.

Para sanar dúvidas, a palavra Café tem lugar no sistema porque trata da história Administrativa do Governo, no setor agrícola.

A documentação da qual nos ocupamos não se refere apenas à organização documental arquivística refletida nas demandas administrativas governamentais. Os padrões e modelos a serem seguidos na leitura documental devem ser reconstruídos a partir do que se entende como *informação arquivística*, pois o documento, visto como artefato, revela-se em elementos implícitos e sígnicos importantes se adicionados ao processo de leitura.

De nossa parte houve uma decisão no desafio corrente de refletir sobre o que está à margem na Ciência da Informação, à luz da metodologia em Arquivologia enquanto sistema de organização. As classificações da Biblioteconomia, na longa e ousada experiênciado pensamento Otleiano, “do livro impresso a uma pintura,

passando por ofícios, processos administrativos, relatórios de contas ou imagens, discos etc.” (Silva, 2016), reiteram o foco na tentativa de operar com expressões correntes da linguagem natural e fartamente aplicadas às fontes nas áreas das humanidades, que têm como objeto a sociedade e o estudo no fenômeno informacional do contexto cultural e, talvez, considerar o *documento* como *epifenômeno da informação e da comunicação*. (Silva, 2016).

A causa investigativa da temática de significação histórica, como o café, no âmbito da Ciência da Informação, não é uma tarefa de fácil compreensão. A Ciência da Informação atravessou décadas do século XX esforçando-se para ter uma identidade própria e resolve-se rompendo com as amarras das metodologias tecnicistas, emprestadas em relações pendulares entre as aproximações das áreas da Biblioteconomia, Arquivologia e Museologia. A ela é reservada a autonomia científica conquistada nos aspectos do comportamento do uso social dos documentos.

O ambiente principal para “religar os saberes”, como apregoado por Morin (2008a; 2008b) e citado por Silva (2016), será o contexto social? O que consideramos *informação* é destinado à compreensão do documento nas profundas interpretações da expressão multidisciplinar? As indagações são resultadas das mais sinceras preocupações do sentido da organização, sistematização, análise de conteúdos, aplicação de métodos para que o postulado da ciência social possa de fato ser transformador na ciência da informação.

O signo existente na ação arquivística tem sido uma das preocupações do estudo da memória estruturada por pesquisadores na investigação científica contemporânea substanciada pela leitura documental. A *memória custodiada* se dá fundamentalmente do ponto de vista ético ao ultrapassar as delimitações positivistas, as ideologias eugenistas; para dar estabilidade e integridade aos direitos sociais, valorizando os

aspectos sociocognitivos, criando práticas da acessibilidade física e inovações das estruturas digitais dos contextos mais humanizados dos acervos.

A arquivista australiana Sue McKemmish expressiu de maneira muito feliz a contraposição entre o conteúdo e contexto, a partir do exemplo das cartas pessoais: tais documentos “[...] podem nos dar informações sobre muitos aspectos da vida de um indivíduo, mas provam, em primeiro lugar e acima de tudo, as relações e interações por ele mantidas. O contexto para interpretar as informações contidas nas cartas é o dessas relações e interações”. As informações contidas nos documentos, que a rigor interessam ao pesquisador, são passíveis de múltiplas interpretações. Mas os documentos, numa abordagem arquivística, alcançam patamar estável de classificação na medida em que constituem prova do relacionamento das partes envolvidas. Segundo a autora, o valor informativo é dependente do valor probatório, o que nos leva a afirmar que o conteúdo examinado pelo pesquisador só é devidamente qualificado depois de submetido a essa relação primordial (Camargo, 2015, p. 4).

A identidade da Ciência da Informação recebeu franco trânsito multidisciplinar devido à conjuntura histórica e ao desenvolvimento tecnológico como *síntese das anteriores* (Silva, 2016). A evolução da CI, com vértices do quadro transdisciplinar entre a Linguística, Tecnologia, Comunicações e Ciências Sociais, impulsiona compreender o documento além das condições pré-determinadas do conhecimento técnico. Segundo investigadores distintos, e já mencionados, há uma lacuna entre a produção histórica do documento e a capacidade interpretativa do cientista. Para o olhar deles, ler *documentos* sem observar a ordem sistêmica, como analisa Silva, é o mesmo que considerar a *informação isolada* dos processos históricos, o que deverá incorrer no acúmulo informacional depositado ali, retrocedendo nas razões humanísticas do acesso.

A racionalidade do legado empírico e técnico se aplica ao agrupamento nos conjuntos documentais, devidamente classificados os conteúdos dos acervos, formatadas as séries e nunca ignorada a tipologia documental, o usuário utilizar-se-á dos guias, inventários e catálogos, dos escopos de representação a partir das corretas técnicas. Sem eles seria como entrar na floresta sem a ajuda de quem a domina. Mas não se trata de uma floresta.

A situação comparada lembra o desconforto causado aos analfabetos no interior da biblioteca e, por isso, o trabalho de mediadores humanos ou dos instrumentos de pesquisa (da oralidade, dos catálogos, guias, inventários) absolutamente necessários no cumprimento das funções éticas da instituição de guarda documental.

Na sociedade convencionou-se dizer que não se toma decisão sem informação. Assim, se por acaso pontuamos a reflexão de que *existe* um *a priori*, resta-nos a investigação dos documentos em séries, espécies, tipos, gêneros, assuntos e formatos aplicados à metodologia arquivística

## **Capítulo 5**

### **Infografia e dimensões virtuais das identidades, das simbologias e do trabalho**

A bebida café traz a natureza do compartilhamento e do encontro social. Este capítulo justifica o conteúdo documental do café, direcionado para a análise e a construção da infografia-web visando o acesso amplo à informação sobre o tema e reunindo ingredientes indiciais da cultura simbólica do café através da sugestão da construção da estrutura da dimensão virtual e objetiva para proporcionar outras investigações no campo das ciências sociais.

A partir do planejamento estratégico na temática da pesquisa sobre informação do Café, que inclui a ideia de que os documentos são recipientes das significações humanas, o desenvolvimento da síntese em mapa infográfico é graficamente disponível e foi baseado nas representações sociais singulares e plurais dos contextos culturais dos países focados na trajetória desse estudo.

A palavra *dimensão*, substantivo feminino, desenvolveu o significado do que está condicionalmente passível de ser dimensionado e ser imediatamente associado (dimensão) ao tamanho, grau, espessura e/ou profundidade. Os sentidos táteis e da visão inferem o que pode associar-se a qualquer objeto mensurável da materialidade, implicando no entendimento da palavra *espaço* que é definida segundo as dimensões que lhe são próprias. Portanto, a noção da palavra *dimensão* associa-se à ideia de espaço, da extensão de um determinado corpo de direção em níveis mensuráveis como alto, baixo, profundo, estreito, largo etc., palavras adjetivas relacionadas à qualidade da matéria.

Embora a métrica não possa traduzir potenciais significações psico-cognitivas das sensações humanas, no cotidiano das sociedades, a questão presente está diretamente ligada à capacidade humana de dimensionar, nas técnicas, nos meios analógicos e digital,

a captura dos elementos das diversas culturas que envolvem a produção humana do café na construção de produtos que promovam a sua leitura.

O conceito *virtual*, comumente entendido na conjugação da linha em perspectiva da *forma* pela via da História da Arte, é explicado como *ilusão visual* na representação da realidade ou na destruição dela. Ainda que usual na contemporaneidade, onde a palavra *virtual* tem origem no ambiente eletrônico, é curioso lembrar que *virtual* –*virtual e* ou *virtualità* em italiano (Dicionário Italiano Garzanti, 1984, p. 996) – é aquilo que existe em potência, o que é possível e não real, por isso fictício e imaginativo. A palavra ainda se apresenta com ruídos da influência da não verdade, do duvidoso do que não se vê na imediatez das coisas, que não carrega a priori a *verdade do real*, do suposto do que se vê ou se entende por algo alí contido. Engano. Ao deixar-se ser enganado o sujeito apropria-se do que vê e, na representação da *verdade* da virtualidade das coisas vistas, a memória do mundo é possível ser redimensionado. Da estruturação da teoria da imagem diz o autor: “Não é fácil nos livrarmos dessas ideias pré-concebidas” (Gombrich, 2011, p. 29). A palavra *virtual* é provocadora para traduzir os enganos cognitivos dos sentidos da visão (como na holografia) e do tato (sistema de sinais) e, principalmente, relaciona-se ao jogo da percepção quando o sujeito julga o que é verdadeiro/falso, real/irreal e deixa-se tomar pela fruição do que vê e sente, no jogo do físico e não físico.

A expressão *dimensão virtual* surgiu no centro da discussão com o Prof. Armando Malheiro da Silva<sup>38</sup>, mais especificamente a respeito da evolução tecnológica, aplicação

---

<sup>38</sup> O Prof. Armando Malheiro da Silva, catedrático na Ciência da Informação na Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Portugal, orientou o projeto de pós-doutoramento, realizado em 2015. O projeto intitulado “O corredor do café virtual confluente na dimensão da informação estruturada” retoma questões relativas às preocupações na pesquisa acadêmica desenvolvida anteriormente. O projeto de investigação, já provocado pela necessidade da reflexão a respeito do fenómeno Informação, realizou reflexões e buscou o apoio da Linguística para compreender o significado da construção da metáfora “corredor do café”, ferramenta elaborada a partir de 2004, por ocasião do projeto de pesquisa profissional de docência aqui citado. O projeto de investigação foi desenvolvido, no período de nove meses na Universidade do Porto, com suporte da orientação acadêmica. A pesquisa focou acervos custodiais em instituições determinadas pela temática do Café, definiu as capturas dos elementos para a construção das dimensões virtuais das informações estruturadas analogicamente, digitalizadas ou não. Procurou-se compreender a

dos ciberespaços e mídias das plataformas digitais plenamente conviventes entre as diferentes culturas na humanidade.

Embora a palavra *virtual* nos obrigue a fazer distinções semânticas, o seu uso e a sua colocação na frase são sempre precisos em relação ao que lhe é atribuído nos significados – real e irreal– e demonstra poder de coesão entre os contextos materiais e imateriais.

Segundo Lévy (1993; 1996; 2007), o que está em jogo não é esta falsa oposição entre o físico e o não físico, mas sim o conceito atual (contemporâneo) relativo ao *tempo*. No passado havia modelos para que se baseasse a ilusão de ver. Gombrich (2011) trata do tema ao mencionar a arte no século XIII, o detalhe do afresco na Cappella dell’Arena, Pádua, de Giotto di Bondone,

(...) uma matrona segurando uma cruz numa das mãos e um pergaminho na outra. É fácil ver a semelhança entre essa nobre figura e as obras dos escultores góticos. Mas não é uma estátua. É uma pintura que produz a ilusão de uma estátua arredondada. Vemos o destaque dos braços, da modelação do rosto e do pescoço, as sombras profundas nas pregas flutuantes das vestes. Nada que se parecesse com isso tinha sido feito em mil anos. Giotto redescobriu a arte de criar a ilusão de profundidade numa superfície plana. (Gombrich, 2011, p. 201).

A dimensão e ilusão da Revolução Digital, no século XX, criou o binômio das expressões associadas à palavra *virtual*, inata no mundo da mecânica da Revolução Industrial, mas diretamente pertencente à Revolução Digital no desenvolvimento da cibernética, no campo da eletrônica voltada para as tecnologias da informação e da

---

organização nos acervos culturais no roteiro da História do Café, em formatos diversos como: papéis, livros de registros, documentos em séries, coleções fotográficas e audiovisuais, entre outras. Espera-se compreender o fenômeno da abordagem virtual da informação histórica do café. Disponível em: <<http://www.bv.fapesp.br/pt/bolsas/154047/o-corredor-do-cafe-virtual-confluente-na-dimensao-da-informacao-estruturada/>>. Acesso em 08 abr. 2017.

comunicação habilitadas no ambiente digital através dos complexos *softwares*. Guardase, aqui, o sentido das significações artísticas, históricas, econômicas e políticas do café para a plataforma dimensionada na virtualidade, além da inscrição da reprodução da espécie botânica, processada mundialmente para alimento. Assume-se a linguagem facilitada dirigida ao internauta utente com bases na leitura dos desenhos dos ladrilhos das informações a que se denomina *infografia das significações do café*.

*Infografia* aqui se destina, pois, a constituir a *corredorgrafia*, isto é, a definição de amplos corredores em linhas que serão concebidas por singulares e plurais ramificações dos sentidos dessas dimensões do Café nos contextos brasileiros, português, turco e italiano, entre outros possíveis.

Ao observar o diagnóstico crítico do desconhecimento da sociedade em relação ao domínio da consciência da realidade contemporânea, sejam as informações veiculadas pelos meios virtuais ou não, serão infográficas todas as inscrições das mensagens textuais, das imagens, audiovisuais ou termos isolados em formatos que retratam o comportamento da informação do café no hipertexto.

Para o leitor que seguiu os passos da pesquisa até este capítulo compreende-se que no trabalho acadêmico a visão da articulação entre ângulos presentes no Método Quadripolar – os polos da epistemologia, teórico, técnico e morfológico – são sustentados pela análise diante da complexidade temática. Poderia ser analisado o problema do cacau, da cana-de-açúcar, do ouro ou do petróleo? Sim, poderia. Mas a escolha do produto Café relaciona-se ao pesquisador na intimidade da origem cultural regional brasileira, na subjetividade, na percepção dos sentidos que deram base à pesquisa.

Para dar movimento e argumentar, a *infografia* pode ser visualizada no desenho dos ladrilhos dos corredores da produção do café e conteúdos subtemáticos. Deseja-se imprimir coerência ao texto para edificar, a partir da arquitetura virtual, significações do

café ou assentar os ladrilhos do corredor proposto, de acordo com a metáfora proposta. A rotatividade da articulação sistêmica das significações humanas dá-se pelo movimento histórico, analisado nas bases do eixo epistemológico da ciência social, porque é do movimento histórico de onde retiramos a noção de tempo, categorizado na produção do trabalho, marcando presença no pensamento filosófico e socialmente construído.

O fôlego não é pouco, pois é possível se fazer o mergulho das narrativas no mundo da virtualidade eletrônica na direção da busca da síntese do percurso da linha de pesquisa da ciência da informação, que se preocupa com os aspectos sociais da informação, quando a partir dela a história econômica, social e simbólica pode ser lida desde o grão da rubiácia, apresentando-se na representação gráfica da estratégia de interpretação argumentada a partir da leitura.

A economia brasileira radicalmente envolvida na produção cafeeira, entre fases de um ciclo centenário a partir de 1840 com declínio da ascensão da trajetória política e agrária substituída pela cana-de-açúcar, ainda representa o maior produto de exportação mundial. No *mapa mundi*, o café é originado na Etiópia, em direção à Arábia. Do Egito à Turquia segue a trajetória da Conquista até a queda de Constantinopla para, de lá, seguir rumo Itália, Inglaterra, França, Alemanha, Suíça, Dinamarca e Holanda, para citar a pontuação do caminho de comercialização e consumo do café.

A importante história ainda é pouco conhecida na educação formal pelos brasileiros e agravada, na contemporaneidade, pelo enfraquecimento das Políticas Educacionais voltadas para o ensino de artes, sociologia e filosofia na inserção da grade escolar do ensino fundamental e médio. A complexidade da exploração do conhecimento acaba por tornar-se reduzida e está longe do arrazoado que objetive estimular o aprendizado.

No ensino universitário, as imagens visuais passaram a constituir fontes documentais com linhas de pesquisa autônomas há mais de 30 anos, o que nos leva a entender que no centro das sociedades urbanas dos séculos XIX e XX, onde as estampas dos cartões postais, embalagens alusivas ao produto café, receberam o papel na cor tipográfica impressa, sempre indefinida do cromatismo tipográfico, atitude sensata para imitar a ação do tempo na tentativa de significar o passado com o “envelhecimento” do papel. Entre o sépia, o amarelo pálido e os tons de azuis encontravam-se misturadas, então, as distinções espaciais terrestres, marítimas e celestes, até então vislumbradas pelos navegadores a partir dos astrolábios e representadas em mapas celestiais ou pelos pintores na busca da *morfologia espacial* das imagens impressas e fotográficas. A cor cáqui tinge as tendas, contrastando com a mescla dos tapetes vermelhos e camelos imaginários dispostos rigidamente aos olhos dos ocidentais passageiros. São elementos advindos das técnicas presentes na iconografia descritas nas *morfologias das paisagens rurais ou urbanas* de acordo com áreas do conhecimento a nosso dispor: arquitetura, geografia, sociologia, geografia e artes.

O que é desvelado para os olhos do consumidor de imagens passa a se associar o Café à cor e aos fatos da História. O leitor assume a ideia do território caracterizado pela aridez desértica ao ver cabras, linhas com camelos, areia supostamente sufocante, vento indomável e deserto a perder de vista entre etíopes e homens de turbantes que saboreiam em canecas de cobre um líquido improvável que fez a história moderna.

A origem da planta, em zona de montanhas da Abissínia, expandiu-se em direção ao sudoeste da Arábia quando esteve nas mãos dos peregrinos de Meca. Café, cafeeiro, cafeeiro, cafezal são designações que “têm percurso muito longo” (Ferrão, 2009, p.17). Com uso diversificado, abarcando desde a esfera da espiritualidade até o mundano, o café foi misturado ao sangue dos nubentes para garantir fidelidade no casamento. No Brasil, o

café é o mandingueiro, na macumba citada por Freyre, misturado ao sangue da menstruação da mulata, polemizado na interpretação racial de sua obra mais famosa, *Casa Grande & Senzala* (2006).

Não seria exagero então concluir que Freyre narrava uma experiência geracional da elite brasileira, saindo do campo e firmando-se na cidade. Com essas informações em mente, o trecho citado antes ganha uma outra compreensão: ele pode ser visto como uma proposta, por parte de Gilberto Freyre, de rememoração coletiva, rememoração de uma geração cuja socialização primária foi fortemente marcada pela presença do negro, especialmente da mulher negra. Isso pode ser encontrado nas memórias dos intelectuais modernistas, como demonstrou com tanta acuidade Sônia Roncador (2008, p.109-35), em seu livro *A doméstica imaginária*. Em *Alguma poesia*, por exemplo, livro de poesia publicado em 1930, Carlos Drummond de Andrade (2002, p.53) publica poemas tão diferentes como "Infância", lembrando a preta velha, que "chamava para o café/ Café preto que nem a preta velha/ Café gostoso, café bom", e "Iniciação amorosa", em que o poeta namora "as pernas morenas da lavadeira", isto é, evoca liricamente a experiência afetiva e erótica com a mulher negra nos seus diferentes graus, tal como sugerido por Gilberto Freyre em citação apresentada anteriormente (Melo, 2009, p.01).

No confronto das imagens construídas pela sociedade ocidental verifica-se que o café não teve origem nas terras roxas paulistas e, comumente, na passagem rural brasileira entre os estados do Rio de Janeiro, Minas Gerais, São Paulo, Espírito Santo e Mato Grosso incluem-se os cafeeiros em linhas simétricas denominadas ruas. Em destaque, para lembrar os artistas do século XIX da iconografia pictórica rural, portuária e urbana do Brasil colonial e imperial estão os ares políticos e republicanos. Nas montanhas do sul de

**Comentado [P1]:** Qual página foi retirada a citação?

Minas Gerais as robustas plantações pressupõem as técnicas e habilidades humanas para seguir as curvas na escalada dos morros “acima” para plantio e colheita.

Não será demais reproduzir o texto do pequeno guia de José Eduardo Mendes Ferrão (1999, p.69-70):

Originário das zonas montanhosas da Abissínia, donde se difundiu para o sudoeste da Arábia, possivelmente por peregrinos a Meca que levaram as sementes para aproveitarem o seu efeito estimulante.

Introduzido pelos árabes na Índia e pelos holandeses nas antigas Índias Orientais Neerlandesas. Algumas plantas vieram para os Jardins de Amesterdão e Paris e daí se faz a introdução na América, discutindo-se prioridade dos holandeses ou dos franceses.

Há suspeitas de que os portugueses o conheceram no Oriente, onde a sua introdução na Arábia e na Índia é anterior ao século XVI e o terão levado para o Brasil, mas até ao momento não foram encontradas provas indiscutíveis, continuando a aceitar-se, até prova em contrário, que Francisco Melo Palheta o tenha introduzido no Brasil a partir de sementes que trouxe da América Central em 1722.

Os portugueses trouxeram-no do Brasil para a África Ocidental, nomeadamente para Cabo Verde e S. Tomé nos fins do século XVIII, fazendo como que uma reintrodução na África que nos demonstra que foi mais fácil atravessar o Oceano Atlântico do que o interior do Continente Africano.

Há notícias de que Antônio Leite introduziu o cafeeiro arábica em S. Nicolau em 1790, se bem que, em 1797, “já se principia a cultivar o café ainda que por curiosidade”, como diz Feijó, muito embora outros considerem que nessa data era a ilha o local cultivado com êxito.

Em São Tomé, João Baptista da Silva trouxe-o do Brasil “em uns caixões”, tendo-se aceitado durante muito tempo a data de 1800. Sabe-se hoje, através de documentos, que em pelo menos 1789 se fizeram introduções.

Na Costa Ocidental da África existiam outros cafeeiros com menos interesse comercial, que só começaram a ser explorados com intensidade no princípio do século actual (cafeeiros robusta, por exemplo) (Ferrão, 1999, p. 69-70).

*Já se principia a cultivar o café ainda que por curiosidade.* Ferrão, com esta frase, provoca-nos refletir a respeito da envolvente sensação diáfana e imaginada situação do trabalho da produção agrária do passado brasileiro vinculado ao papel atribuído ao café por razões medicinais.

O autor incita à imaginação dos recantos, das linhas de fuga deleuziana da história, amplia ou restringe os sentidos quando indica o que se escapa e dispersa nos documentos (com função containers) do que se busca dos deslocamentos humanos e da ocupação de outros territórios.

Os elementos aqui propositados são tomados do ponto de vista econômico, social ou político. O café, assim como as especiarias negociadas entre o oriente e ocidente, ou qualquer outro produto como tecidos, tapetes, metais, pedras preciosas, ouro e prata são objetos artefatos presentes nas investigações históricas científicas, em que cada qual provocou, quando produzido e negociado, o adensamento de dados econômicos sendo, especialmente no Brasil, um elemento determinante para a economia moderna e a densidade social.

Mas parece-nos que não se compõe profundidade na pesquisa das Ciências Sociais sem a presença do sujeito confrontado com as informações documentais e associado às críticas da própria condição humana. O suporte epistêmico configura-se, assim, como a

principal razão de existir da ciência social voltada ao conhecimento para contribuir e evitar retrocessos da sociedade.

Verificado o eixo da prática da pesquisa observada da Arquivística, os documentos, suportes e sistemas tradicionais da arquivologia são elementos sistêmicos vigorosos do ponto de vista da organização institucional e nos indicam a monumentalidade documental orgânica e assustadora da produção em todo mundo:

“[...] Tratar-se ia de uma teoria geral de SISTEMAS ou ESTRUTURAS que incluiria estruturas operativas, estruturas regulatórias e sistemas probabilísticas e que uniria estas diversas possibilidades por meio de transformações reguladas e definidas” (Pombo, 2004: 170-171 *apud* Piaget, 1972). De acordo com esta perspectiva a transdisciplinariedade é essencial à emergência plena e desenvolvimento sólido da Ciência da Informação como um campo de estudo devidamente delimitado e identificado. É uma redundância inútil pretender afirmá-la como disciplina paralela a outras como a ARQUIVÍSTICA, a BIBLIOTECOLOGIA ou BIBLIOTECONIMIA, a DOCUMENTAÇÃO e os SISTEMAS (TECNOLÓGICOS) DE INFORMAÇÃO, quando a interpretação, a integração global de todas estas disciplinas pode gerar, muito pelo capital empírico acumulado e também por outros fatores, uma Ciência da Informação que constitui um novo patamar ou uma nova plataforma capaz de desenhar uma trajetória científica coerente, consistente e promissora no atual dealbar de um novo milênio (TRANSDISCIPLINARIDADE. In: Observatório da Ciência da Informação da Universidade do Porto, s/d). [...]

Todavia a forma da redução da informação, que não é ilegal quando criteriosa, seletiva e autorizada, é igualmente assustadora porque legislada a partir de políticas administrativas e culturais com excepcional eficácia nos processos dos descartes que, uma

vez intencionados nas políticas institucionais, tornam-se atos legislativos distanciados da coletividade ou desconhecidos pela sociedade e pelo senso comum.

Assusta-nos por quê? Por que os descartes sem dúvidas são indícios redutores do “grande saber” ilusionado no conhecimento universal, do que está significado e inatingível, ocultado nos corredores escuros dos arquivos, soterrado nas pilhas dos documentos desconhecidos ou sacrificados nas irresponsabilidades gerenciais das produções dos registros humanos preteridas e na maioria das vezes memoráveis.

Assim. É sustentável reconhecer a importância da organicidade física dos documentos para propor, antes de qualquer planejamento ou desbastamento para descarte, o devido questionamento e evitar inferir em processos inadequados e irreversíveis para dar sustentação memorialista às gerações contemporânea e futura que possam usufruir das leis de acesso democrático à informação.

A autovigilância do pesquisador, quando professa a qualidade da informação a ser resgatada e por ele consumida, o identifica como diamante raro ou com as várias pedras semipreciosas para efeito comparativo. Daí já há fundamentação para a importância da disseminação informacional na formação do conhecimento social.

Retomando a reflexão que centraliza a aplicação da expressão *dimensão virtual* da informação contextualizada e temática, com o desafio de torná-la pública a partir da descrição dos pontos metodológicos aplicados à *quadripolaridade* (prático, teórico, morfológico e epistemológico), e almejando dar visibilidade às experiências e resultados permitindo transitar entre os polo epistemológico, teórico, técnico e morfológico unidos pela construção da informação com o eixo de cada um dos corredores do café permitidos. São os já familiares hipertextos, que agregam e dissolvem os interesses ilustrados pelas intervenções dos interessados no tema.

Para explicar e dar visibilidade à infografia, é o modo de funcionar das torres *espiraliformes* (Samarra, Iraque) que, se invertidas, têm o desenho do vórtex. Neste simples recurso para entender o sistema visual dos corredores, necessariamente constituem-se desenhos em linha que partem de um núcleo, compõem-se de elementos sociais sequenciados como ladrilhos que podem ser obtidos nos artefatos das culturas dos contextos de cada país visitado.

As imagens que constituímos em nossas mentes das torres espiraliformes assemelham-se (ou será o arquétipo?) à configuração bíblica que as vê com o núcleo e o avanço da linha espiralada em busca do céu e suportado pela linha do solo.

Tal movimento, um modelo helicoidal, o movimento em vórtex, está aqui para ilustrar o caminho da história dessas pequenas informações documentais. Entende-se os desenhos das diversas dimensões, que além da composição das linhas em perspectivas angulares, também dará sustentação ao movimento espiralado onde ocorreram situações factuais sociais e significações cujas interpretações das informações são aquelas que buscamos.

### **5.1. A informação arquivística e a extração das palavras nos documentos**

A informação arquivística do café demonstra o empirismo do documento da história e das análises proferidas nas Ciências Sociais. O método empírico desenvolvido no vértice do adiantado da teoria e da técnica elaboradas por pesquisadores e realizadas pela prática da condição humana do trabalho está baseado na concepção de fundo, séries, subséries em etapas qualitativas e quantitativas, quando mensuradas na avaliação de produção administrativa, científica e representativa do pensamento na História.

Algumas terminologias ou princípios tornam-se básicos para o entendimento do conjunto documental e organização. Estes princípios da Arquivística – fundos, proveniência, organicidade – presentes e originários no mundo ocidental, a partir da

derrocada da monarquia europeia e da fundação do Archives Nationales em 1789, criaram descendências no direito público ao acesso, garantido em estatutos e regulamentos internos das instituições arquivísticas modernas. Porém, o confisco e expurgo de documentos, ainda que carregado de intenções ideológicas criou (ou reforçou) dois fetiches sociais modernos: o da raridade (atribuindo-lhe o valor de objeto museológico) e o da censura (ocorrida em momentos de transição, assentamento e manutenção político ideológica). Muitos dos documentos “raros” têm como destino as vitrinas dos museus, em corredores ou salas de exposição (Espírito Santo, 2015a, p. 86).

Nossa preocupação, concordando com Silva (2016), é orientar-nos nas bases comuns, multidisciplinares, entre Ciências Sociais e as Ciências da Informação que, sem nenhuma restrição conceitual ao reconhecer a eficácia da historiografia sobrepondo-se à relevância dos documentos, provoca o pensamento *sistêmico e complexo* para animar os debates entre as formações de graduação e pós-graduação afinadas nas áreas transdisciplinares, as quais são correspondentes na ciência.

Análise e tratamento do documento, em suporte papel e livro digital, são tratados pela Ciência da Informação isoladamente, em muitos desses mosaicos socioculturais, os sistemas oferecidos pela tecnologia moderna, devem incluir a tradição filosófica da informação, fertilizada pelo pensamento de autores que se preocuparam com o passado (como o de Otlet e Fontaine), comunicar a eficiência do ocidentalismo e orientalismo tecnológicos sem isentar-se da utilidade do pensamento crítico dos povos subdesenvolvidos. O controle informacional, com origens na Cibernética e na Teoria da Informação, na linha de Bush e dos franceses e espanhóis, para autores contemporâneos da Ciência da Informação são derivações do desenvolvimento econômico e tecnológico.

Os caminhos e fundamentos da extração dos termos de resumos, a partir da leitura documental, consideram as linguagens documentárias que são baseadas em linguagem

natural de amplo conhecimento social. Podemos citar alguns exemplos de Linguagens Documentárias, isto é, aquelas pertencentes à organização e às informações de conteúdo.

Para a estruturação de linguagens de indexação, projetando a Infografia, requer-se o domínio do léxico, isto é, palavras-chave pertinentes ao *corpus* dos documentos e o levantamento da rede paradigmática e sintagmática. A partir da fundamentação teórica podemos dizer que o léxico compreende uma lista de termos descritores disponibilizados de acordo com a lógica aplicada aos Vocabulários Controlados. Na primeira etapa, antes do desenvolvimento da descrição da consciência do brasileiro da sua história, porque os termos são filtrados e apurados pelo indexador, portanto, nunca devem ser lidos com a isenção da subjetividade do agente executor das tarefas da recuperação da informação.

Os participantes da arquivística analisam o documento do ponto de vista da cultura de seu país, destinam as classes, grupo ou séries, relações da codificação que estabeleceram no projeto de organização e que podem servir de estratégias de leitura para extração dos termos e sua futura disponibilização. A rede paradigmática confere relações essenciais e estáveis entre os termos para a disponibilização dos conteúdos dos documentos que possam ser selecionados nos distintos grupos dos fundos. Ainda, a rede sintagmática diz respeito às relações coordenadas aplicadas aos termos no intuito de abarcar o conteúdo informacional.

Partimos, para constituir outro exemplo, do resumo para servir de observação da publicação: *Aspectos gerais da biologia e da diversidade genética de Coffea canephora*.

(Souza, 2015. Disponível em <https://www.embrapa.br/busca-de-publicacoes/-/publicacao/1040700/aspectos-gerais-da-biologia-e-da-diversidade-genetica-de-coffee-canephora>. Acesso em 27.nov. 2021)

*Resumo:* Os primeiros registros históricos sobre o café foram encontrados em um manuscrito no Iêmen, em 575. As primeiras descrições científicas da planta foram

apresentadas em 1591 e 1592, pelo botânico veneziano Prospero Alpino, em suas obras *De Medicina Aegyptiorum* e *De Plantis Aegyptiæ Liber*. No entanto, coube a Antoine Jussieu, em sua obra *Histoire Du Café*, publicada em 1716, a primeira classificação botânica do cafeeiro como *Jasminum arabicum*. Posteriormente, em 1737, Carl Von Linné (Lineu) reclassificou a espécie, dando-lhe o nome de *Coffea Arabica* (MARTINS, 2008). A nomenclatura da tribo Coffeae foi originalmente proposta por De Candolle, em 1807. Em sua classificação, esta tribo era bastante abrangente e incluía um grande número de gêneros, muitos dos quais foram posteriormente transferidos para outras tribos e subfamílias. Uma das compilações taxonômicas mais detalhadas do gênero *Coffea*, *Les Cafés du Globe?* foi elaborada por Auguste Chevalier em três volumes publicados nos anos de 1929, 1942 e 1947. Esta obra apresentou um conceito do gênero *Coffea* muito mais amplo que aquele atualmente aceito. Chevalier dividiu o gênero *Coffea* em quatro secções: Paracoffea, Argocoffea, Mascarocoffea e Eucoffea. Esta última agrupava as principais espécies produtoras de cafés e dividia-se em cinco subsecções: Erythrocoffea (que inclui, por exemplo, as espécies *C. arabica*, *C. canephora* e *C. congensis*), Nanocoffea (p.ex.: *C. humilis*, *C. brevipes*), Pachycoffea (p.ex.: *C. liberica*), Melanocoffea (p.ex.: *C. stenophylla*) e Mozambicoffea (p.ex.: *C. zanguebarie*, *C. racemosa*, *C. salvatrix*, *C. eugenioides*) (Berthaud; Charrier, 1985 apud Souza, F. F. et al.).

Palavras-chave: Café, Café conilon, Caracter morfológico, Coffea canephora, Coffea liberica, Espécie, Marcador molecular, Variabilidade genética.

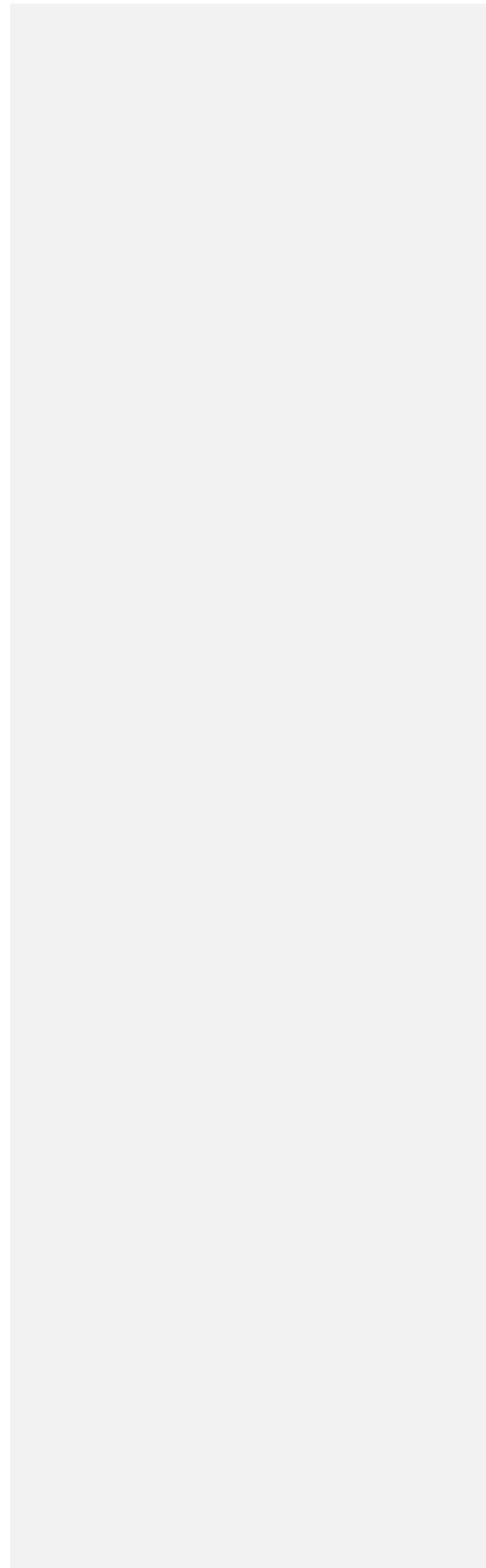
O processo que aqui nos interessa figura como uma rede de palavras preferenciais, priorizadas no documento, em leitura suave, para que sirvam de mediação entre o indexador (pesquisadores) e os usuários (ou utentes) no processo de ladrilhar corredores.

A interação com o sistema de recuperação da informação, que estamos direcionando na pesquisa, fundamenta a realização de site ou qualquer outro produto em formato digital e, principalmente, servirá para estimular a leitura documental a respeito do universo do café. A articulação das classes priorizadas – em metáforas aplicáveis – e a sistematização do conjunto de termos extraídos do documento, por classes, categorias em ordem alfabética etc. é o que apontamos na pesquisa.

O polo técnico está relacionado à utilização de termos de vocabulário controlado Barité (2014) explica o que o desenvolvimento deles são clássicos na relação organização e acesso informacional:

Los usuarios se han acostumbrado a buscar información sin mediación, a apropiarse rápida-mente de las herramientas innovadoras y a integrarlas a su forma particular de usar el len-guaje natural. Muchos de esos usuarios van creando sus propias bibliotecas digitales, tomando recursos disponibles en Internet que están asociados a sus intereses y preocupacio-nes, y generando sistemas domésticos o ad hoc de clasificación que, al parecer, funcionan. En la peor de las circunstancias siempre pueden sentirse confortados por los poderosos motores de búsqueda existentes, a través de los cuales cada palabra, cada signo, cada número puede constituirse en un punto de acceso. (Barité, 2014, p. 106)

A busca de imagens indexadas associadas na percepção dos termos não pretende ser universal. Há uma quantidade restrita de unidades constituintes (termos descritores) e delimitação do significado destas unidades (conceitos), orientada por normas como obedecer à técnica, arranjá-las numa ordem conhecida (alfabética) e estruturada segundo relações linguísticas, lógicas, ontológicas e associativas, porém, estruturadas nas significações das classes que se orientam para cada país e regiões.



**Quadro 14** – Estudo para exposição concebida enquanto um dos produtos finais deste empreendimento<sup>39</sup>

<b>1. Projeto de Exposição Leitura do Café</b>		
<b>Dimensão virtual</b>	Dimensões, criação de jogos virtuais, holografias e possibilidades de imagem	
<b>Onde?</b>	Em todos os locais dos documentos citados nos mapas de Ferrão - Brasil	
<b>Documentos do Café</b>	Brasil, Portugal, Itália e Turquia	
<b>1.1 Desenvolvimento</b>		
<b>Ciências Sociais Aplicadas</b>		
<b>O que vem?</b>	Sistematiza problemas para ciências sociais	(Moro, 2001 p.156)
<b>Origem e Expansão</b>	Frases denotativas	Teoria referencial do significado
<b>Teoria da Denotação</b>	Definidas	Indefinidas
	"Um homem"	"Uma frase denota apenas por sua forma" Ambiguidades da palavra Café
<b>Definida: Leitura e Dimensão Virtual do Café – Expressão de suporte linguístico e vocabulários controlados</b>	Descrição (Moro, p. 151) "Definição Descritiva" "Definição Essencial"	
	Na lógica medieval a descrição era considerada um discurso o qual se enviam os caracteres acidentais e próprios das coisas " Definito secundum quid" (definição sobre determinado aspecto). XIX: Descrição e definição foram contrastadas e contrapostas. Na modernidade o pressuposto ontológico se dá para além do discurso, está presente na transmutação das virtudes do discurso em significações dos objetos materiais, assim como está representado no documento, instrumento este que é do Capital.	
<b>Filósofos</b>	Explicação e descrição / Explicação causal e descrição - Conhecer e saber	
	Dithey - Relação entre descrição e Compreensão	
	Mach - (1838-1916)	
	Rickert - (1863- 1936) Neo Kantiano	
	Husserl - (1859-1938) Fenomenologia	
<b>1.2 Leitura do café além dos números</b>		
Para o projeto de exposição indicaremos sumariamente a complexidade de uma proposta de leitura da significação do Café, momeadamente um produto universal, e que teve o seu ponto de partida Etiópia na trajetória de mais de 500 anos de circulação de produção agrícola e no mercado mundial.		
<b>2014-2015</b>	Nesta fase da pesquisa identificamos quatro países como plataforma da ação dos homens, agentes seculares, trabalhadores dos campos proprietários e comerciantes, escravos e colonos confundidos nos mitos e registrados na história ocidental moderna. Turquia/Itália/Portugal/Brasil – O novo mundo introduz para os pesquisadores a vertente do dominado e do laboratório econômico. (econômico)	

<sup>39</sup> O professor Edgar Assis Carvalho, durante curso de mestrado na Pontifícia Universidade Católica, em São Paulo (1993), nas duas primeiras aulas apresentou o programa advertindo para o que há de mais instigante na "nova maneira" de pensar o que orienta o conhecimento na Antropologia. Em texto de resumo do curso, "Para uma concepção heterodoxa da cultura"; lembrou dos eixos em que pautou a teoria antropológica nos últimos anos. Passadas algumas décadas as aulas ainda ressoam na mente, pois tratava-se de uma qualidade de conhecimento que percorreu os princípios da ciência social com a crítica do evolucionismo, funcionalismo, estruturalismo e marxismo. Na construção desta heterodoxia, a associação com os sistemas da agricultura em evolução no fim da Idade Média, principalmente na Europa, promoveram fenômenos que compreendem até o momento três Revoluções Agrícolas: neolítico, antiga e medieval correspondentes, por sua vez, aos tipos de sistemas do cultivo temporário com a derrubada ou queimada, com alqueire adaptado por tração leve e o sistema de cultivo em alqueire com tração profunda de mão de obra ou ganhos de produção (Mazoyer; Roudart, 2010, p. 354.).

Teríamos o esboço dos domínios e subdomínios da temática<sup>40</sup>, entendendo por domínio a linguagem a respeito dos contextos do café e por subdomínios as relações que deles possam surgir. Por outro lado, no âmbito da experiência do ensino superior, as fases seguiriam da seguinte forma:

1. O leitor poderá experimentar o exercício das competências do profissional que levará o interessado (o aluno, por exemplo) a analisar conceitos e práticas reconhecendo os fenômenos da informação estruturada nas instituições: arquivos, museus, bibliotecas e centros de documentação, no Brasil e no exterior.
2. A especificidade semântica depende, portanto, da competência de gestão dos conteúdos, da relação da documentação e dos contextos culturais e históricos onde se insere.

## **5.2. O desenvolvimento sistêmico e tecnológico das operações criativas**

As habilidades conceituais na base epistemológica instrumentalizam o reconhecimento da história e da difusão da informação institucionalizada, ou seja, potencializam o pesquisador a manipular as informações arquivísticas nos arquivos, esclarecem as intenções da formação das coleções museológicas, dão uso aos livros das

---

<sup>40</sup> Gomes (2020) apresenta a obra de Maurizio Ferraris, do “novo realismo” e as incidências da filosofia da Informação, as tangentes do conhecimento na Ciência da Informação. “A concepção do capital documental, além de situar o capital numa nova ambiência, de cunho não econômico nem cultural, mas maquínico-tecnológico, outorga à sua nova figuração um lugar de privilégio, numa perspectiva teleológica. Como mutação de uma fase precedente, a forma dinheiro deveria dar lugar a uma nova forma, substantivação abstrata do que tem de essencial a mudança revolucionária, exibindo-se como expressão da histerese. Memória, documento, serão situados como traços evidenciários desse transvasamento ontológico.” Continua na reflexão de forma didática ao explicar o conceito Capital de Ferraris: “A concepção do capital documental, além de situar o capital numa nova ambiência, de cunho não econômico nem cultural, mas maquínico-tecnológico, outorga à sua nova figuração um lugar de privilégio, numa perspectiva teleológica” (Gomes, 2020, p.

bibliotecas e difundem na imprensa e em meios digitais novos conteúdos sobre um produto da história.

Os ciclos informacionais, em relação à produção documental moderna brasileira e transitiva nos ciclos da economia entre extração de riquezas naturais e produção da cana-de-açúcar da colônia, indiciam a novidade das primeiras plantações do café no império e dos altos índices na primeira república implicando no fato de que são baseadas nos diagnósticos e conceitos apropriados de áreas para reconhecimento do fenômeno da Informação material e imaterial.

Reforçando o papel social do pesquisador e ao mesmo tempo o papel de mediador, os conteúdos serão recriados ao aplicar tecnologias na sociedade de classes. Desta forma, as práticas, o desenvolvimento de linguagens eletrônicas e o estabelecimento da apropriação dos níveis sociais da recepção da informação devem constituir o reconhecimento de instituições (arquivo, museu e biblioteca); fortalecer os projetos e conhecer as políticas públicas ao incentivar os projetos de instituições privadas. Outro aspecto importante será difundir as noções dos conceitos da semiótica e saber reconhecer as diversas tipologias da documentação dos gêneros textuais, visuais e audiovisuais.

Não é possível processar os roteiros mais instigantes do conhecimento e da cultura sem considerar o véu da ilusão ou da cegueira social, segundo Saramago, o véu do mundo mercadológico eletrônico que anula qualquer crítica em relação aos usos destemidos da informação no capitalismo. O alijamento de grande contingente populacional e a exclusão digital como consequência e variante da complexidade mundial decorrem também da ausência da participação nos conteúdos da leitura e difusão do conhecimento.

Quanto à organização nas políticas de organização relativas e equivalentes às culturas das realidades socioeconômicas de cada país (Brasil, Portugal, Itália e Turquia),

mais uma vez será importante considerar também os contextos fundadores das diversas instituições do Arquivo do Estado de São Paulo, do Arquivo Geral da Torre do Tombo, Museu Nacional da Emigração na Itália e Arquivo Otomano para dar acesso à informação adequada, precisa e relevante ao usuário.

A metodologia quadripolar (Silva; Ribeiro, 2005), matriz fundadora da discussão do Sistema de Informação Integral na Ciência da Informação, depende de maneiras interdisciplinares de pensar e agir frente aos documentos, prioritariamente, aos arquivos. Avaliação, respeito aos conjuntos direcionados para entender que a organicidade e os tratamentos são necessários, previnem a ação redutora da pesquisa quando se apresenta isenta do viés da crítica social, como completam Silva e Pinto (2005):

Torna-se, por isso, necessário, aqui e de forma muito abreviada, mas clara, apresentar o campo científico onde situamos a nossa abordagem e que é herdeiro de uma multissecular tradição encerrada, por razões históricas tão bem conhecidas, na esfera da Cultura, da história do Livro ou da Memória Arquivística essencial à (re)escrita da História em geral. Referimo-nos, claro está, à sincrética prática biblioteconômica e arquivística que surge na sequência da invenção e difusão da escrita e das sociedades políticas das civilizações pré-clássicas. Uma tradição longa e rica que sofreu nos séculos. XIX-XX da nossa Era uma metamorfose crítica que está a alterar-se radicalmente, hoje, no contexto complexo e vertiginoso da Sociedade da Informação ou da Sociedade em Rede, denominada pelo impacto transversal das TIC. Essa metamorfose consistiu, por um lado, na criação, após a Revolução Francesa (1789), de instituições estatais de recolha e disponibilização do patrimônio (nacional e estrangeiro) e documental (produzido ao longo dos tempos por entidades públicas e privadas), e, por outro, a progressiva separação, que se verificou desde finais dos oitocentos, entre os

arquivistas dos Arquivos Públicos Históricos e os arquivistas envolvidos na organização, ordenação e disponibilização dos documentos administrativos e técnicos ligados à gestão corrente das mais diversas Instituições (nomeadamente governamentais), designados no contexto do 2º Congresso Internacional de Gestão da Tecnologia e Sistema de Informação, 6ºAnglo-americano de records managers - (gestores de documentos) e entre os bibliotecários eruditos e documentalistas (seguidores da orientação inovadora Paul Otlet, nascido em 1868 e falecido em 1944, advogado belga, militante pacifista e fundador, justamente com Henri Lafontaine, do Instituto Internacional de Bibliografia).

Este trecho de artigo atesta que a natureza estática do documento persistiu por toda a história da origem do homem até a impressão de Gutenberg, do ponto das análises do documento tradicional, considerando o suporte papel, partindo da leitura, realizando comparações a partir do documento original analógico impingem-nos a submeter tais informações aos valores atribuídos para o conceito *da infografia*, que germina na proposta social da rede e dá suporte às várias disciplinas de áreas diversas.

[...] as categorias de Peirce são instantes da própria produção e leitura dos infográficos, como o são de quaisquer outros objetos. Os infográficos estão prenhes de ícones e índices, que a interpretação acaba por reduzir ao discurso verbal dos símbolos. A infografia facilita a percepção/cognição de imagens, diagramas e metáforas, tanto de modo icônico como indicial. Consequentemente, a interpretação das informações dadas, já que os infográficos são traduções simplificadas de modo anagramático e visual de informações mais complexas, transformam-se em discursos lógicos. (Módolo, 2008, p. 118 citado por Manini; Matos, 2016, p. 17).

Assim, a transdisciplinaridade faz-se pelas estruturas operativas, regulatórias e sistemas probabilísticos relativos à capacidade criativa da arquitetura da web.

### 5.3. A leitura em direção à infografia na dimensão virtual dos documentos do café

A *leitura do café* consiste em reconhecer paradigmas diversos, construídos nas linguagens controladas no que denominamos, na CI, classificação codificada da matéria da organização da informação. A leitura documental sempre antecede os procedimentos do cumprimento da tarefa da organização, porém, este estudo não trata da elaboração de controle de vocabulário e muito menos de afastar o leitor com demoradas tabelas técnicas e narrativas metodológicas dos sistemas de classificação. Estas, fundadas na longa história das classificações dos sistemas de informação, são essenciais quando não encapsuladas pelas teorias dogmáticas, embora cientificamente importantes, das codificações inacessíveis.

As tradicionais estruturas de organização do conhecimento como: lista de termos, classificações, mapas conceituais, taxonomias, ontologias, métodos associados à arquivística e à museologia são balizados pelos procedimentos técnicos de acordo com as normas nacionais e internacionais para comunicar os objetivos a seguir e serem extremamente breves na elucidação de que consideramos a organização *a priori* da leitura de um elemento (café) que amalgama as linguagens em significados culturais especiais. Preocupa-nos sair da ameaça da paralisia da informação retida em repositórios que, apesar de especiais nas bases do acesso democrático, são muitas vezes seletivos e espelhados na hierarquia da sociedade de classes.

Acredita-se na concepção da linguagem natural e na adoção das metáforas criativas para funcionar como estímulo da leitura quando edificadas para identificar possibilidades de posturas dinâmicas, na fruição dos dados dos sistemas reprodutores da interpretação. Assim, compreender-se-á com mais suavidade a importância do Café, pois além da esquina da história factual ou cronológica, pode-se nota-la na força helicoidal,

em vórtex, para compreensão da história cultural de diversas comunidades a partir da saga do grão-produto na cultura, na religião e em suas influências econômicas e políticas como as decorridas no cenário brasileiro.

A interessante posição de Ribeiro (2000) quanto à avaliação do fluxo da informação nas áreas que envolvem a pesquisa nos arquivos, na biblioteca e no museu, nominalmente na CI, aprofunda os laços entre a leitura e os contextos orgânicos documentais. A dinâmica de investigação para “mão na massa” dos arquivos “implica, antes de mais nada, conhecer o seu contexto de produção, o que é algo anterior ao seu registro material num suporte físico” (Ribeiro, F. 2000).

O presente trabalho chama atenção para o “antes”, para as significações memoriais do café e a morfologia do trabalho adotada nos fundos arquivísticos ou coleções museológicas de cada instituição. Assim, o exemplo de Ribeiro (2000) para ilustrar a explicação da mudança de procedimentos adotados pela perspectiva do descarte dos documentos de arquivo, procede da seguinte forma: “do valor primário (para a entidade produtora) e um valor secundário (para investigação)” dos documentos, arrefecendo as posições mais radicais como de Ole Kolsrud e Hilary Jenkinson (citado por Ribeiro F., 2005, p. 8): “a perspectiva de Schellenberg, apesar de altamente subjetiva, uma vez que não permite determinar, de forma científica e rigorosa, os critérios que norteiam a atribuição do valor secundário, teve uma importância inegável e marca, desde meados do século passado, o trabalho de avaliação da informação (Ribeiro, 2005, p. 9)”.

Pois bem, a informação vista no conjunto pode ser redimensionada no valor contextual da cultura, pois se trata de um

(...) conjunto estruturado de representações mentais codificadas (símbolos significantes), socialmente contextualizadas e passíveis de serem registradas num suporte material (papel, filme, banda magnética, disco compacto etc.) e, portanto,

comunicadas de forma assíncrona e multi-direccionada, temos, desde logo, que passar a valorizar determinados aspectos relativos à própria informação que até agora, numa lógica documental, têm sido desprezados ou mesmo ignorados (Ribeiro, 2005, p. 10).

Dos valores dos contextos orgânicos dos documentos estão as bases da ação dos indivíduos, da criação das expressões, ou as metáforas, repletas de ambiguidades, alegóricas e passíveis de auxiliar as operações lógicas processadas nos acervos considerando a epistemologia da área das Ciências Sociais. O estudo, quando baseado nos documentos (analógicos ou digitais) secundários, permite ações em vários níveis de mediação entre educação, didáticas, arte, produtos expositivos, narrações, reproduções de conteúdos, sites, performances entre outros, que serão apresentados em projetos de três produtos que consideram o olhar sobre os diferentes contextos e os desafios que a exposição cultural sobre cada país representa:

- i. Um *website* ou *homepage* a ser elaborado futuramente e cuja arquitetura de *web* é dada a conhecer ao leitor no volume 2 deste título;
- ii. O presente livro sistematizando a abordagem metodológica e a experiência empírica da pesquisa realizada sobre o tema e
- iii. Uma exposição que deve sintetizar todo o conhecimento produzido de maneira a garantir o acesso democrático ao saber científico.

Os indícios e lendas na origem histórica do Café atestam que o produto difundido é o *Coffea arábica L.*, de origem ligada à história da agricultura no planeta e remontando à região da Abissínia, de onde avançou pelo sudoeste da Arábia. As sementes do café foram levadas possivelmente por peregrinos a Meca, introduzido pelos árabes na Índia, pelos holandeses nas antigas Índias Orientais Neerlandesas (Ferrão, 1999). Holandeses e franceses cultivaram-na em seus jardins que se expandiram para a América.

Aunque el café, tan pronto como llegó a Estambul, se encontró con una notable oposición, con el tiempo consiguió fundar su reino en esta ciudad y atrajo a sus filas la mayoría de sus oponentes. Su olor embriagador, su sabor exquisito, así como sus causalidades estimulantes y relajantes, no son los únicos factores que incurren en su éxito. Aparte de estos rasgos, el café posee un asombroso encanto para congregarse a la gente. En efecto, lo que más preocupaba a las autoridades otomanas de aquella época era que la gente se reuniese y hablase de la política en los lugares públicos – como los establecimientos de café – donde se consumía el café. Aquellos que dieron decretos –fetwa– con el fin de prohibir el consumo de café, seguramente estuviesen acostumbrados a tomar cafés amargos en grandes tazas. Sin embargo las prohibiciones no tuvieron efecto y el café llegó a introducirse también en el Palacio ocupando un lugar primordial en el protocolo (Ayvazoğlu, 2015, p.7).

Comuns, informações oriundas das fontes primárias e apropriadas para gerar fontes secundárias são também os registros documentais recuperados por autores que indicam os destinos migratórios dos peregrinos rumo a Meca, quando se utilizavam da bebida como estimulante, com propagação no mundo islâmico no século XVI, segundo o opúsculo de Abdülkadir al-Cezireî intitulado *Umdetü'l-safve fi hilli'il-kave*, as primeiras notícias sobre a grande popularidade do café chegaram ao Cairo desde o Iêmen, em princípios do século XVI (Ayvazoğlu, 2015, p. 11).

O autor constrói a história a partir da narrativa sobre os barcos que chegam ao porto de Tophane, em Istanbul, que no ano de 1543 não compreenderia apenas uma embarcação mas muitas procedentes do Iêmen, como descreve Katip Çelebi, na obra indicada por Ayvazoğlu, intitulada *Mîzânü'l-Hak*.

El preconocimiento de Ebussuud Efendi del café, y lo más importante, su importación desde Yemen por vía marítima, demuestra que esta bebida había sido bien introducida en la vida cotidiana de Estambul. Sin duda alguna los peregrinos en su larga peregrinación hacia la Meca se encontraban con el café y, muy probablemente, a su vuelta traían alguna cantidad del mismo. Una vez que Egipto y Yemen formaron parte del dominio otomano en 1517, el llegó a ser automáticamente un producto consumido dentro de las fronteras del Imperio otomano, por lo que su llegada a Estambul era inevitable (Ayvazoğlu, 2015, p.10).

Nas narrativas das lendas a respeito do café apareceram pastores, cabras excitadas, apoiadas em pernas traseiras comendo folhas do arbusto quando ainda não fora classificado pelo botânico Carl Linnaeus ou simplesmente Lineu (1707-1778). São imagens de um mundo do passado imaginado, virtual, da iconografia de finos desenhos, ou pinturas e aquarelas de tendas, poeira do deserto e cajados de pastores. Contrariamente às imagens lendárias há relatos de resistência às proibições por parte de governos por duvidosas avaliações sobre a bebida, por “passarem de mão-a-mão”, o que foi considerado como bode expiatório das questões políticas de controle dos governos, de acordo com proposições científicas baseadas nos documentos históricos.

#### **5.4. Documento do Arquivo Otomano. Istambul. Turquia.**

Documento A. DVN. MKL, 88/11/İKTS, 124.

Arquivo Otomano. Istambul. Turquia.

Kahve tarımı yapmak için Brezilya'nın São Paulo şehrine gidecek olanlara özel şartlar ve işler,

Göç Brezilya kanunu tarafından himaye edilecektir. Her çiftçinin sağlığı yerinde olmalıdır. Çiftçinin tekrar geri dönmek tehlikesiyle karşı kalmaması için buraya

gelen doktorlar tarafından muayene olacaklardır. Göçmenler Patras Limanı'na gidecekler ve oradan Santos Limanı'na çıkarılacak orandan trenle ikiminin hoşluğu ve havasının güzrlüğü herkes tarafından bilinen Sao Paulo şehrine benzer getirilecekleri adı geçen iklimin Yunanistan'ın iklimine benzer olduğu ilgili olanların arařtırmaları sonunda meydana çıkacaktır. Göçmenler Brezilya'nın Sao Paulo şehrine varır varmaz göçmenlere ayrılmıř büyük oteline yeleřtirilecekler. Burada kendilerine sekiz (8) gün ücretsiz olarak yemek ve yatak verilecektir. Göçmenler sekiz (8) gün geçikten sonro geniř araziye sahip alanlar tarafından alınıp bunların çiftçilere ayrılmıř hanelerine ücretsiz olarak yerleřeceklerdir. Bunlara tarım memurların tarafından iřin çeřitleri gösterilek ve buna mülk (ler)in sahibi mecbur olacaktır. Karı, koca ve on iki (12) yařından büyük olmak üzere üç (3) çocuktan oluřan bir ailenin on bin (10.000) fidan elinde bulundurmaya hakkı olacaktır. Bundam senelik on iki bin (12.000) Frank alacaktır. İř erkek ya da kadın on iki (12) yařından on sekiz (18) yařına kadar olan iřçiler tarafından yapılabilir. Beř (5) sene geçince aileler kendi kendilerini edilecek miktarda gelir ve semaye sahibi olacaklardır. Göçmenler her eřyasnını bereberinde götürmek hakkına sahip olacaklardır. Göçmenler ařağıda aranan řartlara uygun olmaralı gerekmektedir.

**İlk olarak:** Çiftçi olduklarına dair belediyeden diploma,

**İkinci olarak:** Namuslu olup anarřist veya sosyalist komitelerine bağılı olmadıkları,

**Üçüncü olarak:** Güney Amerika'ya hiçbir zaman göç etmedikleri,

Göçmen'e ve ailesine bařıyla ařı iřlemi yapıldığına dair doktorların raporuna iliřkin üstteki řartlar Sao Paulo Hükümeti' nin Tarım Bakanlığı' nın resmi ilanidir.

Patras' ta Genel Acente

N. Ğ. Yokiyadis

Adi geçenden veyta Malta' daki Z. Çouru' dan daha ayrintili bilgi alınabilir.

#### **Tradução para a língua portuguesa<sup>41</sup>**

O documento selecionado no Arquivo Otomano, uma vez compreendido na tradução para o português, descreve as condições especiais e postos de trabalho para aqueles que irão para trabalhar na cafeicultura no Brasil, na cidade de São Paulo. A migração será patrocinada pela legislação brasileira. Cada agricultor deve estar em boas condições de saúde para que o agricultor não corra o perigo de ter que retornar. O emigrante será novamente examinado pelos doutores no Brasil. Os emigrantes irão embarcar no Porto de Petras e de lá serão desembarcados no Porto de Santos. Após o desembarque no Porto de Santos os emigrantes farão uma viagem de trem para a cidade de São Paulo, que é conhecida pelo clima agradável e pelo seu bom tempo. Pesquisadores que investigarem a região perceberão no final de suas pesquisas que o clima de São Paulo é similar ao clima da Grécia. Assim que os emigrantes chegarem à cidade de São Paulo, eles serão imediatamente acomodados em um grande hotel destinado à acomodação gratuita. No Brasil, eles receberão durante oito (8) dias alimentação e acomodação gratuitas. Depois de decorridos oito (8) dias, os emigrantes serão recebidos e acomodados em habitações que foram separadas para eles pelos grandes proprietários de latifúndio. Serão ensinadas aos emigrantes as variedades do trabalho pelos funcionários agrícolas. É obrigatório que os proprietários de latifúndio forneçam esta instrução aos migrantes. Uma família de migrantes constituída por esposa, marido e três (3) crianças maiores de doze (12) anos terá o direito de receber dez mil (10.000) mudas para cultivar. Do cultivo anualmente receberá doze mil (12.000) Francos. O trabalho poderá ser feito por trabalhadores

---

<sup>41</sup> Tradutor: José Rafael Medeiros Coelho. Universidade de Istanbul (2015).

homens ou mulheres que estejam na faixa etária de doze (12) a dezoito (18) anos de idade. Depois de cinco (5) anos as famílias terão renda e capital em quantia suficiente para sua própria subsistência. Os emigrantes terão por direito levar consigo todos seus pertences. É necessário que os migrantes estejam em conformidade com as condições abaixo.

**Em primeiro lugar:** Um certificado da municipalidade comprovando que são agricultores,

**Em segundo lugar:** Que sejam honestos e que não estejam afiliados a comitês anarquistas ou socialistas,

**Em terceiro lugar:** Nunca haverem antes emigrado à América do Sul.

Um atestado médico comprovando que o emigrante e sua família foram vacinados. As condições acima em relação ao atestado médico de vacinação foram estabelecidas e oficialmente anunciadas pela Secretaria da Agricultura do Governo de São Paulo.

Agência Geral em Patras.

Mais informações podem ser obtidas com N. Yorkiyadis ou com Z. Çoru em Malta.

O texto a seguir trata da pesquisa de termos extraídos dos documentos da língua turca:

**Primeiro produto de termos das categorias: “Categoria Agentes”<sup>42</sup>**

Após três semanas de trabalho metodológico e discussões entre nós (os estagiários) e a coordenadora do projeto, Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Silvia Maria do Espírito Santo, como

---

<sup>42</sup> Os pesquisadores realizaram a pesquisa para elucidar as diretrizes de tradução do documento e ajustes dos termos equivalentes na explicação da teoria social sobre o café com excelente resultado. Fizeram parte do processo: **José Rafael Medeiros Coelho** (Mestrando em Estudos Culturais, Instituto de Ciências Sociais da Universidade do Bósforo, Istambul), **Uğur Güney** (Mestrando em História, Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Bahçeşehir, Istambul) e **Raquel Jacob** (Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, DEDIC, Ribeirão Preto, Brasil).

nosso primeiro produto de termos para as categorias escolhemos a “*Categoria Agentes*”. Estas três primeiras semanas foram de suma importância para a conceituação e o entendimento da metodologia adotada pela coordenadora. Foi de extrema importância também que definíssemos melhor as categorias junto à coordenadora, pois somente após o entendimento concreto das categorias começamos a produção.

Vale salientar que durante todo esse primeiro período foi realizado simultaneamente o trabalho de equipe multilingual entre nós estagiários. Foram necessárias traduções da metodologia e das categorias usada pela coordenadora do idioma Português brasileiro para o Turco, para que todos os estagiários entendessem de forma clara o processo de realização/produção do projeto.

Segue abaixo nosso primeiro termo junto ao seu conceito e referências bibliográficas. Para a elaboração do termo foi necessária uma pesquisa de campo, em que se realizou pesquisa na *Biblioteca de Bayezid*, em Istambul, destinada à coleta/seleção de documentos relacionados à produção/cultivo/circulação e simbolização cultural do café. Nesta pesquisa de campo selecionamos um documento histórico chamado *Mecmu'a-yl Fetâvâ*, escrito no século XVI pelo Sheikh ul-Islam Muhammed Ebussuud Efendi. Escrito no formato de lei islâmica (decreto), proibia o consumo do café no Império Otomano.

Como *primeiro passo* para efetivar a leitura detalhada/corrida e a garantia literária da tradução por nós realizada, traduziu-se para o turco moderno o texto originalmente escrito em língua Otomana. Nosso *segundo passo* realizou-se na leitura corrida durante a qual buscamos entender o contexto histórico, social, cultural e político do documento. Somente após toda uma leitura detalhada do documento é que passamos ao *terceiro passo*, que compreendeu o

desenvolvimento de um “*termo*”/substantivo que classificasse o documento e a informação ali contida sobre o café. Chegamos, então, à decisão de que o melhor termo que classificaria o documento seria o próprio nome do Sheikh Ul Íslam *Ebussuud Efendi*, nome que representa não somente um período memorial na história do café, durante o Império otomano (restrições que culminaram na proibição do café), mas também um dos mais importantes “agentes” históricos simbolizantes da história do café. Vale salientar que todo o processo da seleção e produção do termo foi primeiramente efetuado em Turco, já que a língua do documento é o Turco/Otomano. Somente após toda a produção em turco iniciou-se o *quarto passo*, que abarca o processo de produção na língua portuguesa.

Foi necessário, ainda, que elaborássemos um conceito para o termo, deixando-o claro com relação ao local/referência bibliográfica de onde encontramos/seleccionamos o documento. Segue, então, nosso primeiro produto, a ser adotado enquanto modelo/formato para toda a produção terminológica.

A definição abaixo da “Categoria Agentes” foi elaborada pela coordenadora do projeto e é de suma importância na conceituação e produção do primeiro termo para a categoria “Agentes”.

**“Categoria Agente” (seres humanos, trabalhadores, patrões, negociantes, mulheres, homens, crianças, adultos)**

Os elementos recorrentes nas categorias são o “*Agente: é o indivíduo da ação, é o sujeito da ação, aquele que produz no espaço do campo, no mar, no espaço rural, urbano ou marítimo, que faz circular, aquele vende, idealiza, registra, representa, reproduz, representa com suas ferramentas, representa com sua arte, encerra os processos...*”.

**Quadro 15 – Infografia - Termo Agente** em língua portuguesa e em língua turca

TERMO 1	Português	Türk
		<i>Muhammed Ebussuud Efendi</i>
Agentes	Muhammed Ebussuud Efendi (1491-1574): Foi o Sheikh ul-Islam que no século IV, durante o período do reinado do Padixá Sultão Solimão, o Legislador, proclamou uma fatwa segundo a lei islâmica proibindo o café.	Muhammed Ebusu'üd Efendi (1491- 1574): 16. Yüzyıl'da pâdişâh Kanunî Sultan Süleyman döneminde kahvenin İslam hukukuna göre caiz olmadığına dair fetva veren şeyhül-islam'dır.
Referências bibliográficas (Kaynak)	Şeyhülislam Ebusuud Efendi, Mecmu'a-yı Fetâvâ, Biblioteca Pública de Bayezid, n.º 2757, p. 211b, 278b.	Şeyhülislam Ebusuud Efendi, Mecmu'a-yı Fetâvâ, Bayezid Umumi Kütüphanesi, no. 2757, s. 211b, 278b.

A leitura no Brasil deve-se à compreensão do funcionamento do sistema colonial e à participação ativa dos jesuítas como missionários, educadores e interventores. Peremptoriamente o período colonial longo, de 1500 a 1822, pode ser observado por três pontos: no mundo da ruralidade extrema, até o século XX; fundado nas estruturas da escravatura e no analfabetismo.

### 5.5. Infográfico: as dimensões virtuais do café

O primeiro ponto da linha que desenha o espaço que deu singularidade à história do café parte da Etiópia – África, Mar Vermelho, Golfo de Aden em direção ao Iêmen, na península da Arábia. O segundo ponto da linha que dissemina o café, por via marítima, indica o Egito em direção à Turquia e na franca expansão para a Europa, no século XV. Outro ponto parte de Portugal, o outro ponto será imaginado como o lugar de chegada na trajetória da volta do Brasil à Portugal.

As linhas marítimas são recuperadas a partir do entendimento sobre a trajetória da mercadoria do café ao longo das navegações, o que é possível na investigação nos dias atuais devido ao uso documental na restituição do cotidiano das tripulações, das embarcações, dos mecanismos controle de mercadorias, fiscalização da saúde dos tripulantes, descrição das mercadorias (especiarias e riquezas) durante o intenso tráfego

comercial e marítimo. Esta é a única forma possível da chegada do produto ao Brasil durante quatrocentos anos, período do declínio do Império Colonial Português, quando o mundo consumia bebidas ainda exóticas além do mitológico vinho, do aquecimento proveniente do rum e da água ardente no século XVII: “Ao mesmo tempo, ou quase, que o álcool, a Europa, no centro das inovações mundiais, descobria três novas bebidas, excitantes e tônicas: o café, o chá, o chocolate. Todas três trazidas de além-mar: o café é árabe (depois de ter sido etíope), o chá chinês, o chocolate mexicano (BRAUDEL, 1996a, p. 221)”.

Assim, os métodos da criação literária não são os mesmos dos métodos e das técnicas das descrições que, mesmo fugidias, não admitem os relatos emocionados da realidade vivida, na maioria das vezes totalmente desprezados pelo cientificismo. A leitura documentária, ou leitura técnica, reserva uma margem de erros acrescida pelo desconhecimento da língua, do tempo pretérito, dos preconceitos culturais de origem e da recriação no mundo contemporâneo.

Realizada a seleção documental dos acervos das instituições selecionadas, a leitura contempla os documentos históricos, a identificação das partes dos textos e a capacidade de quem os lê para sensibilizar-se com as atribuições dos pesquisadores ou de quem analisa os documentos para inúmeros fins.

Os arredores dos territórios, sejam eles concebidos nos corredores contextuais do café, são compostos de frases significativas dentro das categorias criadas, ajustam-se como ladrilhos dos corredores das significações históricas, culturais e religiosas. Ponte, túnel, aeroportos, ruas, fronteiras, entrepostos. Como associar os termos substantivos aos contextos culturais num oceano de informações no qual ainda se apresenta o problema da

interpretação? Pela via semiótica tais elementos são relacionados na complexidade da semiose, na leitura do documento selecionado<sup>43</sup>.

O termo extraído e ajustado é confiável para aplicação científica e literária, é preciso e serve para compor as classes dos corredores do café? As perguntas feitas durante a seleção, leitura e extração dos termos dos documentos seguem a lógica espacial do que há nos arredores dos territórios.

Apresentamos o processo de leitura documentária dependente da superestrutura textual da tipologia documental específica. A atenção do leitor, do pesquisador, deve considerar as informações mais relevantes do documento, que podem servir para introdução ou conclusão do texto-referente<sup>44</sup>.

As condicionantes de ordem metodológica, isto é, se a organização da informação não está pautada em critérios científicos e associada às variantes da capacidade interpretativa do leitor, poderão ocorrer ou derivar numa recuperação da informação demasiadamente eletrônica, repleta de possibilidades criativas, descomprometida com a qualidade científica e poética. Pode também ocorrer algo aos moldes do acaso, partindo da tentativa que decorre na conseqüente perda de confiabilidade da informação recuperada.

Assim, a leitura totalizada – desde o conteúdo (corpus) do documento à extração de termos – favorece a composição de uma listagem simples de termos, baseada em experiências já realizadas com anotações dos termos em ordem alfabética, substantivos simples, compostos e próprios (nominais). Para um processo de indexação de documentos

---

<sup>43</sup> A partir da leitura específica o objetivo da pesquisa é apresentar indicativos das áreas científicas e culturais baseadas nas Ciências Sociais Aplicadas e abrangentes na interpretação do documento. A organização das terminologias para extrair o termo adequadamente é pautada pelas áreas como a ciência da informação, museologia e arquivologia. Mas o que é e como se faz isso?

<sup>44</sup> Acreditamos que nas instituições selecionadas estão as informações relevantes para a futura indexação, conforme analisamos no artigo intitulado: “Leitura e vocabulário controlado do documento do Café” (Espírito Santo, 2015a).

são requeridas etapas fundamentais na metodologia, procedimentos técnicos e capacidade de investigação e síntese de quem executa a ação na leitura.

O processo técnico sistematizado que surge de normas linguísticas, da coerência e coesão, impulsiona a criar e determinar categorias sociológicas e geográficas. Milliet (1941) caracterizou a história do Café no Estado de São Paulo definindo zonas principais (Norte, Central, Mogiana, Paulista, Araraquarense, Noroeste, Alto Sorocabana) de acordo com a linha da instalação das redes ferroviárias. A geográfica paisagem é sustentada pela econômica expansão cafeeira.

As Categorias formadas organizam os termos:

1. **Espaço:** terrestre, marítimo e espacial (espaço geográfico);
  - a. *Espaço Urbano:* as cidades, vias, praças, lojas, barracas, mercados, ruas;
  - b. *Transportes* por força animal (camelos, equinos, bovinos, caprinos), humana, eólica, carvão, mecânica.
  - c. *Espaço arquitetônico:* corredores das construções, moradias das casas rurais e urbanas, edificações; estradas de ferro, vias, rodovias;
2. **Espaço Rural das fazendas:** glebas, terreiros, campos; Espaço marítimo ou Espaço intermediário, por constituir destinos territoriais de mercadorias, escravos ou emigrantes.

Os territórios projetados são imaginados, desenhados, medidos e relacionados à terra e à política. A noção de região refere-se às características culturais das regionalidades. Se a *região administrativa* é definida no tempo por razões socioeconômicas e políticas, a *região geográfica* é definida no tempo por razões naturais, acidentais da natureza, antrópicas, culturais por determinações ou consequências socioeconômicas e políticas. A *região cultural*, por sua vez, define-se no tempo por etnias mistas, híbridas, por razões de dominação socioeconômica, bélica, política e naturais,

além de movimentos migratórios. Nessa paisagem humanizada os agentes são seres humanos trabalhadores, na hierarquia social patrões, negociantes, mulheres, homens, crianças e adultos.

Nas categorias, é o *Agente* o elemento recorrente, o indivíduo e sujeito da ação, aquele que produz e transforma o espaço do campo, o mar, o espaço rural, urbano ou marítimo. O Agente faz circular, é aquele que vende, idealiza, registra, representa, reproduz, representa com suas ferramentas, com sua arte, que encerra os processos das sortes das sobrevivências.

Compreende-se um signo a partir do outro signo, no jogo dos territórios, regiões e arredores onde se apresentam contraditórios e complementares. Na relação da consciência do mundo, da sociedade, os signos e significados não são universais<sup>45</sup>. A língua não é universal, as caligrafias nos continentes são diversas e carregam significados simbólicos particulares. Na visão reducionista da economia do mundo capitalista corre-se o risco de limitar a compreensão e restringir os conteúdos do capital e do mercado ou até mesmo dos fatores da religião, incidentes no consumo, ao exemplo do café, em ilustração folclórica, e que não lhes caracteriza historicamente do ponto de vista determinante para a expansão. Assim, podemos levantar a hipótese de que as proibições da bebida a consagraram com o atributo da raridade. Além disso, Francisco de Melo Palheta, Sargento-Mor (século XVIII) tido como responsável pela introdução do café no

---

<sup>45</sup> De acordo com C. S. Peirce, está na natureza do signo criar, como seu interpretante, “um signo talvez mais desenvolvido” e dessa forma “passar mais informação” quanto ao objeto que ele representa (CP 2.228, 2.231; 1897, 1910). Essas premissas semióticas têm implicações educacionais. Não apenas a comunicação é fundamentalmente educativa, mas os signos através dos quais nos comunicamos também são. Eles não são apenas os instrumentos dos que os usam em comunicação, mas agentes semióticos por si mesmos. Ao criarem interpretações, os signos são professores de seus intérpretes, que aprendem a partir deles através da observação. Ademais, os signos são professores de si próprios uma vez que eles têm um potencial de auto correção que Peirce interpreta como sua “força vital de auto controle” (CP 5.582, 1898). Dessa forma, os signos são aprendizes de auto ensino, por assim dizer “ (Nöth, 2013, p.74-97)

Brasil, teria sido um agente social do componente de retração e expansão econômica social?

Pelas vertentes econômica, política e religiosa entrelaçadas e substanciadas pelas ideologias e religiosidades (como Sufi na Turquia), explicamos fatores de expansão da *coffea* até chegar ao Brasil, por vias ainda duvidosas do ponto de vista probatório.

A temática considera a transição institucional dos documentos arquivísticos<sup>46</sup> (materiais e imateriais) em políticas para acesso informacional e função social. Embora o principal aspecto da pesquisa seja a publicação do conteúdo em livro, que será vinculado à produção do projeto com os argumentos dos principais “corredores do café” recorrentes da produção do café, volta-se o olhar aos efeitos profundos na cultura nos países (Turquia, Itália, Portugal, Brasil) para desenhar infografias necessárias para espaços intermediários, territoriais e regionais priorizando as regionalidades das singulares culturas.

A dimensão virtual sintetiza na visualidade a enormidade da informação temática e pede a inserção da arquitetura da informação, de modo que devo concordar com o professor Armando Malheiro da Silva que em discurso de abertura do Enancib (2016, Brasil), disse a respeito da complexidade da CI e seus enfrentamentos:

(...) Ciência da Informação é uma ciência social que investiga os problemas, temas e casos relacionados com o fenômeno infocomunicacional perceptível e cognoscível através da confirmação ou não das propriedades inerentes à gênese do fluxo, organização e comportamento informacionais (origem, coleta, organização, armazenamento, recuperação, interpretação, transmissão, transformação e utilização da informação) (Silva, 2006, p. 141 citado por Silva, 2016, p.27).

---

<sup>46</sup> As atividades e resultados em desenvolvimento nas instituições arquivística e museológicas, na função da comunicação com agentes preparados, procura espelhar as principais preocupações na atualidade da Ciência da Informação – o fenômeno informacional –, aplicada em Arquivos, Museus, Bibliotecas, Centro de Documentação e análises na academia.

A ideia promissora cravejada pela crítica social será organizar a visualidade dos corredores, ou a infografia, da leitura virtual do café experimental aos moldes do que se denomina “metaleitura”, “que consiste no exercício polifuncional ou simultâneo de ler texto, ouvir e ver imagens legendadas ou ‘faladas’, produzir e enviar/receber mensagens (...)” (Silva, 2016, p. 27).

## **Capítulo 6**

### **Para ladrilhar as dimensões virtuais do Café**

*Quando se copia a natureza, há erros cometidos de boa-fé: quando com frequência se avista um lugar, não se lhe adivinha inicialmente as verdadeiras dimensões; tal estrada parecia inicialmente uma vereda, o valezinho torna-se um vale, a montanha que olho julgava fácil de ser transposta pediu todo um dia de caminhada.*

*Balzac. Paris. 15 de janeiro de 1987. (Balzac, 2017, p. 727)*

Nas considerações finais voltam-se à memória os primeiros rascunhos, as anotações de palestras, os primeiros desenhos da pesquisa que se fundamentaram no regionalismo, na localidade do ponto de vista do que foi experimentado na região antiga produtora de Café no Brasil, na Região de Ribeirão Preto. Alí se fizeram as marcas, as memórias, as dores dos trabalhadores escravos e imigrantes, suas rebeliões perdidas no tempo e no apagamento da memória social. No segundo momento, no pós-doutoramento, procuramos cercar a temática na visão do ponto de vista da mundialização do Café.

O Método Quadripolar, visualizado em movimentos cíclicos (ou vórtex) dos quatro ângulos da reflexão, a partir da observação do contexto social do Café, fez-se do polo epistemológico, o ponto de observação inicial, “ao longo de um ou de vários troncos hipotético-dedutivos” (Serres, 1968, apud Bryne; Herman; Schoutheete, 1977, p. 89) e assim, pode-se continuar a citar os autores.

Ora, o progresso científico, como bem observou Bachelard, efetua-se também por salto, por rupturas sucessivas que inauguram uma reestruturação geral da própria teoria, e isto não pode ser explicado pelo método hipotético-dedutivo sozinho. (Bryne; Herman; Schoutheete, 1977, p. 89)

Todavia não poderíamos conceber os dados da leitura documental como um “método experimental” ou suficientes e enrigedidos pela ausência do paradigma da contextualização ou da racionalidade da estocagem dos dados estatísticos. Ao contrário, a busca desde o início do estudo, foi constituindo-a como uma coleta de informações da origem do fenômeno social, ampliada pela trajetória do Café das suas origens expansionistas dos capitais, da cultura e dos significados.

A partir da hipótese das inserções permitidas pela dimensão tecnológica, a análise do fenômeno da informação esteve em torno da afirmação de que a cultura material, dos objetos, quando documentos são suas matrizes e as pesquisas são a contensões insuficientes delas mesmas. A “represa” das informações, em anotações, pendrives, dvds, na coleta empírica e, identificada com o polo prático, tornam-se o objeto da prática da pesquisa ou há ainda rustico e apartado do pensamento complexo.

“As separações brutais e dogmáticas entre o científico e o ideológico, o dialético e o mecanicista não serão consideradas; trata-se antes de situar a dialética numa metodologia geral, indicando as principais extrapolações que ela pode suscitar”.

(Bryne; Herman; Schoutheete, 1977, p. 65).

Durante dois anos da investigação da informação do Café, tempo em que a complexidade da Ciência da Informação se revela no pensamento complexo além da organização, tratamento e apropriações pelo pesquisador, nas instituições pesquisadas em diferentes países e continentes, se verificam os movimentos entre coleta e modelagem para dimensões virtuais adequadas em expressões tecnológicas viáveis e não impossíveis.

## **6.1 Infografia e proposta de representação para meios digitais**

Os diversos modelos aplicados às Ciências Sociais Aplicadas provocaram um outro olhar para destacar as correspondências dos significados dos termos corredores e dimensões virtuais dos quais deles emanam o físico, o material, o concreto, o

imaginário e à transcendência do imaterial. Por isso, as dimensões virtuais, formulam-se no polo técnico, em que se manifestam desde então, em coletas das informações documentais sobre o espaço marítimo das navegações ultramarinas; o segundo momento quando deu-se a conformação ao que se denomina polo teórico e polo técnico, no encontro particular com o dado empírico (Bryne; Herman; Schoutheete, 1977, p. 36), nas densidades previsíveis do passado e da memória das logísticas de produção do Café dos corredores regionais, reconhecidamente nas relações do trabalho, do domínio da terra, do servilismo e do patronado nos *plantacions*, nos caminhos e passos de aberturas de estradas de terra e linhas férreas, para exportação no espaço marítimo entre os continentes.

Os documentos convergem-se em proximidades multidisciplinares de análises espaciais da lógica temporal. São registros dos adventos históricos diferentes e criadores de sistemas a partir da História Colonial e do Império brasileiros, com o desenvolvimento das tecnologias mecânicas evoluídas na República, a partir das engenharias inglesas, portuguesas, das roldanas, do motor a carvão, das exemplares máquinas que fizeram o homem voar com o financiamento da produção e exportação do Café na primeira dimensão; descreve o objeto do transporte a vapor, ordena o mundo das organizações e poderes, assim como a eletricidade, no século XX, fará ocupar o trabalhador na noite o tempo produtivo da República, movido pela força do café.

#### **6.1.1 Quatro dimensões para a organização da informação do período do café**

No quadro seguinte indicamos alguns conjuntos de conceitos e termos permitidos na exploração de metáforas, conduzindo à infografia em quatro principais corredores estruturados:

**Quadro 16 – Infografia - Indicação de conceitos e termos**

<b>Dimensões da organização da informação da história oficial</b>
<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ <b>Local do contexto histórico/cultural</b> A partir do levantamento dos acervos das instituições e particularidades da <i>plantacion do café</i>.</li> <li>▪ <b>As instituições MABCD como processadoras da informação e como mediadoras culturais</b> Desenvolvem-se os locais de armazenamento, processamento e expansão da documentação, denominada acervo, estruturando outra documentação, agora servindo como <i>informação</i>.</li> </ul>
<b>Dimensão da classificação sobre a informação econômica do café</b>
<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ <b>Edificação e sistema produtivo local</b> Das particularidades do patrimônio cultural edificado: 1) fazenda de café; 2) o interior do país; 3) reconduzir os conceitos de preservação cultural baseados na legislação da Constituição Brasileira, incluem-se as leis estaduais e municipais e órgãos responsáveis pelos mecanismos de proteção, preservação e divulgação. No corredor do Café produtivo – Mercado financeiro – surgimento e falência dos Bancos e Bolsa de Valores. Os aspectos econômicos a partir da histórica sedimentação do café, cuja implantação de instituições culturais teve finalidades transformadas como sede da fazenda da produção econômica para sede de museu e uma pequena história institucional.</li> </ul>
<b>Na dimensão das Regionalidades</b>
<p>As particularidades do patrimônio cultural na recuperação das linhas das estradas de ferro e escoamento de produção para portos brasileiros, como exemplo o corredor paulista São Paulo-Santos, ou das expansões descritas por Ferrão</p>
<b>Na dimensão dos Territórios</b>
<p>Do ponto de vista geográfico e na expansão econômica e cultural do café surgem os elementos da análise da história e expansão cafeeira e do desenvolvimento científico, educativo e cultural.</p>

Fonte: Elaborado pela autora, 2017

A primeira dimensão *da organização da informação da história oficial* é aquela que advém do *plantacion* nas largas fazendas brasileiras, da prática do agenciamento baseado em princípios científicos e nacionalistas e preocupa-se com a apropriação de objetos representativos das esferas familiares da oligarquia, da atividade doméstica, da

atividade econômica expansiva, da religião, do domínio da natureza, dos benfeitores e dos experimentos da planta. As personagens desta história objetivaram a formação das coleções das bibliotecas museus, dos conjuntos documentais da administração pública.

A dimensão da *classificação da informação do café* é aquela em que os objetos são (re) interpretados através da linguagem natural de uma sociedade, ao submeter tais órfãos (objetos) ao novo batizado e destinar-lhe novas denominações e classificações. Folhas e sementes da rubiácea são classificadas de acordo com o critério botânico.

A dimensão da *organização da informação do café das regionalidades* está em relação à cultura do armazenamento informacional, como as Bibliotecas, Museus e Arquivos são identitárias de sua organização a que pertencem, no processo de contextualizar os modos de fazer no espaço (Certeau, 1994) e o sentimento de pertencimento do usuário em seu espaço. E, por último, em uma quarta *dimensão da fonte da informação do café* intensificado pela função social da memória está presente a tentativa de se estabelecer a interdisciplinaridade entre Museologia, Ciências Sociais e História, ainda que limitada para atribuição de valores aos objetos, mais provenientes do contexto local que da simbologia universal.

## **6.2 Linguagens, cultura e a demanda infografia**

*Café* é palavra autônoma que já se constituiu em metáfora dos significados da espécie, da planta, da bebida, do local. A fabricação da informação passiva a insistir na solução tecnológica para se beneficiar dos atributos que sejam baseados no domínio da linguagem natural, sistêmica, codificada para controlar ambiguidades conceituais. Persistimos na busca de conter a abundância dos significados. Será necessária uma reeducação para contrair o desperdício das significações que são frágeis demais para

conduzir o leitor ao conhecimento sem as mediações das linguagens artificiais. Essa “demanda”, como muitos pesquisadores tratam, é também objeto de pesquisa.

Controlar ambiguidades terminológicas é uma atividade das insistências da prática do profissional da informação, na solução tecnológica para beneficiar a *informação exata sem ruído*, precisa, em seu fluxo de contextos diferentes que mobiliza os profissionais nas áreas da Biblioteconomia e da Arquivística. Este é um paradoxo da busca do acesso e do respeito ético às diferentes etnias. Parece ser inquestionável, ou convincente, que entre outras perspectivas da exploração da *informação social*, que é a partir do que se considera *informação*, no escopo teórico das áreas do conhecimento e contexto histórico se dá sentido à busca por “uma verdade” para, assim, poder inferir sobre a realidade.

O novo conceito para explicar a cultura, desde o século XVIII, está na gênese da cultura e de sua rede complexa, em que tem a sugestão e raiz manifestas no espírito humano onde se formou, deu formas ao pensamento e caracterizou as manifestações do espírito na arte e na ciência. As ditas contradições entre cultura popular e erudita, aparentemente findas, ainda não foram resolvidas em países como o Brasil, devido à da estrutura social política de origem colonial, onde a distribuição igualitária de direitos do trabalho e educação ainda estão por vir.

O apelo democrático do direito à informação e à sua verdade continua resistente como categoria na compreensão dos direitos humanos, no entanto, para explicar diferenças sociais faz sentido dar visibilidade aos artefatos e objetos do mundo, facilitadores da apropriação e compreensão da criatividade do espírito humano das classes sociais, nos processos históricos e na hierarquização do conhecimento.

O conceito de Cultura é, portanto, operatório para as Ciências Sociais, a História e Ciência da Informação em que se inscrevem o mundo das ideias. Quando ligado ao

conceito *informação* a cultura tem fronteiras e vazantes como: 1) está estruturado mas não aparece trabalhado em termos de sentido amplo para a Ciência da Informação, “há muita informação e pouco conhecimento”, como afere a “sabedoria popular” na frase difundida na contemporaneidade; 2) a noção de cultura e conhecimento atrelam-se à ideia de arte e ciência, que “também é uma atividade humana de descoberta”, segundo Malheiro Silva (2014) e 3) a cognição, oriunda dos estudos da neurociência, auxilia a entender o conjunto de informações estruturadas que podem ser socialmente comunicadas em linguagens determinadas.

Para falar de linguagem foi necessário falar sobre documentos, do suporte onde a informação se inscreveu. O documento nasceu documento e para tê-lo houve fontes, tipos, caligrafias, desenhos e toda forma de marcas. E é a partir dos leitores, usuários e apropriantes que se pode distinguir e difundir *Informação* e *Cultura*, qualificando o suporte da informação apesar dos diversos significados do mesmo signo. (Nöth, 2013, p.74-97)

O sentido mecanicista da Informação teve origem com a Cibernética e o que se prevê como canal, disposição de sinais em composição da comunicação e listados pela passagem em transformação, o “Meio é a Mensagem”, isto é, das conclusões de McLuhan quando se baseou em modelar a mensagem pela informação e o meio, frase clássica que faz sentido aos derivados eletrônicos desenvolvidos no ambiente digital, dos suportes informacionais, frente às mudanças tecnológicas velozes.

No século XX são construídas as linguagens adotadas em sistemas tecnológicos eletrônicos<sup>47</sup>, e tais aplicações recentes da evolução científica, viabilizam a comunicação de acervos documentais de materiais impressos ou da imagem para, com esse procedimento, multiplicar os conteúdos informacionais científicos, históricos e artísticos.

---

<sup>47</sup> Aqui vale a observação de que hoje apressadamente tais sistemas são substituíveis na motivação da compulsão tecnológica do mundo contemporâneo.

Nos antagonismos do sistema capitalista os vetores econômico e industrial marcaram divergências sociais, no alinhamento ou na disputa de poderes. Na base social da produção, os pobres, operários e trabalhadores rurais; e na frente dos homens obstinados a negociar definiram a figura do mercador; agentes ou corretores financeiros, no mundo do capital. Tais personagens, agenciados por empresas agrárias, indústrias, bancárias ou do mercado produziram a modernidade e junto com ela as diferenças sociais seculares. As riquezas aumentaram o jogo desequilibrado do sistema capitalista, cuja dinâmica faz-se pelas contradições sociais. A comunicação entre os homens diferenciados em classes sociais faz-se por codificações da realidade nem sempre com informações humanizadas no convívio social.

Na teoria voltada para as linguagens documentárias de natureza transdisciplinar, tudo isso implica em realizar profundos estudos dos contextos sociais, em particular e transformações no século XXI. A coordenada da virtualidade, da imagem do vórtex, indicada ao longo desse trabalho, estabelece-se para definir temáticas da pesquisa sobre uma determinada época em que há transversalidade das visões socializadas do conhecimento, isto é, onde se concebe exigência da metaleitura e da transferência digital do suporte analógico.

## Referências

- Agroportal. O Glossário (2020). Disponível em <https://agroportal.ao/>. Acesso em: 10 nov. 2021.
- Anadolu Agency (2015). History of Turkish coffee on display. *Daily News*. Disponível em: <http://www.hurriyetdailynews.com/history-of-turkish-coffee-on-display-78519>. Acesso em: 15 mar. 2018.

- Arara (2010). *Fazendas históricas de café*. Disponível em:  
<http://www.arara.fr/BBCAFEFAZENDAS.html>. Acesso em: 15 mar. 2016.
- Araújo, Emanuel (Org.). (2000). *Exposição "O café"*. São Paulo: Banco Real ABN-AMRO Bank. Catálogo de Exposição.
- Argollo, Andre Munhoz de (2004). *Arquitetura do café*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado.
- Avrupa Kültür Başkenti (2010). *Istanbul Ansiklopedisi*. Istanbul: NTV yayinlari. 435p.
- Ayvazoğlu, Beşir (2015). *La cultura del café turco: con una taza de café turco se inicia una amistad de cuarenta años*. Repúblicas de Turquía: Publicaciones del Ministerio de Cultura y Turismo.
- Bachelard, Gaston (2013). *A terra e os devaneios da vontade: ensaio sobre a imaginação das forças*. 4. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes. 317 p.
- Balzac, Honoré (2007). *Ilusões perdidas*. São Paulo: Estação Liberdade. 760 p.
- Beraquet, Vera Sílvia Marão & Ciol, Renata (Orgs.). (2010). *O profissional da informação na gestão: uma coletânea*. Campinas: Akademika.
- Barité, Mario. (2014). *El control de vocabulario en la era digital:revisión conceptual*. Disponível em  
<https://www.iberid.eu/ojs/index.php/scire/article/view/4196/376699-108>. Acesso em 23 nov. de 2021
- Barra, Carmo (1904). *O café brasileiro na Itália sua propaganda: memória histórica apresentada à Sociedade Paulista de Agricultura*. São Paulo: Typographia Andrade & Mello. 21 p.
- Borges, Nelson Correia (1687). *A arte nas festas do casamento de D. Pedro II*. Lisboa: Passagem.

- Borges, Paulo César Rodrigues & Galvão, Maria Cristiane Barbosa (2000). Ciência da informação: recursiva no contexto da sociedade da informação. *Revista da Ciência da Informação*, Brasília, 29(3), p. 40-49. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/%0D/ci/v29n3/a05v29n3.pdf>. Acesso em: 15 mar. 2016.
- Bosi, Ecléa (1944). *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Bourdieu, Pierre (2004). *Os usos sociais da ciência: por uma sociologia clínica do campo científico*. São Paulo: UNESP.
- Bräscher, Marisa & Café, Lígia (2008). *Organização da informação ou organização do conhecimento?* Anais do 9. Encontro Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação (ENANCIB). São Paulo: ANCIB, 2008.
- Brasil. Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão (2012). *Guia de interoperabilidade: Manual do Gestor*. Brasília: Secretaria de Logística e Tecnologia da Informação; Departamento de Governo Eletrônico, 2012. 20 p. Disponível em: [http://www.governoeletronico.gov.br/biblioteca/arquivos/manual\\_-\\_do-gestor-de-interoperabilidade/download](http://www.governoeletronico.gov.br/biblioteca/arquivos/manual_-_do-gestor-de-interoperabilidade/download). Acesso em: 03 abr. 2015.
- Braudel, Fernand (1996a). *Civilização material, economia e capitalismo: séculos XV-XVIII*. v. 1 – As estruturas do cotidiano: possível e o impossível. São Paulo: Martins Fontes.
- Braudel, Fernand (1996b). *Civilização material, economia e capitalismo: séculos XV-XVIII*. v. 2 – Os jogos das trocas. São Paulo: Martins Fontes.
- Braudel, Fernand (1996c). *Civilização material, economia e capitalismo: séculos XV-XVIII*. v. 3 – O tempo do mundo. São Paulo: Martins Fontes.

- Buarque de Holanda, Sérgio (1989). *Raízes de Sérgio Buarque de Holanda*. Rio de Janeiro: Rocco.
- Burke, Peter (2010). *A escola dos Annales (1929-1989): a revolução francesa da historiografia*. 2. ed. São Paulo: UNESP. 174p.
- Café Santa Monica. Produção Kinoosfera Filmes, 2017
- Camargo, Ana Maria et al. (2010). *Dicionário de terminologia arquivística*. São Paulo: Centro de Memória da Educação FEUSP/FAPESP.
- Camargo Ana Maria (2015). Arquivos pessoais são arquivos. *Revista do Arquivo Público Mineiro*. Disponível em [http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/acervo/rapm\\_pdf/2009-2-A02.pdf](http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/acervo/rapm_pdf/2009-2-A02.pdf). Acesso em 27 nov. 2021.
- Camargo; Telles (1953). *O café no Brasil: sua aclimação e industrialização*. Rio de Janeiro: Serviço de Informação Agrícola do Rio de Janeiro. 476 p. (Série Estudos Brasileiros, n. 4, v. 1).
- Camus, Albert (2010). *O mito de Sísifo*. Rio de Janeiro: BestBolso.
- Candau, Joël (2013). *Antropologia da memória*. Lisboa: Instituto Piaget. 236 p.
- Carvalho, Vânia Carneiro de (2008). *Gênero e artefato: o sistema doméstico na perspectiva da cultura material*. São Paulo: EDUSP; FAPESP.
- Çelik, Zeynep, Eldem, Edhem & Oztuncay, Bahattin (2015). *CamaraOttomona: Osmanli Imparatorlugu nfaFotografveModernite [Photography and Modernity in the Ottoman Empire] 1840-1914*. Istanbul: Koç University.
- Cellard, A. (2008). A análise documental. In POUPART, J. et al. *A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos*. Petrópolis: Vozes. p. 295-313.
- Certeau, Michel de (1994). *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Petrópolis: Vozes.

Ching, Francis (2010). *Dicionário visual de arquitetura*. 2. ed. São Paulo: Martins

Fontes. 320 p.

Chomsky, Noam (2007). **Linguagem e responsabilidade**. São Paulo: JSN.

Costa, A. & Vergara, S. C. (2012). Estruturalista, pós-estruturalista ou pós-moderno?

apropriações do pensamento de Michel Foucault por pesquisadores da área da Administração no Brasil. *Revista Gestão e Sociedade*, 6(13), p. 69-89.

Disponível em: <http://www.gestao>

[esociedade.org/gestaoesociedade/article/download/1527/97](http://www.gestao.org/gestaoesociedade/article/download/1527/97). Acesso em: 11 nov.

2014.

Costa, Emilia Viotti da (1999). *Da monarquia à República: momentos decisivos*. São

Paulo: UNESP.

Costa, F. J. & Muzio, H. (2012). Para além da homogeneidade cultural: a cultura

organizacional na perspectiva subnacional. *Cad. EBAPE.BR*, 10(1), p. 146-161.

Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/cebape/v10n1/10.pdf>. Acesso em: 28

mar. 2017.

Domingues, Francisco Contente. (2002). Nau, navios, construção e arquitectura naval.

In Domingues, Francisco Contente (Org.). *Base de dados "Navegações portuguesas"*. Disponível em: [http://cvc.instituto-](http://cvc.instituto-camoes.pt/navegaport/c15.html)

[camoes.pt/navegaport/c15.html](http://cvc.instituto-camoes.pt/navegaport/c15.html). Acesso em: 12 abr. 2016.

Edelman, G. M. & Tononi, G. (2000a). *A universe of consciousness: how matter*

becomes imagination. New York: Basic Books. p. 123.

Edelman, G. M. & Tononi, G. (2000b). *Comment la matière devient conscience*. Paris:

Odile Jacob.

Elemento referencial contido no documento (1999). In *Dicionário de Terminologia*

*Arquivística*. São Paulo: Associação dos Arquivistas de São Paulo.

- Énault, E. L. (1983). **La méditerranée, ses îles et ses bords**. Disponível em:  
<http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k106478h>. Acesso em: 26. Nov. 2021.
- Espírito Santo, Silvia Maria do. (2009). Os “corredores do café” como mediação do objeto cognitivo para a Ciência da Informação. *DataGramZero*, 10(4).  
Disponível em: [http://www.datagramazero.org.br/ago09/Art\\_02.htm](http://www.datagramazero.org.br/ago09/Art_02.htm). Acesso em: 25 nov. 2009.
- Espírito Santo, Silvia Maria do. (2015a). A destacada função social do arquivo otomano: Hazîne-i Evrak ou Osmanlı Arşivi, Arşiv. *Páginas A&B*, 3(3).  
Disponível em: <http://ojs.letras.up.pt/index.php/paginasueb/article/download/666/632>. Acesso em: 15 abr. 2016.
- Espírito Santo, Silvia Maria do. (2015b). Leitura e vocabulário controlado do documento do Café. *Revista Prisma*, 27, p. 3-17. Disponível em:  
<http://revistas.ua.pt/index.php/prismacom/article/view/3466/3209>. Acesso em: 15 mar. 2016.
- Espírito Santo, Silvia Maria do; Maraňon, Eduardo Murguia (2013). Relações pendulares na mediação da informação: arquivo-biblioteca-museu. Disponível em <http://repositorios.questoesemrede.uff.br>. Acesso em: 05 nov. 2021
- Espírito Santo, Silvia Maria do. (2015c). *O colecionador público documentalista: Museu Histórico e de Ordem Geral Plínio Travassos dos Santos de Ribeirão Preto (SP)*. Ribeirão Preto, SP: Holos. 177 p.
- Espírito Santo, Silvia Maria do. (2009). *O colecionismo do Museu Histórico e de ordem geral Plínio Travassos dos Santos frente à organização da informação*. 2009 (Tese de Doutorado em Ciência da Informação) – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, UNESP, Brasil.

- Espírito Santo, Silvia Maria do. (2019). *Entrevista com Armando Malheiro da Silva*. InCid. Revista de Ciência da Informação e Documentação. v. 10, n. 1, p. 326-334. Disponível em <https://www.revistas.usp.br/incid/article/view/155627>. Acesso em 11 nov. 2021.
- Faleiros, Rogério Naques (2008). *Homens do café: Franca, 1880-1920*. Ribeirão Preto: Holos. 161p.
- Faoro, Raymundo (2000). *Os donos do poder: formação do patronato político*. São Paulo: Publifolha, v. 1.
- Fausto, Boris (1999). *História do Brasil*. 6. ed. São Paulo: EDUSP.
- Fayet, Jean-François. (2009). De la source a l'objet d'histoire: esquisse d' une histoire des fonds personnels des centres d' archives soviétiques. In Combe, Sonia (Dir.). *Archives et histoire dans les sociétés postcommunistes*. Paris: La Découverte; Bibliothèque de Documentation Internationale Contemporaine. p. 93-109.
- Fernandes, Florestan. (1972). *Comunidade e sociedade no Brasil: leituras básicas de introdução ao estudo macrosociológico do Brasil: a metropolização da cidade de São Paulo*. São Paulo: Edusp.
- Ferrão, José Eduardo Mendes (1999). *A aventura das plantas e os descobrimentos portugueses*. Lisboa: Instituto de investigação científica tropical; Comissão Nacional para comemorações dos descobrimentos portugueses.
- Ferrão, José Eduardo Mendes (2009). *O café: a bebida negra dos sonhos claros*. Lisboa: Chaves Ferreira.
- Flusser, Vilem. (2007). *O mundo codificado: por uma filosofia de design e da comunicação*. São Paulo: Cosac Naify. 224 p.
- Freyre, Gilberto. (1997). *Açúcar: uma sociologia do doce, com receitas de bolos e doces do Nordeste do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras. 215 p.

- Freyre, Gilberto (2006). *Casa grande & senzala: formação das famílias brasileira sob o regime da economia patriarca*. 51. ed. São Paulo: Global.
- Furtado, Celso (2000). *Formação econômica do Brasil*. 27. ed. São Paulo: Publifolha. 276 p.
- Galeano, Eduardo (2020). *As veias abertas da América Latina*. Tradução Sergio Faraco. Porto Alegre: L&PM.
- Gestão Integrada de Sistemas de Arquivo (GISA-WEB). *Arquivo Municipal do Porto, Portugal*. Disponível em: <http://gisaweb.cm-porto.pt/>. Acesso em: 29 abr. 2017.
- Giddens, Antony (2003). *A constituição da sociedade*. São Paulo: Martins Fontes.
- Giddens, Antony & Sutton, Philip W. (2016). *Conceitos essenciais da Sociologia*. São Paulo: Editora UNESP.
- Gombrich, Ernest Hans (2011). *A história da arte*. 16. ed. Rio de Janeiro: LTC.
- Gomes, Maria Nélide González de (1995). A informação: dos estoques às redes. *Ciência da Informação*, 24(1). Disponível em: <http://revista.ibict.br/ciinf/article/viewFile/611/613>>. Acesso em: 27 mar. 2017.
- Gomes, Maria Nélide González de (2021). A Documerialidade: o Novo Rrealismo de Maurício Ferraris. Disponível em [https://www.researchgate.net/publication/356441829\\_A\\_DOCUMEDIALIDAD\\_E\\_O\\_NOVO\\_REALISMO\\_DE\\_MAUORIZIO\\_FERRARIS](https://www.researchgate.net/publication/356441829_A_DOCUMEDIALIDAD_E_O_NOVO_REALISMO_DE_MAUORIZIO_FERRARIS). Acesso em 23 nov. 2021.
- Halbawachs, Maurice. (1999). *A Memória Coletiva*. São Paulo: Vértice; Editora Revistados Tribunais LTDA.
- Harris, W. V. (2005). *Repensando o Mediterrâneo*. EUA: Oxford Press.
- Hecht, Susanna B. (2013). The scramble for the Amazon and the lost paradise of Euclides da Cunha. @cetera, 17. Disponível em: <https://eces.revues.org/1166>. Acesso em: 22 ago. 2016.

- Heinemann, Fritz (2014). *A Filosofia no século XX*. 8. ed. Porto: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Hoornaert, Eduardo (1983). A evangelização no Brasil durante a primeira época colonial. Cap I-VII. In Hoornaert, Eduardo (Org.). *História geral da Igreja na América Latina: história da Igreja no Brasil*. São Paulo: Hucitec.
- Ianni, Octávio (1995). *Teorias da globalização*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Ianni, Octávio (1999). *A era do globalismo*. 4. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Kobashi, N. (1997). Resumos documentários: uma proposta metodológica. *Revista de Biblioteconomia de Brasília*, 21(2), p. 201-210. Disponível em: [http://www.brapci.ufpr.br/brapci/\\_repositorio/2010/03/pdf\\_e24771249c\\_0008819.pdf](http://www.brapci.ufpr.br/brapci/_repositorio/2010/03/pdf_e24771249c_0008819.pdf). Acesso em: 9 fev. 2017.
- Konder, L. A. (1996). *A poesia de Brecht e a história de Leandro Konder*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. Disponível em: <http://www.iea.usp.br/publicacoes/textos/konderbrecht.pdf>. Acesso em: 5 abr. 2015.
- Koz, M. Sabri & Kuzucu, Kemalettin (2014). *Turkish Coffee*. Istanbul: Yapi Kredi Yayinlari.
- Le Goff, Jacques (1997). *A Europa contada aos jovens*. Lisboa: Gradiva Público.
- Le Goff, Jacques (1992). *History and memory*. New York: Columbia University.
- Leroi-Gourhan, A. (1964). *Le geste et la parole: la mémoire et le rythmes*. Paris: Albin Michel. v. II.
- Lévi-Strauss, Claude (2004). *O cru e o cozido*. São Paulo: Cosac & Naify. 442 p.
- Lévy, Pierre (1993). *As tecnologias da inteligência*. Rio de Janeiro: 34.
- Lévy, Pierre (1996). *O que é virtual?* Rio de Janeiro: 34.

- Lévy, Pierre (2007). O que é o virtual? In *Conferência Fronteiras do Pensamento*, 2007. Produção de Telos Cultural e Audiovisual V2. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=sMyokl6YJ5U>. Acesso em: 26 mar. 2017.
- Lourenço, Eduardo (2015). *Do Brasil: fascínio e miragem*. Lisboa: Gradiva.
- Manini, Miriam Paula & Matos, Katia Gomez de (2016). Análise documentária de infografias. *Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação*, 17, 2016. Disponível em: <http://basessibi.c3sl.ufpr.br/brapci/index.php/article/view/0000021673/4d8a76cdabd3eaaed351d0d5e3122363>. Acesso em: 08 abr. 2017.
- Manovich, Lev (2001). *The language of the new media*. Cambridge, London: The MIT Press.
- Marx, K. (1971). *O capital: o processo de produção capitalista*. 2. ed. São Paulo: Civilização Brasileira.
- Mayer, Ruy (1924). *Machinas agricolas: vantagens e modo de as usar*. Porto: Oficinas do Commercio do Porto. 71 p.
- Mazoyer, Marcel & Roudart, Laurence (2010). *História das agriculturas no mundo: do neolítico à crise contemporânea*. São Paulo: Editora UNESP. 568 p.
- Mcluhan, Marshall (1977). *A galáxia de Gutenberg*. São Paulo: Editora Nacional.
- Mcluhan, Marshall (2009). *Compreender-me: conferências e entrevistas*. Lisboa: Relógio D'Água.
- Melo, Alfredo César (2009). Saudosismo e crítica social em “Casa grande & senzala”: a articulação de uma política da memória e de uma utopia. *Estud. av.*, 23(67), 2009. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-40142009000300031](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142009000300031). Acesso em: 08 abr. 2017.

Método Quadripolar. In *DeltCi - Dicionário Eletrônico de Terminologia em Ciência da Informação*. Universidade do Porto. Lisboa: s.d. Disponível em:

<https://paginas.fe.up.pt/~lci/index.php/1738>. Acesso em: 26 mar. 2017.

Milliet, Sérgio (1941). *Roteiro do café e outros ensaios*: contribuição para o estudo da história e social do Brasil. São Paulo: Coleção do Departamento de Cultura.

Disponível em: <<https://archive.org/details/roteirodocafe1941mill>>. Acesso em 29 abr. 2017.

Morin, Edgar (2008a). *A cabeça bem-feita*: repensar a reforma, reformar o pensamento. 15. ed. Rio de Janeiro: Bertrand. 128 p.

Morin, Edgar (2008b). *A via*: para o futuro da humanidade. Rio de Janeiro: Bertrand.

Muzzio, Henrique & Costa, Francisco José da (2012). Para além da homogeneidade cultural: a cultura organizacional na perspectiva subnacional. *Cad. EBAPE.BR*, 10(1), p. 146-161. Disponível em:

<http://www.scielo.br/pdf/cebape/v10n1/10.pdf>. Acesso em: 15 mar. 2016.

Nascimento, Luana de Almeida (2012). *A preservação da organicidade da informação arquivística*. 116 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Instituto de Arte e Comunicação Social, Universidade Federal Fluminense, Niterói.

Disponível em: [http://www.ci.uff.br/ppgci/arquivos/Dissert/Dissertacao\\_Luana\\_Nascimento.pdf](http://www.ci.uff.br/ppgci/arquivos/Dissert/Dissertacao_Luana_Nascimento.pdf). Acesso em: 12 mar. 2016.

Nöth, Winfried (2013). Os signos como educadores: insights piercianos. *Teccogs*, 7, p. 74-97. Disponível em:

[http://www4.pucsp.br/pos/tidd/teccogs/artigos/2013/edicao\\_7/5-signos\\_como-educadores-winfried\\_noth.pdf](http://www4.pucsp.br/pos/tidd/teccogs/artigos/2013/edicao_7/5-signos_como-educadores-winfried_noth.pdf). Acesso em: 27 mar. 2017.

Nörth, Winfried (2016). *De Platão a Pierce*: filosofia ciência & vida. São Paulo: Empresa Brasil de Revistas.

- Novaes, André Reyes (2012-2013). A Terra Brasilis como Terra Incógnita. *Revista Carbono*, 1, Dossiê Início do Mundo. Disponível em:  
<http://revistacarbono.com/artigos/01a-terra-brasilis-como-terra-incognita/>.  
Acesso em: 29 abr. 2017.
- Observatório da Ciência da Informação da Universidade do Porto (2015). *DeltCi - Dicionário Eletrónico de Terminologia em Ciência da Informação*. Disponível em: <https://paginas.fe.up.pt/~lci/novo/index.php/capacitar/dtinfcomp/ano20102011/itemlist/user/74-observat%C3%B3rioc%C3%A2nciadainforma%C3%A7%C3%A3o?start=40>. Acesso em: 08 abr. 2017.
- Osmanlı, Uluumay, Kiyafetleri, Halk & Müzesi, VeTakilari (2010). *Bursa Çeyiz El Sanatlari*. Kaynakgösterilmeden kullanılamaz. 73p.
- Pacheco, A. P. (2009). *A honra, a glória e a morte em Ilíada e Odisséia*. 174 f.  
Dissertação (Mestrado em História Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Palmer, Alan (2013). *Declínio e queda do império Otomano*. São Paulo: Globo. 318 p.
- Pamuk, Orhan (2010). *Outras cores: ensaio e um conto*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Pamuk, Orhan (2012). *The innocence of objects: the Museum of Innocence in Istanbul*. New York: Abrams. 264p
- Pekin, Ersu (Org.) (2015). *BirtasimKeyif: türk kahvesinin 500 yillikoykusu*. [Catálogo da exposição em inglês]. Istanbul: KulturveTurizmBakanlığı / Turk Kahvesi Kulturu ve Arastirmalari Dernegi. 453 p.
- Pera Museum. *Coffee break: the adventure of coffee in kütahya tiles and ceramics*. (2017) Istanbul. Catálogo de exposição.

Pera Museum (2021). Disponível em [https://www.artsy.net/show/pera-museum-coffee-break-the-adventure-of-coffee-in-kutahya-tiles-and-ceramics?sort=partner\\_show\\_position&attribution\\_class%5B0%5D=unique](https://www.artsy.net/show/pera-museum-coffee-break-the-adventure-of-coffee-in-kutahya-tiles-and-ceramics?sort=partner_show_position&attribution_class%5B0%5D=unique).

Acesso em 19 nov. 2021

Pimenta, Francisco José Paoliello (2001). O conceito de virtualização de Pierre Lévy e sua aplicação em hipermídia. *Lumina – Facom/UFJF*, 4(1). Disponível em: [www.facom.ufjf.br](http://www.facom.ufjf.br). Acesso em: 08 abr. 2017.

Pirastu, N. et al. *Non-additive genome-wide association scan reveals a new gene associated with habitual coffee consumption*. Disponível em: <http://www.nature.com/articles/srep31590>. Acesso em: 29 dez. 2016.

Pires, Cláudia Renata da Silva (2009). O uso da língua geral e sua restrição na América portuguesa. *Espaço Acadêmico*, 93. Disponível em: <https://www.espacoacademico.com.br/093/93pires.pdf>. Acesso em: 11 mar. 2016.

Poupart, Jean et al. (2008). *A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos*. Petrópolis: Vozes.

Programa de Pós-Graduação em Artes visuais da Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGAV-EBA-UFRJ); Museu de Arte do Rio (MAR) (2013). *História de Fantasmas para Gente Grande: exposição, simpósio, conferências*. Rio de Janeiro: MAR. Catálogo de exposição. Disponível em: [http://www.ppgav.eba.ufrj.br/wp-content/uploads/2013/04/EVENTO.PPGAV\\_.MAR\\_.pdf](http://www.ppgav.eba.ufrj.br/wp-content/uploads/2013/04/EVENTO.PPGAV_.MAR_.pdf). Acesso em: 15 mar. 2016.

Ribeiro, Fernanda (2000). A avaliação em arquivística: reformulação teórico-prática de uma operação metodológica. *Páginas a&b: arquivos e bibliotecas*.

- Ribeiro, Fernanda (2005). Novos caminhos da avaliação de informação. *Arquivística.net*, 1(2), p. 53-74. Disponível em: <http://basessibi.c3sl.ufpr.br/brapci/v/a/3948>. Acesso em: 07 abr. 2017.
- Ribeiro, R. J. (2005). Filósofos franceses no Brasil. In Martins, Carlos Benedito (Org.). *Diálogos entre o Brasil e a França: formação e cooperação acadêmica*. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, p. 456-464. Disponível em: [http://www.capes.gov.br/export/sites/capes/download/artigos/Artigo\\_12\\_01\\_06.pdf](http://www.capes.gov.br/export/sites/capes/download/artigos/Artigo_12_01_06.pdf). Acesso em: 31 maio 2007.
- Sajdi, Dana (2014). *Ottoman tulips, ottoman coffee: leisure and lifestyle in the eighteenth century*. New York: Tauris.
- Salgueiro, Heliana Angotti (Coord.) (2000). *Paisagem e arte: a invenção da natureza, a evolução do olhar*. São Paulo: CBHA/CNPq/FAPESP.
- Santaella, Lúcia (2003). *Culturas e artes do pós-humano: da cultura das mídias à cibercultura*. São Paulo: Paulus. Disponível em: <https://identidadesculturas.files.wordpress.com/2011/05/santaella-culturas-e-artes-do-pc3b3s-humano.pdf>. Acesso em: 27 mar. 2017.
- Santo, Silvia Maria do Espírito. Os “corredores do café” como mediação do objeto cognitivo para a ciência da informação. *DataGramaZero*, v. 10, n. 4, 2009. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/6938>. Acesso em: 25 nov. 2021.
- Schellenberg, T. R. (2006). *Arquivos modernos: princípios e técnicas*. 6. ed. Rio de Janeiro: FGV. 388 p.
- Silva, Armando Malheiro et al. (2002). *Arquivística: teoria e prática de uma ciência da informação*. 2. ed. Porto: Afrontamento.

Silva, Armando Malheiro da, Soares, Ana Paula Alves & Pinto, Adilson Luiz (2015). O paradigma pós-custodial na arquivística. *Páginas A&B*, 3(4) p. 22-39.

Disponível em: <http://ojs.letras.up.pt/index.php/paginasueb/article/view/996>.

Acesso em: 29 abr. 2017.

Silva, Armando Malheiro da (2010). A pesquisa e suas aplicações em ciência da informação: implicações éticas. In *1º Simpósio Brasileiro de Ética da Informação: ética da informação: conceitos, abordagens, aplicações*. João Pessoa: Ideia, 2010, 106-125. Disponível em: <https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/26301/2/armandomalheiropesquisa000107223.pdf>.

Acesso em: 15 abr. 2016.

Silva, Armando Malheiro da (2014). O método quadripolar e a pesquisa em ciência da

informação. *Revista Prisma*, 26, p. 27-44. Disponível em:

[http://revistas.ua.pt/index.php/prismacom/article/viewFile/3097/pdf\\_37](http://revistas.ua.pt/index.php/prismacom/article/viewFile/3097/pdf_37). Acesso em: 26 mar. 2017.

Silva, Armando Malheiro da (2015). Apresentação. In Espírito Santo, S. M. *O colecionador público documentalista: Museu Histórico e de Ordem Geral “Plínio Travassos dos Santos” de Ribeirão Preto*. Ribeirão Preto: Holos.

Silva, Armando Malheiro da (2016). Que ciência da informação precisamos para enfrentar a complexidade? In *Anais do 17º Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação*. Disponível em:

[https://drive.google.com/file/d/0B7rxeg\\_cwHajNXFtZXZ5Y2FYdVk/view](https://drive.google.com/file/d/0B7rxeg_cwHajNXFtZXZ5Y2FYdVk/view).

Acesso em: 26 mar. 2017.

Silva, Armando Malheiro & Pinto, Manuela Azevedo (2005). Um modelo sistêmico e integral de gestão da informação nas organizações. In *2º Congresso Internacional de Gestão da Tecnologia e Sistemas de Informação*. São Paulo.

Disponível em:

[http://paginas.fe.up.pt/~lci/images/investigar/teoria\\_pratica002.pdf](http://paginas.fe.up.pt/~lci/images/investigar/teoria_pratica002.pdf). Acesso em:

20 nov. 2014.

Smith, H. H. (1941). *Uma fazenda de café no tempo do império*. Rio de Janeiro:

Departamento Nacional do Café. p. 23.

Soares, Maria de Lourdes (2015). O lugar e o espaço-tempo do Brasil. In Lourenço,

Eduardo. *Do Brasil: fascínio e miragem*. Lisboa: Gradiva, p. 17.

Souza, F. F., Ferrão, L. F. V., Caixeta, E. T., Sakiyama, N. S.; Pereira, A. A. & Oliveira,

A. C. B. (2015). Aspectos gerais da biologia e da diversidade genética de *Coffea*

*canephora*. In Souza, F. F. *Café na Amazônia*. Cidade: EMBRAPA

RONDÔNIA, p. 83-98. Disponível em:

[https://www.embrapa.br/rondonia/busca-de-publicacoes/-](https://www.embrapa.br/rondonia/busca-de-publicacoes/-publicacao/1040700/aspectos-gerais-da-biologia-e-da-diversidade-genetica-de-coffea-canephora)

[publicacao/1040700/aspectos-gerais-da-biologia-e-da-diversidade-genetica-de-](https://www.embrapa.br/rondonia/busca-de-publicacoes/-publicacao/1040700/aspectos-gerais-da-biologia-e-da-diversidade-genetica-de-coffea-canephora)

[coffea-canephora](https://www.embrapa.br/rondonia/busca-de-publicacoes/-publicacao/1040700/aspectos-gerais-da-biologia-e-da-diversidade-genetica-de-coffea-canephora). Acesso em: 22 jan. 2017.

Schuwarcz, Lilian M.; Staling, Heloisa M. (2018). *Brasil: uma biografia*. São Paulo:

Editora Companhia das Letras.

Transdisciplinaridade (2008). In Observatório da Ciência da Informação da

Universidade do Porto. Disponível em:

<https://paginas.fe.up.pt/~lci/index.php/1766>. Acesso em: 02 dez. 2018.

Tucci, Maria Luiza Carneiro (2010). *História do Trabalho e Histórias da Imigração*.

São Paulo: Edusp; Fapesp.

Voguel, Michely Jabala Mamede (2009). A influência da Jean-Claude Gardin e a linha

francesa na evolução do conceito de linguagem documentária. *Perspect. ciênc.*

*inf.*, 14, 80-92. Disponível em:

<http://www.scielo.br/pdf/pci/v14nspe/a06v14nspe.pdf>. Acesso em: 15 mar.

2016.

Yedid, Nadina (2013). Introducción a las Folksonomías: definición, características y diferencias com los modelos tradicionales de indización. *Información, cultura y sociedad*, 29, 13-26. Disponível em:

[http://www.scielo.org.ar/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1851-17402013000200002](http://www.scielo.org.ar/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1851-17402013000200002). Acesso em: 15 mar. 2016.

Yerasimos, Marianna (2015). *500 years of Ottoman Cuisine*. Istanbul: Boyut.

---